

Revista da **Semana**

Nº 22 — 31 de maio — 58 — Cr\$



**DORME DE
OLHOS ABERTOS**

**EM CANNES,
MON ONCLE
PAGOU PLACÉ**

**Um toque
de ternura e emoção:**

O MUNDO EM SUAS MÃOS

produção de Mário Brasini,
com o autor, Terezinha Amayo,
Sérgio de Oliveira, Antônio
Carlos e o grande elenco da

RÁDIO MAYRINK VEIGA

tôdas as sextas-feiras, às
21 horas, pelas ondas curtas
e médias da PRA-9, numa
apresentação da

Remington Rand

★ E não se esqueça:

vai surgir a «MISS SECRETÁRIA»!

**B. B. DE PONTA A PONTA,
CERCADA PELOS 7 DIAS...**



CHEGAMOS A IDADE de Brigitte Bardot — é o que asseguram inúmeros estetas, com argumentação tão copiosa que não se ergueu para refutá-la, em Washington ou Moscou, nenhum cientista atômico alemão. Aliás, BB não é um satélite — é uma estrela. E agora visível também no Brasil, onde, há duas semanas, ninguém pensa sequer em fazer outra coisa. Os que a espiaram em "Mademoiselle Pigalle" (Cette Sacrée Gamine), passando a "E Deus Criou a Mulher", tiveram a definitiva revelação — esta no sentido freudiano de verdade e nudez. É uma desinibição absoluta. Como ficam para trás, perto de Brigitte, as descomplexadas heroínas (igualmente francesas) de Françoise Sagan! Porque BB, além do mais — e quem duvida? — foi Deus que fez.

Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 22, Rio, 31-5-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente: **GRATULIANO BRITO**. Diretor-Comercial: **JOFFRE AMADO**. Diretor-Secretário: **ALUIZIO ALVES**. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00.

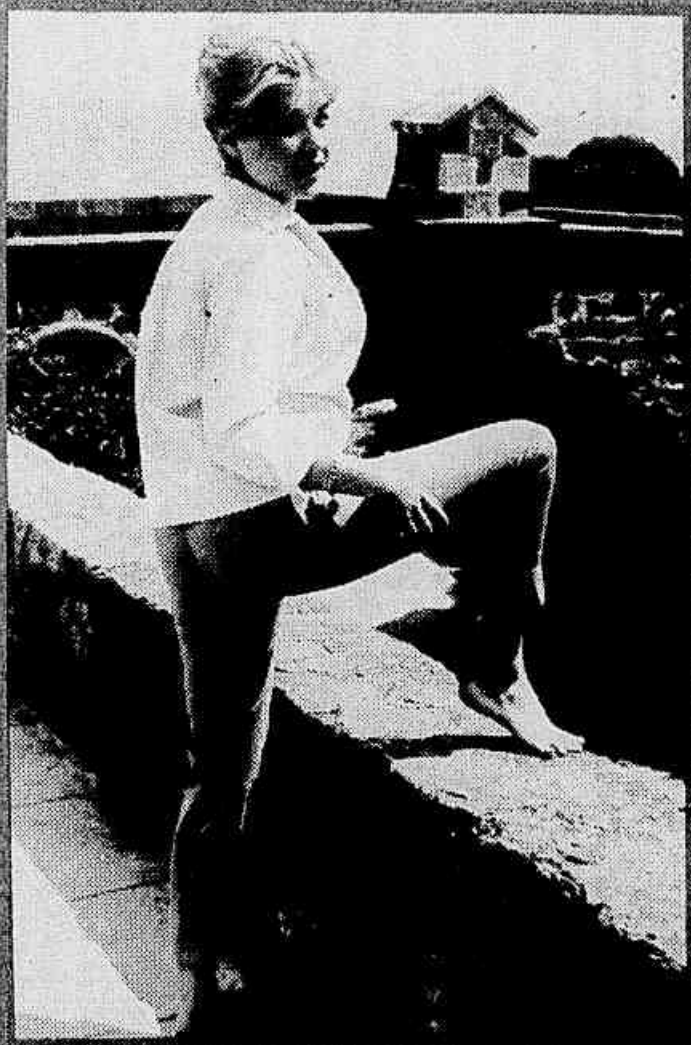
LEIA:

- A CAPA** 54 — A Aeromoça dorme com os olhos abertos
- INTERNACIONAL** 5 — Cannes sem Biquini
- LIVROS** 11 — As Estórias Simples de Guimarães Rosa
- DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO** 12 — O Nordeste fez «fiu-fiu» para Tintina
- CINEMA** 15 — Hollywood e o Colunismo Social
- ASTRONAUTICA** 21 — A Conquista do Espaço
- MEMÓRIAS** 27 — Antônio Silvino, maior Cangaceiro do Nordeste
- ESPORTE** 29 — Como Surgiu o «Handicap»
- POLITICA** 32 — Trapézio
- ATUALIDADE** 34 — A semana deixou estas lembranças
- TEATRO** 43 — Jornada de um longo dia para dentro da noite
- NOVELA POLICIAL** 44 — O Mistério do Arayado
- MODA** 48 — Trunfos para sua elegância
- NACIONAIS** 51 — A Borracha não é nossa
- CONTO** 60 — A Morte traz a vida
- SOCIAIS** 40 — Encontro com Chuck
63 — Mariazinha Maranguape
- MISTÉRIO** 64 — Novo Doutor Jeckyll em Londres
- SEÇÃO** 66 — Figuras e Fatos
- HUMOR** 67 — Ambrózio

CONTATO



PAG. 41

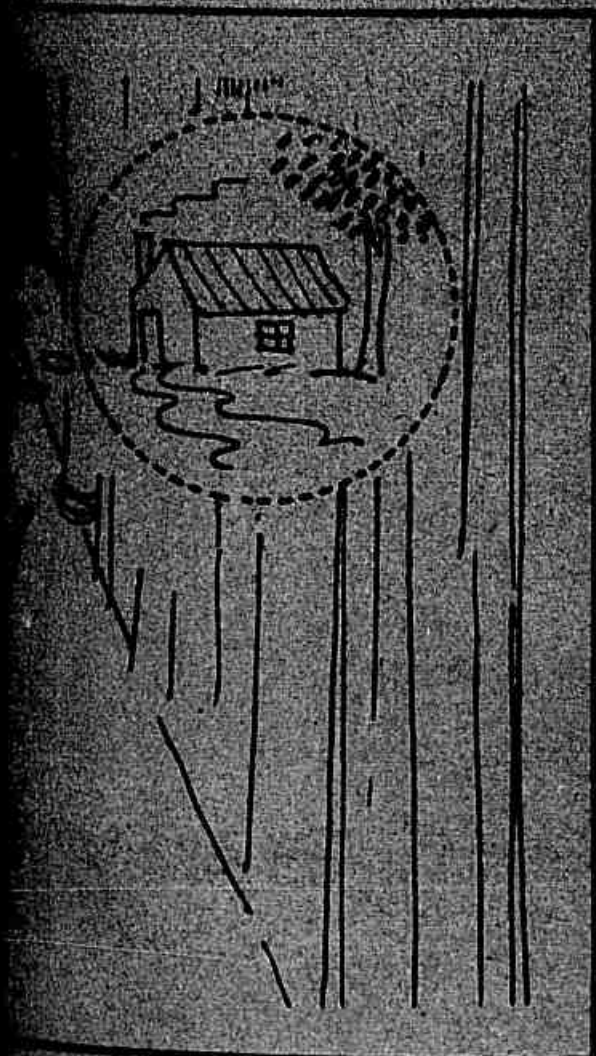


PAG. 42



NATURALMENTE o leitor já tomou contato com esse animalzinho excitante da terceira página. Brigitte Bardot, cercada de todos os lados por dois filmes apresentados quase simultaneamente, foi a grande sensação da semana. Numa homenagem ao bom gosto nacional (e num gesto humanitário para com aqueles que não conseguiram enfrentar as imensas filas dos cinemas cariocas), reproduzimos as formas sinuosas da grande BB, numa foto para ser descolada e colada ao lado do travesseiro, enquanto se sonha com o original.

MAU TEMPO faz do 11.º Festival de Cannes um espetáculo diferente dos anos anteriores. Sem "torreões", para deleite dos olhos, tivemos, em compensação, o debate espiritual, através da apresentação de, pela menos, três grandes filmes, como mostra o reportagem das páginas 4 e 10.



PAG. 67

CONTINUA TITIMA e sua perseguição pelo mundo do, agora, de ambiente romântico. Ela é a protagonista de Recife e Fortaleza, durante alguns dias, e a trilha sonora da obra, com a batucada da bateria e do tambor.

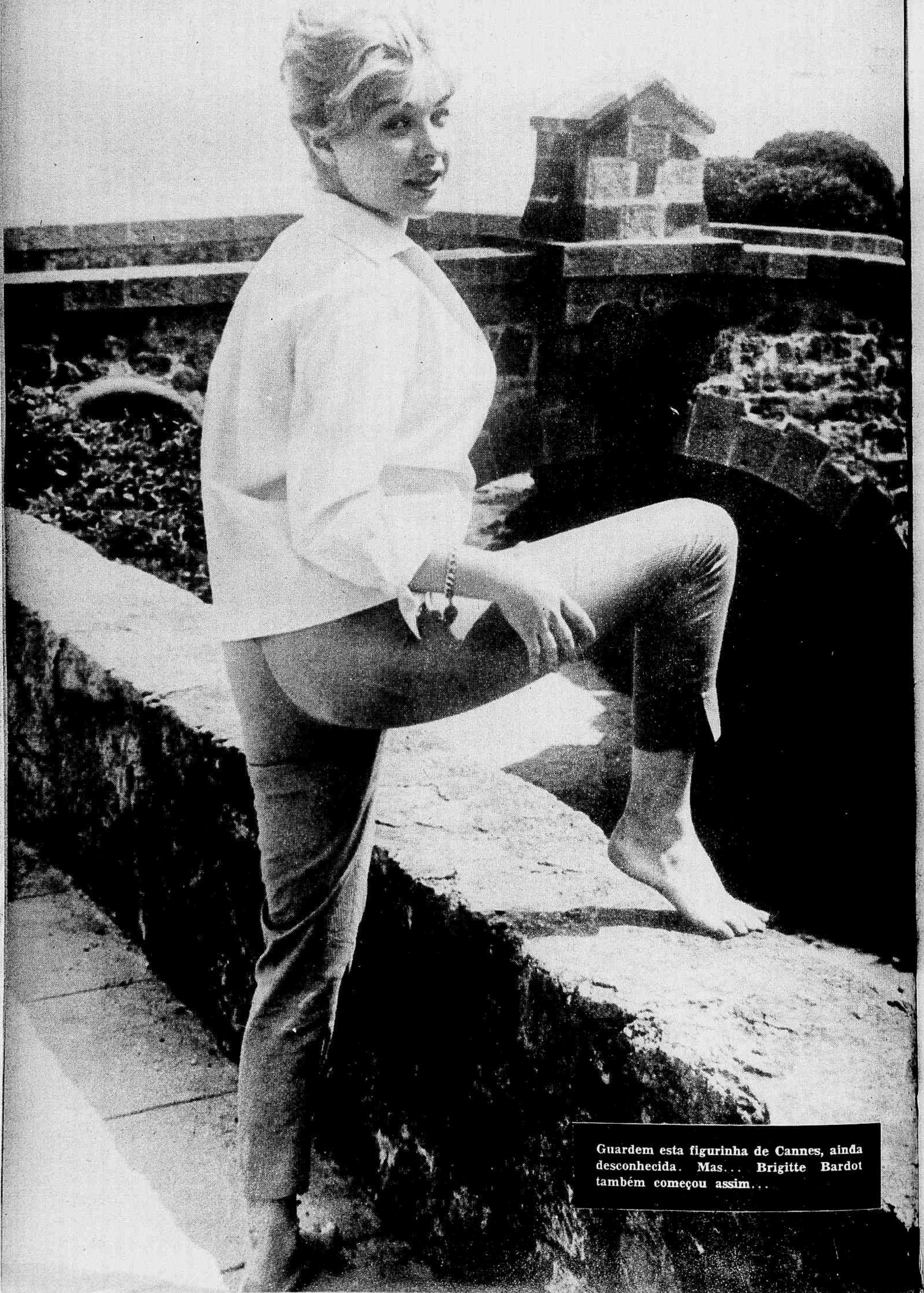
RAFAEL COEN de cinema, grande obra de arte, filmado durante dois dias, com a participação de uma equipe e equipe de trabalho de cinema.

JOSÉ MARIA DE UNIFORME com a participação de uma equipe de trabalho de cinema, com a participação de uma equipe de trabalho de cinema, com a participação de uma equipe de trabalho de cinema.

DIA DA SEXTA-FEIRA com a participação de uma equipe de trabalho de cinema, com a participação de uma equipe de trabalho de cinema, com a participação de uma equipe de trabalho de cinema.

UMA NOVA SÉRIE com a participação de uma equipe de trabalho de cinema, com a participação de uma equipe de trabalho de cinema, com a participação de uma equipe de trabalho de cinema.

COM SUA elegância e elegância, com a participação de uma equipe de trabalho de cinema, com a participação de uma equipe de trabalho de cinema, com a participação de uma equipe de trabalho de cinema.



Guardem esta figurinha de Cannes, ainda desconhecida. Mas... Brigitte Bardot também começou assim...

Cannes, sem biquini

SÉRGIO MOTTA



Itália: "Giovani Mariti"

UMA BOA característica se apresentou, no 11.º Festival de Cinema de Cannes: a sensível redução no número de filmes, resultante de critérios de seleção mais rigorosos, o que permitiu — sem dúvida — um pouco mais de calma para assisti-los. Esperávamos, apenas, que tal redução seja contrabalançada pela melhoria de qualidade. De qualquer modo, o nível dos primeiros dias foi bastante satisfatório.

* * *

No segundo filme exibido — "Quando as Cegonhas Passam", do veterano Mikail Kalatozov, apresentou-se a Rússia numa classe excelente, colocando-se em bom lugar no páreo do grande prêmio. Inscrito numa tradição soviética de filmes "contra a guerra", a velha alma russa aí apareceu, de maneira intensa. Trata-se da história de amor de dois jovens

— Boris e Veronika, que fazem seus planos para o futuro, quando vem a guerra e os destrói. Vazado em boa linguagem cinematográfica, possui o filme um clima de ternura pungente, que comove às lágrimas a grande platéia do Festival.

Depois do êxito da Rússia, o filme que se seguiu, americano, foi esperado com apreensão. E "Desejo Sob os Olmos" foi decepcionante. Fielmente adaptada por Irwin Shaw e Delbert Mann, a tragédia de O'Neill conservou, na tela, as suas características teatrais, o que se tornou prejudicial. Por outro lado, Delbert Mann deu ao tratamento um tom contido e frio — o que, numa tragédia que beira o ridículo, não chega a satisfazer. Seria preciso que dentro desse clima de contenção se fôssem criando um crescendo dramático no espectador — o que não acontece. A lentidão do desenvolvimento permite-nos a cada momento analisar friamente

Os Estados Unidos fracassam através de "D

as personagens, e o resultado de tal análise não é favorável à obra. Anthony Perkins e Brul Ives estão excelentes como o filho e o pai que se rivalizam no amor de uma mulher; mas o mesmo não acontece a Sophia Loren, despida de todas as suas características de italiana e a quem faltam os dotes necessários ao papel. Está parada, insensível, não consegue sequer ser sensual. Esperamos que os Estados Unidos se reabilitem com a reapresentação de mais dois filmes: "The Long hot summer" e "Os Irmãos Karamazoff".

Sem ser uma obra-prima, "Nove Vidas", filme norueguês, mereceu a simpatia da assistência. Fixa ele as peripécias a que se viu arrastado um resistente da última guerra (Jan Baalsrud) ao ver seu barco destruído pelos alemães. Único sobrevivente, é caçado pela Gestapo através do país, na sua travessia em busca da fronteira sueca. Pequena epopéia, possui o filme momentos emocionantes, muitos deles dirigidos pelo próprio Baalsrud, que se encontra presente ao Festival.

...

Sophia Loren ausentou-se do Festival. Em compensação, para a apresentação do primeiro filme francês, surgiu um

"Mon Oncle", um dos pontos altos.

grupo de estrelas, entre as quais Anouk Aimée, Betsy Blair, Rossana Podestá, Jean Pierre Aumont. Mas, apesar do grande número de visitantes, a atmosfera de Cannes anda um pouco morta: poucos mexericos, nenhum escândalo, tudo demasiadamente bem comportado... Estará a cidade perdendo suas tradições?

Hóspede e anfitriã, apresenta-se a França com o filme (convidado) "L'eau Vive" — história de uma jovem de província (Pascale Audret) que, subitamente herdeira de uma fortuna, vê-se cercada pela mesquinharia da família. Embora exista, no filme, momentos de boa dramaticidade a ação se perde no conjunto, pelo tom amável que se lhe pretende dar. A construção de uma grande barragem dá oportunidade a que Giono e Villiers — autor e diretor — tracem um panorama da vida da região, de seu povo e dos seus hábitos. A parte pictórica que o ambiente proporciona é o que há de melhor realizado no filme — e isto o público sentiu, aplaudindo com entusiasmo os belos exteriores.

Com "Sissi", apresenta a Austria um filme em cores, açucarado e medíocre, tendo por tema a vida e os amores de Sissi — que outra não é, senão, a imperatriz Elisabeth I da Austria, mulher de Francisco José. Nada tem tal filme, com a verdade histórica ou a arte cinematográfica. Inútil perguntar-se o que vem ele fazer em um festival de cinema; não vem, certamente, candidatar-se a nenhum prêmio... Nem tão pouco aumentar o prestígio do cinema austríaco. A comissão de seleção do Festival pensou mesmo em recusá-lo por não preencher os requisitos necessários; mas verificou-se que tal implicaria na eliminação do próprio país, que não tinha outro trabalho a apresentar...

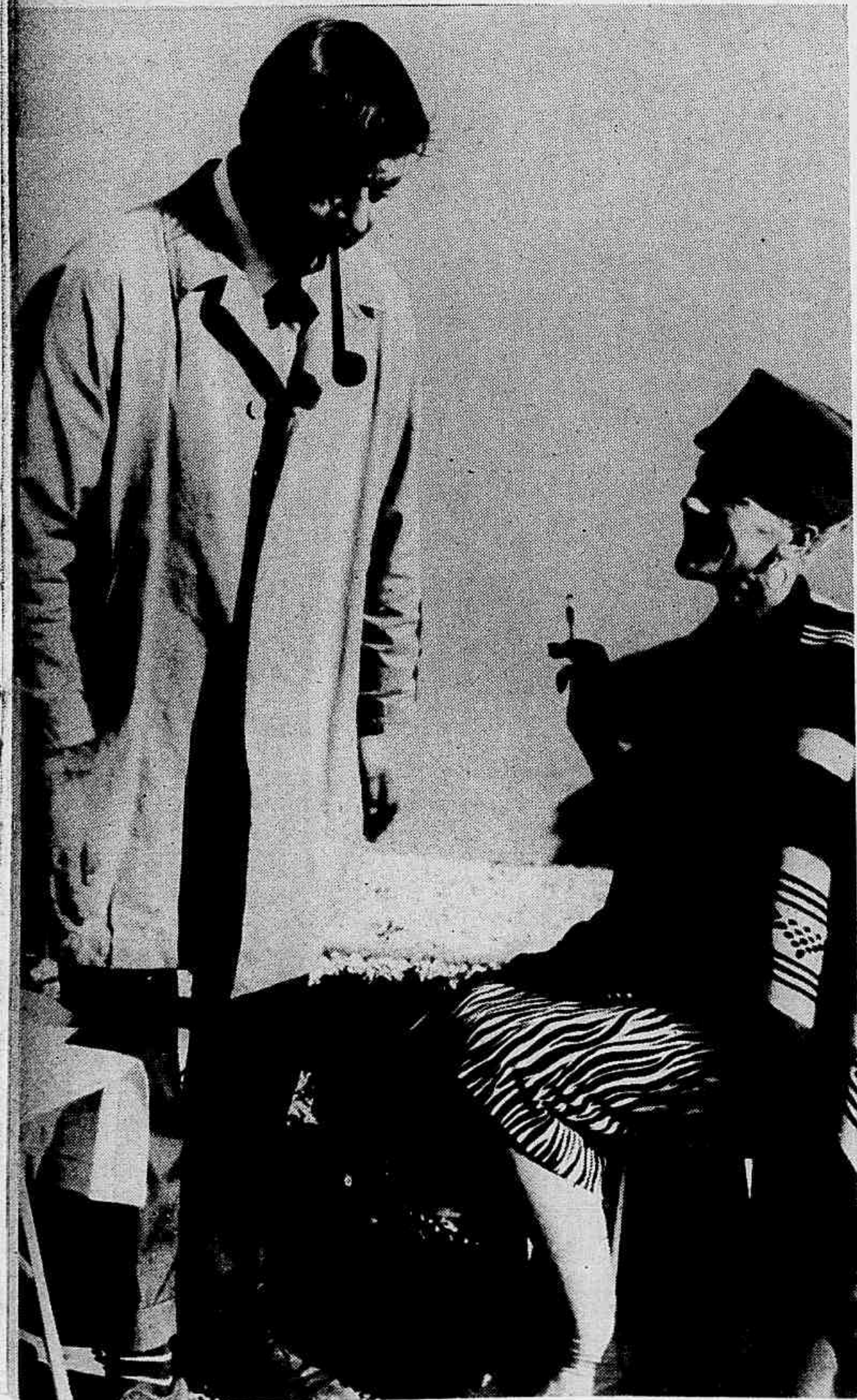
De nível um pouco superior, "Rosaura a las diez", produção argentina, tem como tema a promiscuidade dos ambientes de pensões, e apresenta como intérpretes, uma Suzana Campos, bela e medíocre, e Jean Verdaguer — com boa interpretação, apesar de certos exageros de caracterização.

A ÍNDIA DECEPCIONA COM UMA COMÉDIA IMPREVISTA

A Índia, que se apresenta logo depois, com "Parash Pattar", de Satyait Ray — o mesmo realizador de "Aparajito", Grande Prêmio de Veneza — oferece dupla decepção: a primeira, por se tratar de uma comédia, quando todos aguardavam um novo drama; e a segunda, mais grave, por não possuir o filme as qualidades de que se considerava capaz seu realizador.

O assunto de "Parash Pattar" — história complicada de um miserável funcionário que encontra a pedra filosofal — prestava-se a deliciosa comédia, mas o fato é que pouca gente riu no Festival; ao contrário, houve quem dormisse... Certamente, a sensibilidade hindu é bastante afastada da nossa e isso impede a necessária ressonância. No entanto, "Aparajito" havia encontrado a melhor recepção por parte do mundo ocidental. O desenvolvimento do filme é terrivelmente arrastado, e entre dois efeitos cômicos decorrem longos e aborrecidos minutos. Ademais, trata-se muitas vezes de uma comicidade primitiva e vulgar. Tudo isso não vai em benefício da Índia, que já havia adquirido um bom prestígio nos anos anteriores e que, com esta peça pregada aos críticos, deixou péssima impressão.

Já a "Última Mentira", filme grego exibido no sétimo dia do Festival, apresentou sensível melhora na qualidade dos últimos trabalhos. A obra de Michel Cacoyanis (também autor de duas outras já saudadas em festivais anteriores) mostra-nos o meio da alta burguesia numa Atenas moderna, com seus divertimentos, jogos e mentiras. Focaliza o drama da família Pellas, à beira da ruína, e que tudo sacrifica para



"Desejo"

salvar as aparências. Marca o filme o processo de auto-prostituição da filha — de como ela sacrifica a sua sensibilidade, seu amor e sua vida, à salvação da honra da família através de um casamento.

Embora não haja no filme o necessário tratamento psicológico, e apesar de um excesso de dialogação, a obra não decepciona. Através dela, confirma Cacoyanis suas qualidades de bom cineasta, e a Grécia faz boa figura.

A Hungria, que vem apresentando em festivais boas realizações, compareceu com um melodrama evocativo das velhas épocas do cinema: a história de uma jovem e bela operária que sonha com riquezas e jóias, e por isso abandona o seu amor — um moço de humilde condição — para mais tarde a ele voltar, arrependida... Apesar do perigo da história, a narrativa mantém bons momentos e seu realizador — Herskó — sabe conservar-se sempre sóbrio e contar toda a sua história em imagens.

Tanto a Grécia como a Hungria obtêm os melhores aplausos dirigidos às suas intérpretes femininas, ambas presentes ao Festival. Ella Lambetti, de "A Última Mentira", pode mesmo considerar-se séria concorrente ao prêmio de interpretação. Vêm também os dois filmes (exibidos no mesmo dia) mostrar que é fato inegável a evolução do cinema mundial nas mãos de jovens diretores, como é o caso de Herskó e Cacoyanis.

"MON ONCLE", DE TATTI, A GRANDE SENSAÇÃO DA FRANÇA

A noite da segunda apresentação da França, com "Mon Oncle", de Jacques Tatti, constituiu um acontecimento no Festival. O filme, apresentado pelo próprio Tatti, tem sua exibição valorizada pela presença de René Clair e principalmente Jane Mansfield — sensação extra-cinematográfica...

O filme mais aguardado do Festival, "Mon Oncle" pareceu-nos, durante a primeira meia-hora, uma autêntica obra-prima, e os aplausos se sucediam a cada detalhe cômico, a cada finura. Mas, aos poucos, começaram eles a rarear, embora tenha o filme terminado sob enorme ovação.

A história de "Mon Oncle" é um tênue fio — pretexto para engenhosas situações. M. Hulot (mesmo personagem da obra anterior de Tatti, e por ele mesmo interpretado) é o tio desprezado de um menino que vive numa casa supermoderna, de superconforto. M. Hulot mora numa mansarda de um estranho edifício situado numa pitoresca pracinha. Tatti define assim os dois mundos: o modernizado e estéril, e o outro, para onde vão as suas simpatias, simples e popular. A casa do pai da criança tem em cada detalhe um elemento cômico, pelo mau gosto de que é prova, e a entrada de M. Hulot nesse mundo dá-se cada vez com choques habilmente explorados. Inútil contar a quantidade de "gags" que pululam no filme, ainda que em número inferior ao de suas obras anteriores. Talvez esteja aí, aliás, a chave para explicar o declínio gradativo da comicidade de "Mon Oncle": o humor de Tatti necessita de uma renovação constante, pois a sua repetição pouco efeito produz.

Muitos críticos viram, na obra de Tatti, o ressentimento do pequeno burguês contra o grande, não faltando quem qualificasse o filme de reacionário. Mas em entrevista coletiva à imprensa, no dia seguinte, negou Tatti qualquer "mensagem" em "Mon Oncle": "creio que podemos fazer um filme que nos divirta apenas, apesar de continuarmos tristes" — disse ele. Sua crítica à vida modernizada e ao conforto seria, assim, essencialmente saudosista.

Apesar das restrições, não podemos negar as grandes qualidades da nova obra de Tatti, sua humanidade sobretudo. Mesmo elas não desmerecem o trabalho de um dos mais originais criadores cinematográficos da atualidade.



Sophia Loren não esteve bem em "Desejo"

Liselotte Pulver e Gunther Luders, Alemanha.



A Rússia, com o grande prêmio

A TUNÍSIA, GRANDE SURPRESA DO 11.º FESTIVAL

Surpreende-nos a Tunísia com sua primeira co-produção com a França — "Goha", belo filme realizado por um francês, com uma equipe quase francesa, mas que mantém o espírito árabe. Trata-se da história de "Goha", personagem lendário do mundo árabe do norte da África, jovem de extrema simplicidade, poeta em estado puro, que se encanta com tudo o que é belo. História ingênua, conduzida por Jacques Baratier através de um estilo sóbrio, com instantes de grande poesia. Depois de vermos tal filme, podemos dizer que um cinema de língua e inspiração árabe ainda nos pode trazer grandes e belas obras.

Com "O Albergue de Spessart", interpretado por Carlos Thompson e Liselotte Pulver, apresenta-nos a Alemanha uma paródia de filme de capa-e-espada em que os acontecimentos são levados para o lado cômico. Feito com muita verve e habilidade por Kurt Hoffmann, o filme tem ingredientes comerciais, sem por isso incompatibilizar-se com o cinema. A Alemanha não será lembrada certamente na premiação, mas também não deixará má lembrança no público do Festival.

"OS IRMÃOS KARAMAZOFF" E "JOVENS MARIDOS"

Depois da decepção causada por "Desejo sob os Olmos", era grande a curiosidade causada pela adaptação de Dostoiévski, em que os Estados Unidos depositaram suas esperanças. Mas "Os Irmãos Karamazoff", de Richard Brooks teve acolhida desfavorável. Apesar de apresentar uma série

A Rússia, com o GP: "Quando passam as cegonhas"



de aspectos interessantes e a personalidade de seu autor manifestar-se sob vários aspectos, ficamos insatisfeitos com o resultado, talvez pela extrema complexidade do livro e a dificuldade de recriar, em Hollywood, a Rússia do século passado. Na verdade, os problemas eram grandes e não puderam ser superados. Podemos dizer que mais sensação provocou a presença de dois atores — Yul Brinner e Claire Bloom, vindos de pontos distantes — o primeiro da Alemanha, onde se encontra filmando, e a segunda dos palcos de Londres — especialmente para 'abrilhantar' o Festival.

Quanto a "Jovens Maridos", produção italiana sobre probleminhas matrimoniais, de Mauro Bolognini, é uma mistura de subliteratura sentimental com restos de neo-realismo. Como alguns outros filmes peninsulares já vistos, é Simpático, quase sempre agradável, por vezes divertido... e só. É, enfim, o que se poderia chamar de uma obra honesta, não fôsse aparecer um pouco claramente na fórmula o espírito comercial.

TCHECOSLOVÁQUIA, INGLATERRA, CHILE E SUÉCIA

O Festival entrou na sua derradeira semana. Os prognósticos e palpites se iniciam, e também a preocupação pela ausência de sérios competidores.

A Tchecoslováquia surpreende com "Os Amantes do Subúrbio" — surpreende mal, com um drama de amor folhetinesco, com defeitos dramáticos, que mais lembra uma produção mexicana e que provoca pasmo no público. Já a Inglaterra não oferece surpresa, pois o filme de Asquith — "Ordem para Matar" — tem a perfeição técnica, a limpeza e a habilidade que se esperava. É mais uma história interessante de espionagem, obra discreta, que não decepcionou nem surpreendeu.

Depois da apresentação de "O Pôrto Esquecido" — história ingênua, passada num pôrto de pescadores — realização simplória, mas que veio nos dar a conhecer a cinematografia desconhecida do Chile, apresenta o Festival "No Limiar da Vida", de Ingmar Bergman. A ansiedade que precedeu a exibição do filme sueco era grande e justificada, por se tratar da última obra de um dos mais importantes cineastas do mundo.

Na verdade, o filme confirmou mais uma vez o gênio de Bergman. É uma obra sob vários pontos de vista excepcional, de grande profundidade psicológica e enorme valor humano. O filme — cuja ação se passa inteiramente entre um quarto e uma sala de maternidade — foi assistido com o silêncio que inspira uma cerimônia religiosa. É uma realização contundente, audaz, severa. Um filme que nos causou impressão extraordinária e que, ao lado de "Quando as cegonhas passam" e "Mon Oncle" — cada um em seu respectivo gênero — representa o que houve de melhor até aqui no presente Festival. Faltam, ainda, dois filmes: o suíço "Rosto de Bronze", e o americano "The Long and Hot Summer". E depois — aguardar o pronunciamento do Júri.

N. da R. — A decisão do Júri, feita posteriormente, conferiu o primeiro prêmio do Festival ao russo "Quando as Cegonhas Passam", cabendo a segunda classificação a "Mon Oncle". Também a fita sueca, "No Limiar da Vida", mereceu dois prêmios: o de melhor diretor, para Bergman, e o de melhor atriz. Os E.U.A. conseguiram um prêmio, dado a Paul Newman, como melhor ator, pelo seu desempenho em "The Long and Hot Summer" (não comentado aqui). O prêmio para a melhor película filmada foi dividido entre as produções suíça "Rostos de Bronze" (também não visto pelo repórter) e a franco-tunísia "Goha".

AS ESTÓRIAS SIMPLES DE GUIMARÃES ROSA

1. FOI COM "SAGARANA" que, em 1946, estreou Guimarães Rosa como ficcionista. O livro obteve ampla e favorável acolhida, e as edições desde então foram aparecendo com regularidade. Acaba de sair, agora, a quinta, sempre sob a égide de José Olímpio. Essa edição foi retocada, e a forma atual, na própria expressão de Guimarães Rosa, é a definitiva. "Sagarana" compõe-se de nove narrativas, nove histórias desenroladas no interior mineiro de onde aliás provém o escritor. Pelo tom lírico, pela forma, aparentam-se tais histórias com as sagas — donde o título geral de "Sagarana" dado ao volume. Alguns noticiários e críticos literários terão preferido, na produção de Guimarães, os livros mais recentes: "Corpo de Baile", ou principalmente "Grande Sertão: Veredas" — novelas e romance, respectivamente, ambos datando de 1956; um e outro livros são mais trabalhados — em "Grande Sertão: Veredas" Guimarães Rosa chega praticamente a elaborar uma linguagem, inconfundivelmente própria —, mais difíceis: "Sagarana" é uma obra isenta de complexidades, uma obra que se entrega inteira ao leitor comum, ao que lê somente para matar as horas. Talvez daí provenha o êxito que a marcou desde o lançamento: dessa maior comunhão entre leitor e autor. Dos nove episódios que perfazem "Sagarana", é indiscutivelmente "O Burrinho Pedrês" um dos mais belos, um dos em que se apresentam as melhores qualidades e características de Guimarães Rosa escritor; mas todas as demais histórias conseguem agradar. Avizinham-se todas da literatura oral, fluem como longas conversas saborosas e ingênuas, têm aquela dom de maravilhar, que tão escassamente encontramos, hoje em dia, nas letras nacionais. Quer-nos parecer que o melhor Guimarães Rosa é, não o autor de "Grande Sertão: Veredas", livro já fruto de um virtuosismo literário que pode ser encarado como arma de dois gumes, porém o narrador das histórias simples e belíssimas de "Sagarana".

2. CARLOS HEITOR CONY é um novato na literatura de ficção: dá-se sua estréia agora, com o romance "O Ventre", editado pela Civilização Brasileira. Ainda bem que, na orelha, escreva o apresentador do volume que "técnicamente, O Ventre talvez não seja um romance": em verdade, romance O Ventre não é, mas sim novela. Pertence, "O Ventre", à mesma linhagem de obras a que se filia, entre nós "A Lua Vem da Ásia", de Campos de Carvalho. Porém, distancia-se infinitamente de tal obra — de que não possui nem a força, nem

o lirismo. O autor muitas vezes trai sua inexperiência em jogar com cenas e situações, ora escrevendo um trecho digno de encômios, ora resvalando para a maior das trivialidades. E é assim, com altos e baixos, que se desenrola "O Ventre", da primeira à última página. Desde a primeira, aliás, nota-se a preocupação do autor em chocar os leitores, em aterrorizá-los com frases como "Só existem as coisas que possam ser atingidas pelo meu cuspo. O resto é cristianismo e pobreza de espírito" e outras semelhantes. Frases feitas, em verdade, chavões que a nosso entender somente servem para comprometer irremediavelmente o livro. E esses chavões, essas frases feitas, sucedem-se por toda a narrativa, como que se destinando a sacudir, de quando em quando, a atenção do leitor. O título "O Ventre" provém de São Paulo (Phil., 3, 19-20) e dá a atmosfera geral do volume: "Àqueles cujo fim é a perdição, cujo Deus é o ventre e cuja glória é a confusão deles mesmos". Essa atmosfera é ainda caracterizada pela epígrafe de Goethe, extraída do "Faust": "Quando a imaginação desdobra as suas asas atrevidas, ela sonha com a eternidade em seu delírio; etc." A tais dísticos acrescentaremos, por nossa conta e risco, mais um, que decerto Cony poderia ter colocado com grande propriedade no pórtico de seu trabalho: "El sueño de la razón produce monstruos", título que Goya deu a uma de suas águas-fortes. Não diremos, porém, que Carlos Heitor Cony, nesse seu livro de estréia, não apresente algumas qualidades dignas de toda a atenção: ao menos, encara a literatura de um modo que não é usual entre nós, tem coragem de fugir às tradições e de afrontar a opinião alheia com as suas próprias. Pena é que, tantas vezes, desejando decerto nos parecer terrível, pareça apenas ingênuo — terrivelmente ingênuo, se quiserem.

3. DEOCLÉCIO REDIG DE CAMPOS, conservador do Museu do Vaticano — e já por aí podemos aquilatar o valor desse brasileiro de há muito ausente de sua terra — numa de suas últimas visitas ao Brasil (em 1955), consertou com Simão Leal a publicação, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, de um seu trabalho: o de nome "Considerações Sobre a Gênese da Renascença na Pintura Italiana". Esse livro acaba de aparecer, numa edição materialmente bela — pôsto que sóbria, ou por isso mesmo. Para Redig de Campos, originou a Renascença o Gótico francês do século XIII, que se rebelou contra a tradição bizantina, vol-

tando-se ao mesmo tempo para a antiguidade greco-latina, colocando-se ante a natureza na mesma atitude assumida pelos escultores gregos e romanos. Giotto, personalidade excepcional, recebeu o influxo desse Gótico francês, recusando-se a imitar quanto não fôsse "natureza". E é com efeito o princípio transfigurar a natureza no belo, por ele, Giotto, e por Masaccio restabelecido, que posteriormente, já em plena Renascença, Leonardo, Rafael e Miguel Ângelo levarão ao auge. Uma conclusão de Redig de Campos há de por certo intrigar alguns leitores: "A Renascença, como período histórico da arte italiana, acaba com o Cinquecento, mas como época da arte européia, continua, muito além da segunda metade do século passado" (página 67). Contudo, é lógica tal conclusão, face ao raciocínio de que faz uso o historiador: pois quer a Renascença, quer a denominada corrente "Maneirista" que a continuou, quer o academismo em que degenerou, quer o Barroco em que posteriormente refloresceu, pela mão rude de Caravaggio, obedecem a um único princípio estético — em última análise, o mesmo dos escultores franceses do século XIII, o mesmo de Giotto di Bondone: o realismo ideal. E outra conclusão a disso ser tirada é que o último gemido da Renascença — portanto o primeiro vagido do que Redig de Campos chama de "crise moderna" — deveu-se ao aparecimento de Cézanne. Termina o autor com palavras bastante características de seu conhecido reacionarismo artístico, cheias de pessimismo em relação à arte do futuro: "É de esperar que esta crise" — diz, referindo-se à arte moderna, oriunda de uma "crise análoga à do V séc., e que já dura — fato talvez único na história das artes — há mais de duas gerações" — "é de esperar esta crise seja o prelúdio necessário de uma nova época, mas é também de temer que marque o fim, não digo da arte como tal, inseparável da natureza humana, mas de alguns dos seus meios de expressão tradicionais, como a pintura ou a escultura, que talvez já não correspondam mais às exigências da vida moderna". O livro está adornado com inúmeras ilustrações, e se destina, sem dúvida, a grande repercussão.

1 — Guimarães Rosa: "Sagarana". 5.ª edição retocada. Forma definitiva. Capa e ilustrações de Poty. José Olímpio, 1958. 387 páginas.

2 — Carlos Heitor Cony: "O Ventre". Capa de Fernando Pamplona. Civilização Brasileira, 1958. 192 páginas.

3 — Deoclécio Redig de Campos: "Considerações Sobre a Gênese da Renascença na Pintura Italiana". 23 ilustrações. Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1958. 68 páginas.



O homem de preto virou-se todo e não pôde conter o assvio...

O NORDESTINO

FÊZ FIU-FIU PARA TITINA

Co
Ac
notíc
em
VAF
neir
vend
a "T
no
já h
pois
sôbr
e de
O
cia
a b
vez
entr
ven
mar
tive
men
nin
U
car
O p
tór
pel
e a
V
os
qu
sra
da
Ti

Companheiros do D.E. :

Aqui estamos novamente (Titina e eu), com as nossas notícias. Conforme informei a vocês, chegamos ao Recife em um sábado, viajando, como sempre, nas asas seguras da VARIG. Belas flores, com os votos de boas-vindas da "pioneira", foram entregues por uma graciosa recepcionista, havendo depois as devidas apresentações ao casal Júlio Silva, a "Rainha do Frevo", Nize Brito, e a primeira entrevista no microfone do Rádio JORNAL DO COMÉRCIO. Titina já havia tido uma idéia geral do que é a "Veneza brasileira", pois o comandante do "Convair" havia dado umas voltas sobre a capital pernambucana. E gostou muito das pontes e dos rios, que cortam a cidade inteira.

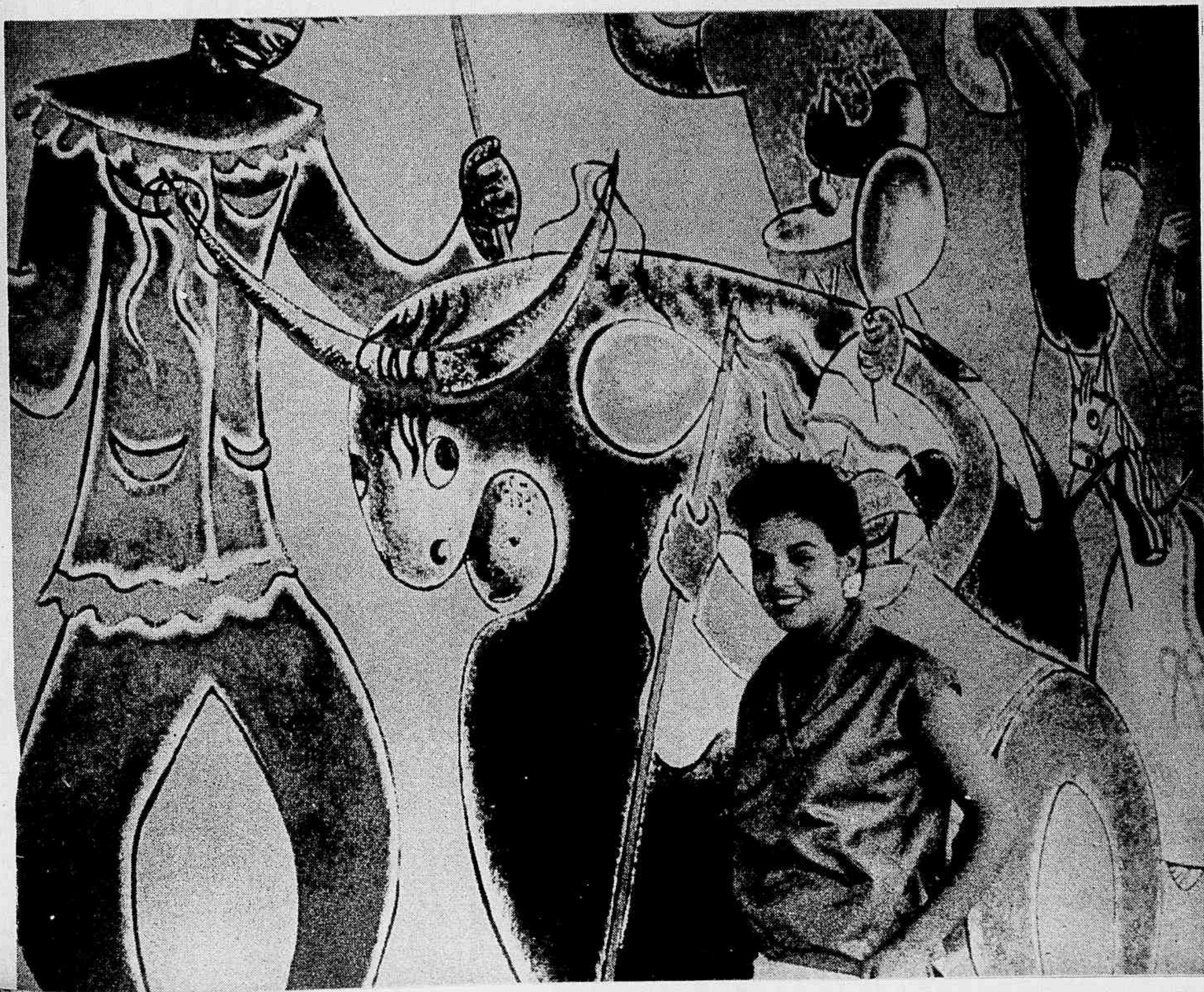
Os "play-boys" pernambucanos são terríveis. Basta notícia de moça bonita na terra, para que eles fiquem rondando a beldade, em turmas que se revezam, noite e dia. Desta vez, eles "perderam a parada". O Serviço Secreto do D.E. entrou em atividade e escondeu a moça direitinho. Resolvemos, inclusive, hospedá-la em uma casa particular, informando a todos que ela estava em determinado hotel, onde tivemos o cuidado de preencher ficha e registrá-la devidamente... Bom truque, éste! Passamos seis dias, sem que ninguém descobrisse o nosso esconderijo.

Um desfile no América e outro do elegante Cabanga marcaram a apresentação de Titina à sociedade pernambucana. O povo a conheceu nas duas vezes que compareceu ao auditório do Rádio JORNAL DO COMÉRCIO e nas andanças pelas ruas do Recife. E o nordestino não cansou de admirar e aplaudir a beleza uruguaia.

Visitamos Olinda, Dois Irmãos, Boa-Viagem, Dérbi, todos os recantos bonitos. Porém uma reunião Titina jamais esquecerá. Foi a que lhe ofereceu o patricio Júlio Silva e sra., onde Nize Brito deu uma exibição magnífica como se dança o verdadeiro frevo pernambucano. Ambiente cordial,

Os coqueiros impressoaram vivamente a bela Miss Urugual.

Titina fez questão de posar junto ao mural do "Bumba meu boi", no Cabanga Iate Clube.





Pela primeira vez conheceu uma rede e, como não poderia deixar de ser, isto aconteceu no Ceará.

"bom papo", ótima bebida, além da beleza gaúcha, chamada Léa Pabst, a recifense Eliane e a presença do fabuloso Fernando Rodrigues, do Humberto Ramos, Fernando Craveiro, do Francisco Rodrigues Filho, e outros.

Presentes recebidos em Pernambuco: cortes de tecidos da T.S.A.P., discos "Mocambo" (magníficos), porcelanas do "Brennand", uma saia pintada a mão, conjunto de café, e um quadro de Hansen, estes três últimos doados pelo Comodoro (do Cabanga) Fernando Rodrigues, que nos ofereceu, além de tudo isto, um almoço na tradicional Otilia.

Sexta-feira partimos para Fortaleza. Como é gostoso estar no Ceará! Vocês precisavam conhecer o Álvaro, gerente da VARIG, em Fortaleza, para saber o quanto é bom o cearense. Meus amigos, que gentileza! Ele, e o baiano honorário, Venâncio Jr., não nos deixaram parar. Tomamos banho nas praias do Cururipe, do Iate, e visitamos os principais clubes e bairros. Avalie que chegamos a esquecer até os mal tratos do péssimo Lord Hotel, que pode ser considerado, sem favor algum, o mais mal dirigido do mundo. Mas isso não têm culpa, nem Fortaleza, e muito menos os cearenses. Responsáveis são as autoridades de imigração, que permitem a entrada de estrangeiros não recomendáveis.

O desfile de Titina foi no Comercial Clube. Festa organizada pelo jornalista Walter Moreno, como uma resposta àqueles que se julgam (ridiculamente) "donos da sociedade". Magnífica cobertura feita nas páginas de O POVO, e nas ondas da RADIO VERDES MARES, dirigida pelo nosso já conhecido Paulo Cabral, deram maior prestígio a promoção. Nize Brito, a incomparável Rainha do Frevo, deu uma demonstração da música pernambucana e leilou a sua sombrinha de "passista", em favor dos flagelados nordestinos.

Outros presentes, recebeu Miss Uruguai: rede e toalhas, da Fábrica de Tecidos "São José" (Philomeno), perfume francês do Tarsísio Magazine, e uma bela estola de uma outra casa, cujo nome não recordo no momento.

Francisco Rodrigues Filho (da VARIG), que nos acompanha desde Salvador, vai nos deixar quando pousarmos em Recife, na volta para o Distrito Federal. Titina está ansiosa para rever este Rio querido. Não por que não tenha adorado o nordeste. Tão somente porque, como toda mulher, está ansiosa para fazer um milhão de compras...

Reservem lugar no Copacabana-Palace, para Titina, e nos esperem no Santos Dumont, voo 903, da VARIG. Abraços,

Hélio Polito

P.S. — Nossa última correspondência será de São Paulo e Porto Alegre. O Sul exige: "TITINA PARA NÓS TAMBÉM".

Em cada aeroporto, um vestido novo. Titina desceu em Fortaleza acompanhada da Rainha do Frevo (Nize Brito) e de Francisco Rodrigues Filho (da Varig).



HOLLYWOOD E O COLUNISMO SOCIAL



A EMBRIAGUEZ DO SUCESSO

A EMBRIAGUEZ DO SUCESSO

O "COLUNISMO SOCIAL" é um vício, uma doença, uma impropriedade — é um mal, não há dúvida, mas não uma invenção brasileira. O que por aqui se vem fazendo é, antes de tudo, um arremêdo. Não chega a ser sequer uma importação pois, se alguma coisa veio de fora além do exemplo, as qualidades mais ambicionadas, como o poder e a audácia, não tomaram o avião — ou ficaram retidas em alguma das duas alfândegas. Talvez seja, ainda, falta de vocação. O fato é que os nossos "colunistas", por mais que se esforcem, não podem ser considerados profissionais, como os americanos que **A Embriaguez do Sucesso** (Sweet Smell of Success) nos apresenta.

Nem por isso, entretanto, o filme perde a oportunidade junto ao público brasileiro. Os "colunistas" que desfilam na narrativa — um no centro dramático, outros dois marginalmente — podem ser vistos como o ideal que aqui nenhum atingiu e do qual, não por falta de vontade (ou de escrúpulos), todos ainda estão bem longe. Nos Estados Unidos, evidentemente, as coisas não correram com essa simplicidade. Os "mexeriqueiros" de Nova Iorque — que se irradiam por toda a nação através de "sindicatos" — viram-se retratados na tela. Houve protestos, quando o mais acertado era não protestar. Nisso, os "colunistas" indígenas, se não os cegar a pretensão, poderão com o seu silêncio, parecer mais inteligentes.

OS RESPONSÁVEIS por **A Embriaguez do Sucesso** foram muito mais violentos que os de **Calúnia Sangrenta** (Slander), porque os últimos, ao tentar repelir as repetidas agressões das revistas de escândalos às estrelas de cinema, enfraqueceram o revide com um desenfreado melodrama. Em vez disso, retirando o máximo proveito do material que tinham na mão, os primeiros fizeram um filme excelente. Essa, a suprema perfídia que os Chollies Knickerbockers jamais perdoarão.

O filme, oriundo de um conto de Ernest Lehman foi adaptado pelo próprio Lehman em colaboração com o teatrólogo (às vezes cenarista) Clifford Odets, que, nos diálogos, aumentou o cinismo e a virulência do original. É a história de J. J. Hunsecker (Burt Lancaster), dono da "coluna"

de "The Globe", senhor absoluto da reputação de muita gente, que ele pode destruir e que, em alguns casos de sabujice (como o de um senador que anda em público com um "testa-de-ferro" para sua jovem e loura amante, a fim de não comprometer as suas pretensões de continuar ou subir na política), destruiria acertadamente. Nesses casos, precisamente, J.J. prefere silenciar embora humilhando a possível vítima e, naturalmente, tirando suas vantagens desse silêncio.

E é também a história de Sidney Falco (Tony Curtis), um agente de publicidade pronto a fazer qualquer serviço (de preferência os mais "sujos") para J.J. Os dois se completam — e, no fim, se destroem, esmagando nessa mútua destruição a irmã (Susan Harrison), na qual o "colunista" tinha uma fixação incestuosa. Por isso, Falco foi incumbido de afastar dela um jovem e honesto clarinetista (Marty Milner), de acordo com o método usual: a difamação e a calúnia, conseguindo Falco "plantar" na "coluna" de um rival de J.J. (e usando como suborno a **cigarrete-girl** que o esperava em seu apartamento) uma nota acusando o rapaz de comunista e maconheiro.

Em **A Embriaguez do Sucesso**, numa análise em profundidade do meio o diretor Alexander Mackendrick se compraz em esmiuçar e catalogar, um por um, os métodos do "colunismo" — do suborno (com dinheiro ou sexo) à chantagem. É a estréia de Mackendrick em Hollywood, e o cineasta que realizou, na Inglaterra, obras de alta classe (**O Homem do Terno Branco**, **Quinteto da Morte**, **Um Lanque na Escócia**) exibe-se na forma mais perfeita.

Sob condução segura, até inspirada, tudo funciona no filme. A fotografia do veterano James Wong Howe é um jogo em claro-escuro de admirável classe. A música de Elmer Bernstein se liga à própria estrutura da narrativa. A crítica contida na história vem à tona continuamente, mas sem atrasar, nunca, a progressão dramática. E, no elenco, a **performance** precisa de Burt Lancaster empata com a de um Tony Curtis que ainda não conhecíamos, pois aqui ele se mostra ator pela primeira vez na vida. Susan Harrison, uma **new-comer**, não é muito **sexy**, porém de lagum lugar trouxe algum talento. Bons, entre os coadjuvantes, Emile Meyer, Sam Levene. E Barbara Nichols, como sempre, ótima.

DE TÔDA A PARTE

HOLLYWOOD

Sophia Loren e **Cary Grant**, juntos outra vez em "A Tentação Entrou Lá em Casa" (Houseboat), comédia romântica produzida e dirigida pela dupla Melville Shavelson — Jack Rose (Paramount). Na história, Cary é viúvo com três filhos e, um dia, Sophia entra em sua casa... o mesmo **Cary Grant** sai à conquista de outra grande mulher, **Ingrid Bergman** — em "Indiscreet", com ação em Londres e, também, uma comédia

romântica (baseada na peça "Kind Sir", criada por Mary Martin e Charles Boyer na Broadway), que Stanley Donen realizou para a WB. E **Ingrid Bergman** já está em outro filme, "The Inn of the Sixth Happiness", de Mark Robson (Fox), tendo como companheiros o alemão **Curd Juergens** e o inglês **Robert Donat**. ♦ Ainda na moda, **Rock Hudson**, depois de herói de Hemingway ("Adeus às Armas"), fez-se herói de Faulkner, na versão de "Pylon" com outro título ("The

Tarnished Angels") e que veremos como "Almas Maculadas". **Dorothy Malone** e **Robert Stack** formam com **Rock** o trio dramático, sob a direção de Douglas Sirk (U-I).

FRANÇA

Não é só de **Brigitte Bardot** que vive, hoje, o cinema francês. Mas é quase. As outras grandes estrelas de lá parecem ter passado para segundo plano. Até **Martine Carol**, que veremos, proxima-mente em "Nathalie" é que promete, agora, divorciar-se de Christian-Jaque, o diretor desse e de outros (a maio-

ria) filmes que ela tem feito nos últimos cinco ou seis anos.

♦ A "estrangeira" **Maria Schell**, depois de "Gervaise" (baseado em "L'Assommoir", de Zola, e dirigido por René Clément), terminou há pouco "Une Vie", filme do jovem Alexandre Astruc, com história extraída de Guy de Maupassant. E dois galãs, **Christian Marquand** e **Ivan Desny**, mais a beleza italiana de **Antonella Lualdi**, no elenco.

Françoise Arnoul, por sua vez, terminou "Thérèse Etienne", melodrama na província, com pai (James Robertson Justice) e filho disputando as atenções da moça — mas nada "sob os olmos".



TRAILER

A LENDA DOS DESAPARECIDOS (Legend of the Lost). Sophia Loren e Rossano Brazzi (na cena acima) vão juntos para o deserto — ela porque não tem o que fazer; êle à procura de um fabuloso tesouro que seu pai, um arqueólogo, descobriu numa cidade perdida. Mas, por azar (de Rossano), o guia da caravana é John Wayne. E cada perigo (ataque dos "tuaregs", tempestade de areia) vai aproximando Sophia do guia. À vista do tesouro, que êles descobrem quando já estavam com a idéia de voltar atrás, Rossano perde a cabeça e quer bancar o valente, sendo repellido, naturalmente. E nessa noite foge, levando tudo: mantimentos, burros, tesouro. Mais adiante alcançado por Wayne e Sophia, tenta matar o primeiro, com uma facada à traição, mas não contava com o tiro que Sophia lhe acerta. A narrativa anda mais um pouco, até que o que pode ser uma miragem é a caravana que vem trazer o "happy-ending". O filme foi dirigido por Henry Hathaway, para quem êsse tipo de aventura não tem segredo. E é uma produção (em Technirama & Technicolor) de John Wayne, cuja Batjac (agora ligada à United Artists) se associou com outros "independentes", levando todos na certa o "tiro" de bilheteria garantido pelos nomes de Sophia e Wayne.

AS SETE COLINAS DE ROMA (Seven Hills of Rome). Mario Lanza brigou na Metro, foi acusado de indisciplinado e gordo, foi multado e suspenso. Levou uns dois anos sem cantar até fazer, de repente, aquela *Serenata*, que é o único pecado mortal na carreira do diretor Anthony Mann. Mas um dia Mario voltou à Metro — para a vingança. E vem aí em "As Sete Colinas de Roma", talvez até mais gordo do que antes, e namorando duas garôtas ótimas (a americana Peggie Castle e a italiana Marisa Allasio) e em Roma. A história gira em torno de um cantor de televisão tão temperamental que acaba sem emprego nos Estados Unidos. Vai, então, para a Itália, descobrindo que o costume do país é exportar e não importar cantores. Assim mesmo fica por lá e arranja emprego num "night-club". Aos poucos, reconquista a popularidade, metendo-se, porém, em outro escândalo, êste com Peggie Castle. E só se refaz graças aos conselhos de Renato Rascel e o amor de Marisa Allasio (com os quais é visto no clichê). São muitos os "solos" de Lanza. E, como novidade, o cantor imita outros artistas: Frankie Laine ("Jezebel"), Perry Como ("Temptation"), Dean Martin ("Memories Are Made of This") e até Louis Armstrong ("When the Saints Go Marching On"). E, naturalmente, canta também "Arriverderci Roma". Roy Rowland dirigiu a cantoria e todo o turismo.

com O'Neill muito longe. ♦ **Fernandel**, sempre no cartaz, é o herói de "Le Chômeur de Clochemerle". **Georges Chamara**t, **Rellys** e duas moças, **Maria Mauban** e **Ginette Leclerc**, coadjuvam o comediante, que Jean Boyer dirige.

ITALIA

Curd Juergens não escolhe história nem lugar para filmar, e na Itália, ao lado da inglesa (e chapliniana) **Dawn Addams**, fez "Londra Chama Polo Nord", com **Folco Lulli** em papel também importante, e **Duilio Coletti** na

direção. ♦ Um elenco italo-americano, o reunido por **Dino de Laurentiis** em "La Diga Sul Pacifico": **Silvana Mangano** (mulher do produtor) e **Alida Valli**, de um lado, e **Richard Conte**, **Anthony Perkins** e **Jo Van Fleet**, do outro. E mais **Yvonne Sanson**, cuja nacionalidade é um problema (mas isso não tem importância). O diretor é francês: **René Clément**. ♦ **Belinda Lee**, atriz inglesa que foi fazer um filme na Itália, fez o filme, "A Vênus de Queronéia" (com **Massimo Girotti** e **Jacques Sernas**), e ainda um escândalo. Quase houve suicídio (duplo, ela e o príncipe) — mas o bom-

senso interveio, no último instante. ♦ **Elsa Martinelli**, sempre muito bela, fez "La Mina", namorando um pescador (**Antonio Cifariello**). O melodrama, em **Ferranicolor**, teve a direção de **Giuseppe Bennati**. ♦ **Alida Valli**, veterana que conserva toda a classe, é a heroína de "Il Grido", a amante de **Steve Cochran** e a causadora, no fim de muitos atropelos, do suicídio do rapaz. O filme de **Michelangelo Antonioni** dá, ainda, oportunidade a **Betsy Blair** (ex-mulher de **Gene Kelly**) e a **Dorian Gray**, esta uma jovem atriz que será vista, antes em "Noites de Cabiria", o novo filme de

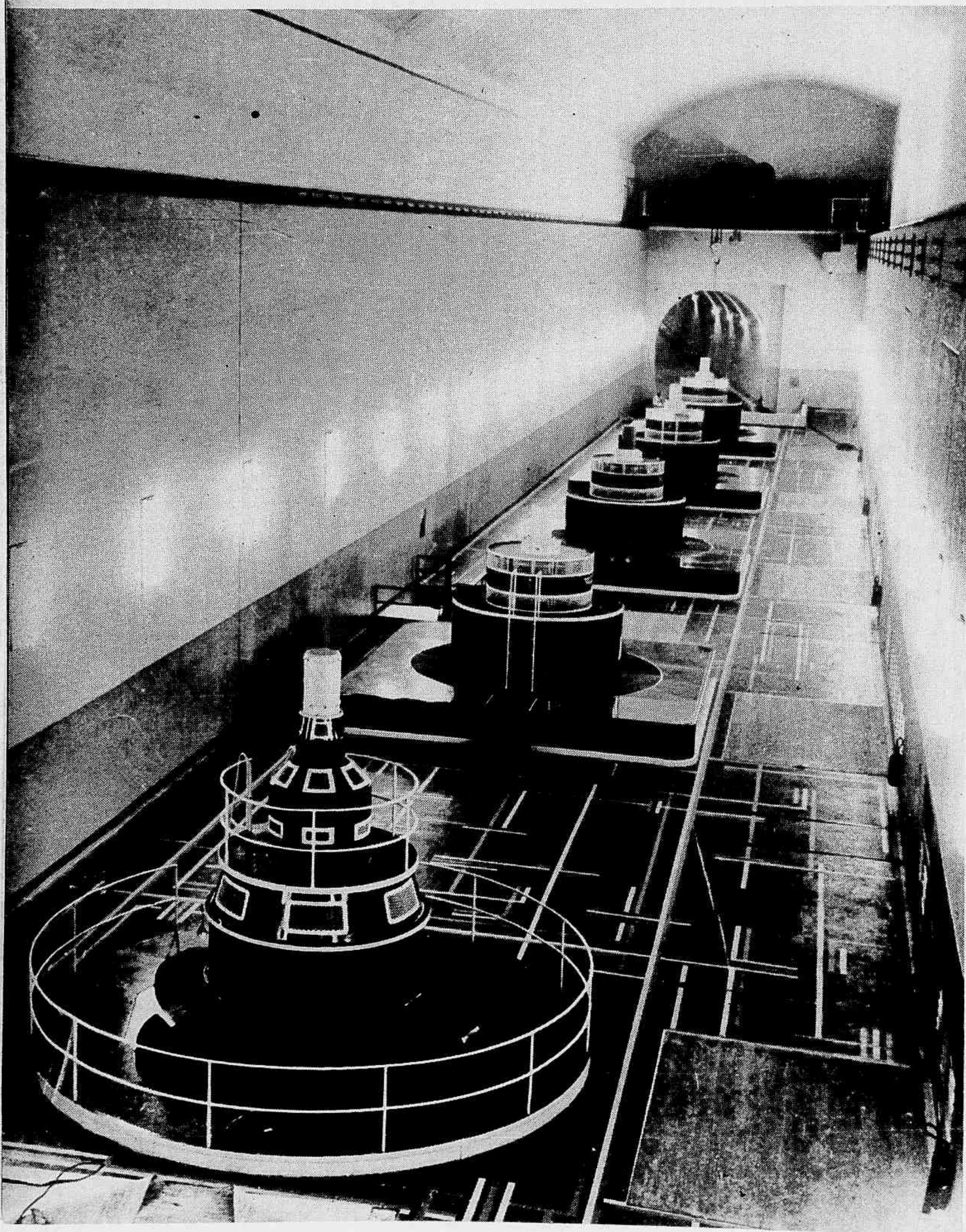
Fellini (com **Giulietta Masina**).

INGLATERRA

Belinda Lee, ao lado do francês **Louis Jourdan** — os dois nos dias que se seguiram à Revolução Francesa — são os heróis de "O Príncipe Lendário" (*Dangerous Exile*), em **VistaVision** e **EastmanColor**, com distribuição de **Rank**. ♦ Ainda a Revolução Francesa, em ritmo de **Dickens**, numa versão nova de "A Tale of Two Cities", com **Dirk Bogarde**, **Dorothy Tutin** e **Cecil Parker**. Título para o Brasil: "A Sombra da Guilhotina".

RIO E SÃO PAULO

INDUSTRIALIZAÇÃO EM MARCHA

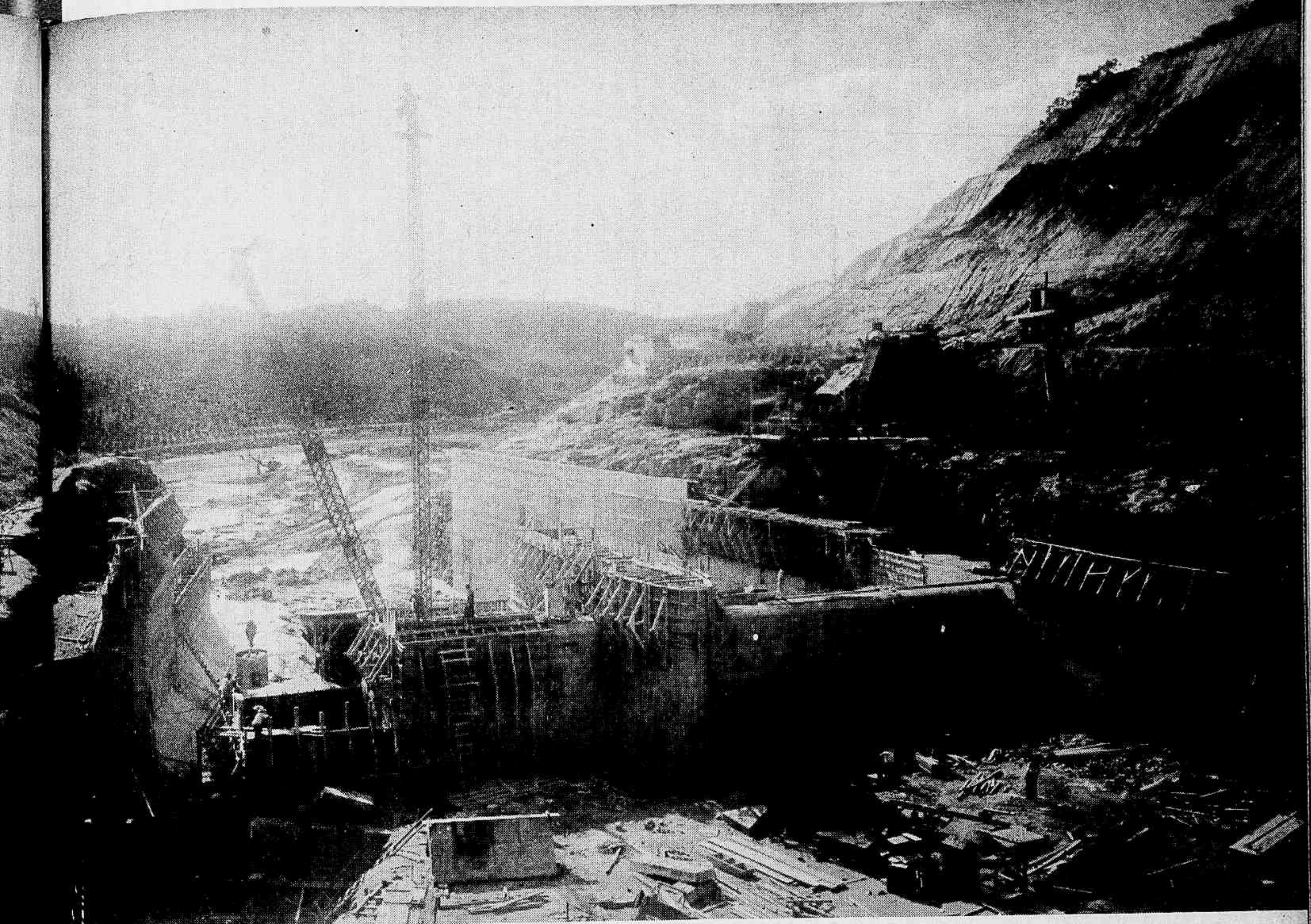


Na foto, vem
de Ribeirão da

Interiores da Us
estão instalados os

uma
Laje

na s
seis

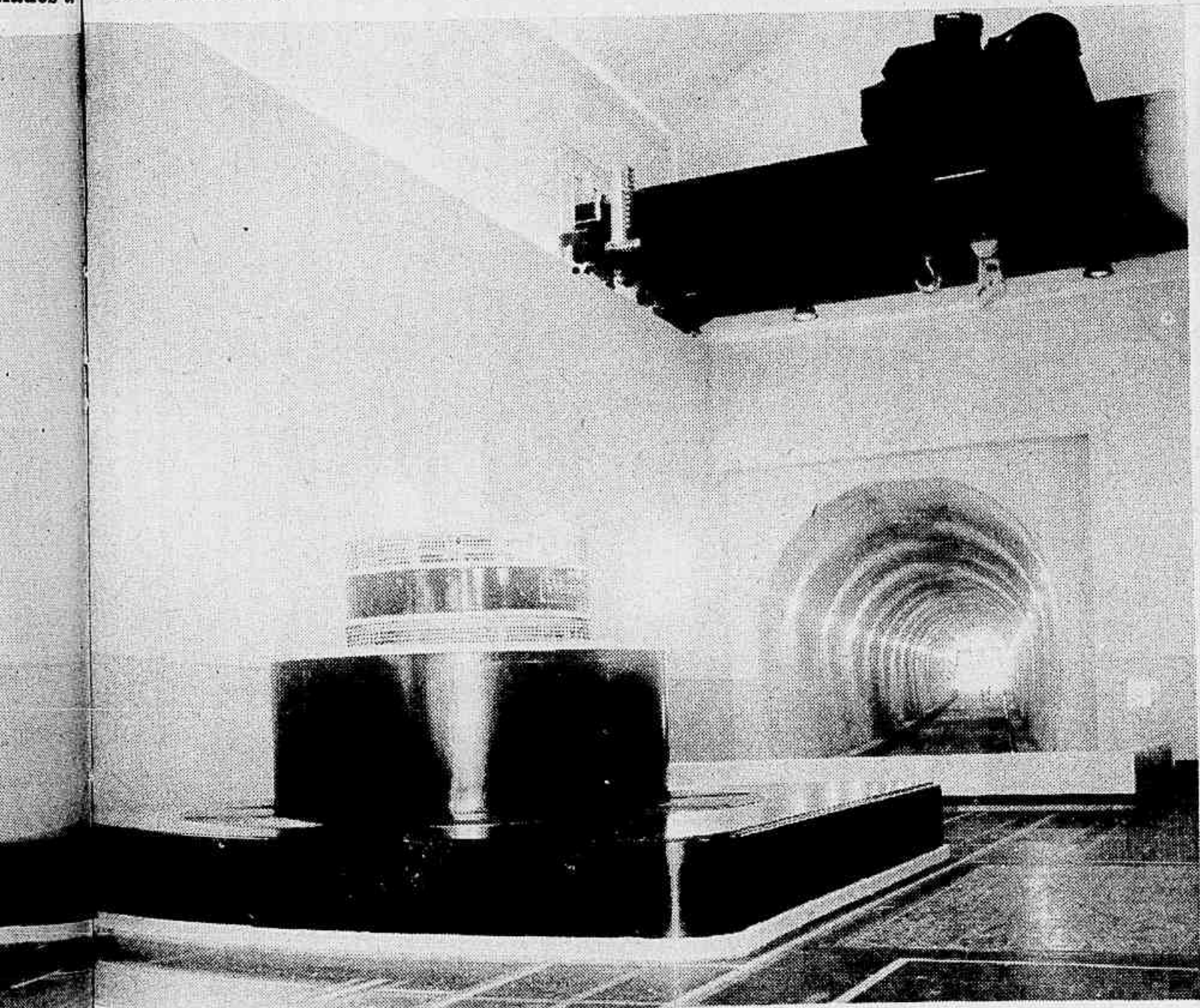


vem
rão da

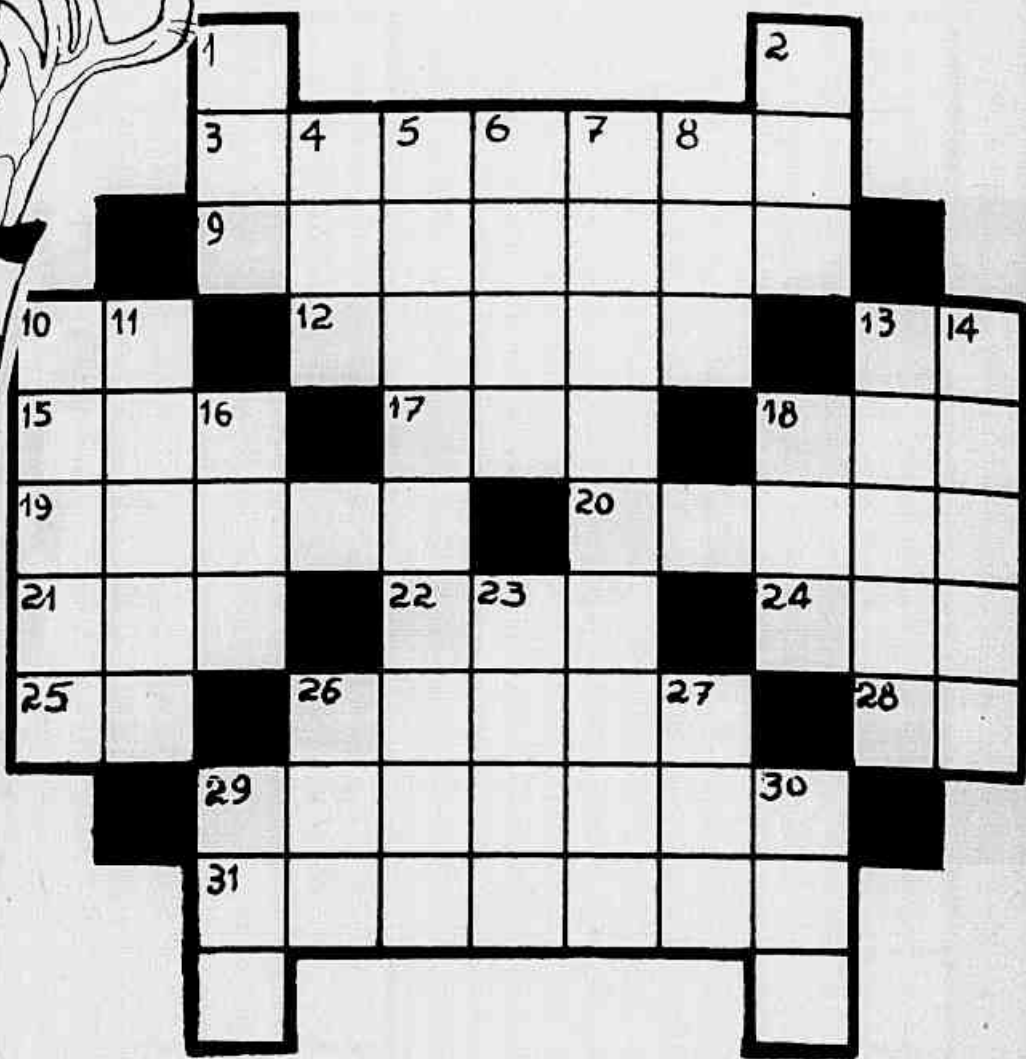
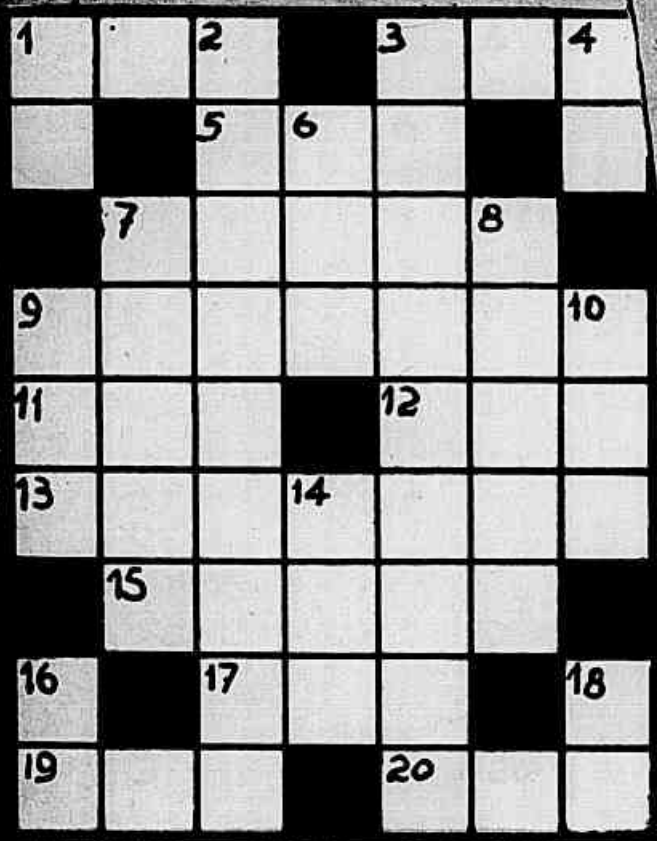
da Us
lados os

uma vista recente das obras da barragem de Santa Branca, no rio Paraíba, parte integrante do aproveitamento hidrelétrico Lajes e que se destina a regularizar a vazão daquele rio.

na subterrânea "Nilo Peçanha". Nas fotos, vemos o vasto compartimento onde seis grandes geradores da poderosa usina, a 2.^a da América Latina.



INSTALADO entre as duas mais importantes cidades brasileiras o maior parque industrial da América Latina. Imensa variedade de produtos num parque manufatureiro que não cessa de expandir-se. Importantes fábricas de automóveis produzem o automóvel nacional.



PROBLEMA Nº 35

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 3. Acabavam — 9. Aresta — 10. Uma das quatro sílabas de que se serviam os gregos para solfejar — 12. Adotara — 13. Em partes iguais — 15. O mais poderoso de uma classe — 17. Cidade da China, na província de Ho-Nan — 18. Pastagens — 19. Tecido leve de lã e algodão ou seda — 20. Esbôço — 21. Firmamento — 22. Sem distarce — 24. Aquilo que apresenta flutuações — 25. Contração — 26. Alude — 28. Nota musical — 29. Amerígena — 31. Língua falada no Nordeste da Índia.

VERTICAIS: — 1. Pessoa igual a outra em posição social — 2. Nome que os japoneses dão aos religiosos budistas — 4. Peixe marítimo do Brasil — 5. Impedidores — 6. (Ernest), filósofo alemão — 7. Provocaram — 8. Proteção — 10. Escambo — 11. Imaginário — 13. Promover a maior dignidade — 14. Padre — 16. Tabaque grande — 18. Medida holandesa de capacidade para óleo e vinho — 23. Designação geral das aves — 26. Povoação da Bélgica — 27. Manto real — 29. Rio da Suíça — 30. Pretexto.

PROBLEMA Nº 35

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Lavra — 3. Quer bem — 5. Moléstia — 7. Barranco — 9. Barqueiro dos Infernos — 11. Acreditei — 12. Do verbo haver — 13. Dissera em voz baixa — 15. Mancha que aparece no rosto — 17. Advérbio de negação — 19. Satélite da Terra — 20. Cabeça de gado.

VERTICAIS: — 1. Brisa — 2. Mulher natural da América — 3. Aquê que alanha — 4. Em partes iguais — 6. Argola — 7. Capital da França — 8. Peneirara; o mesmo que outara — 9. Trezentos em algarismos romanos — 10. Sufixo feminino designativo de naturalidade — 14. Nome moderno da Pérsia — 16. Outra coisa — 18. Artigo masculino plural.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 34

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: sofrearia — nadou — motim — Ob — ladus — ra — vogar — anzol — irara — meolo — catás — atear — Dieta — raspa — er — urucu — ar — sábio — arara — marupiara.

VERTICAIS: saber — od — folar — ruara — amuam — rosne — it — airol — novidades — malograram — gaste — zotas — airam

— atuir — sarou — arcai — taure — apara — ba — ar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: acalmar — mor — ura — azar — ar — sério — ratas — sósia — as — siri — tal — Cia. — Alagoas

VERTICAIS: amas — cozer — arar — ras — mu — ara — raro — ritos — oásico — Síria — nata — aias — sal — lá.

ESPAÇO

A CONQUISTA DO

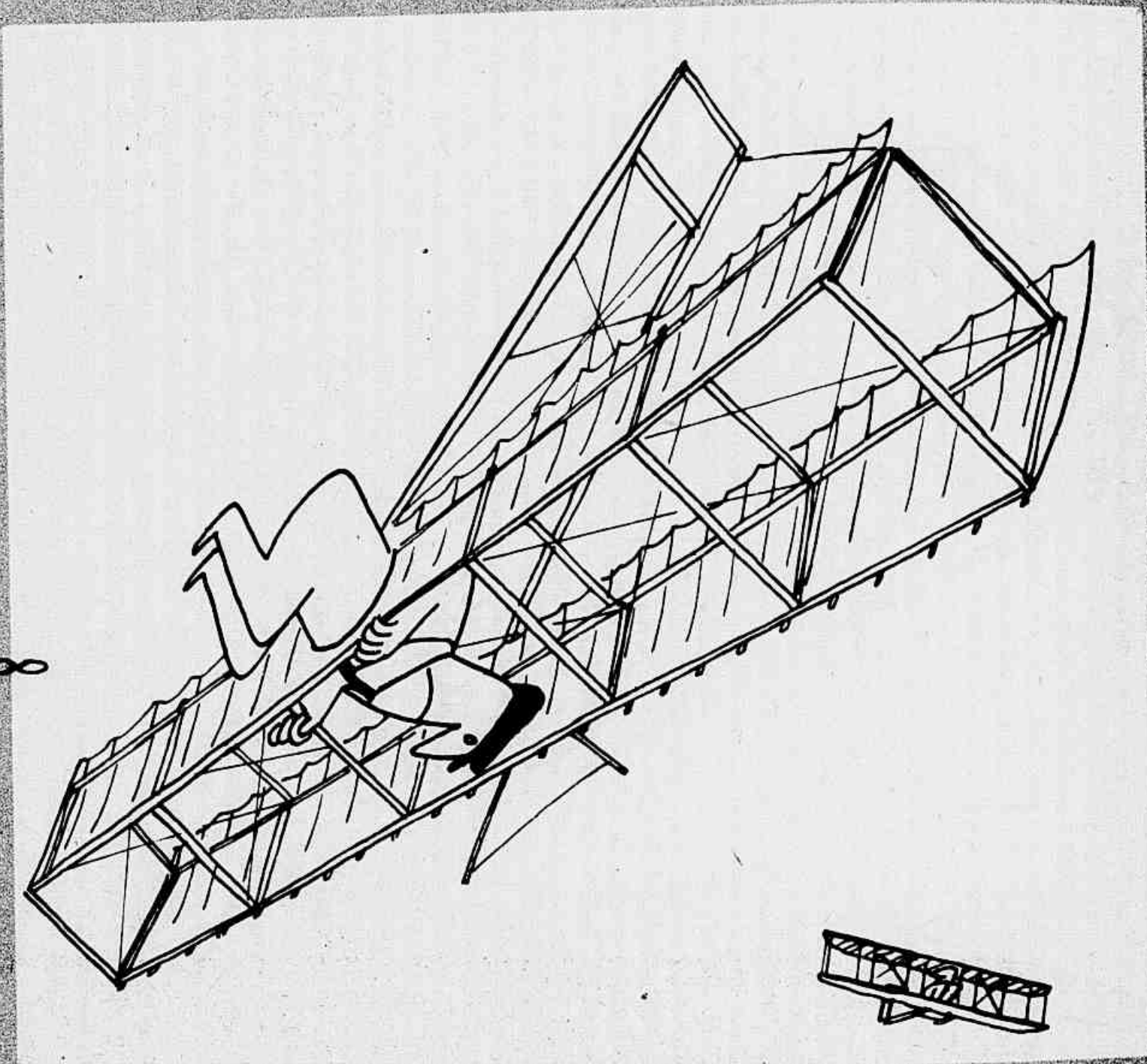
POR MAIS QUE SE VASCULHE AS ESFARINHADAS TABLETAS DE BARRO DO TEMPO DE NABUKODONOSOR, OS PAPIROS AMARELECIDOS DO LIVRO DOS MORTOS DOS EGÍPCIOS, E MESMO AS TÁBUAS HINDUS DE CLITHCA, O MAHABHARATHA, O SAMARANGANA SUTRADHARA, E' IMPOSSÍVEL DETERMINAR QUEM VÔOU PELA PRIMEIRA VEZ PORQUE, EM TODOS OS POVOS E EM TODOS OS TEMPOS, APARECEM HISTÓRIAS QUE NOS LEVAM A ACREDITAR QUE O DESEJO DE CONQUISTA DO ESPAÇO É TÃO VELHO QUANTO A EXISTÊNCIA DO HOMO SAPIENS.

A LENDA PERSA DO TEMPO DE ZARATUSTRA SE REFERE A UM PRÍNCIPE QUE ALCANÇOU O SOL NUM CAVALO DE MADEIRA. OSÍRIS, ATIS, ADÔNIS E DIONÍSIO, DEUSES DO EGITO E DA ÁSIA MENOR, SEGUNDO A LENDA, SUBIAM AOS CÉUS NA PRESENÇA DOS FIÉIS. SE RECLIRMOS NO TEMPO, VEREMOS QUE O SAMAR HINDU, LIVRO CONSIDERADO MANUSA, OU ESTRITAMENTE VERÍDICO, SE REFERE A MEIOS DE TRANSPORTE AÉREO, (OS VIMANAS E O ARCO CIRCULAR DE INDRA), MÁQUINAS COM AS QUAIS OS SÉRES HUMANOS PODIAM SUBIR ÀS REGIÕES SOLARES (SURYAMANDALA) E DALI PARA AS REGIÕES ESTELARES (NAKSATRAMANDALA).

O PRÓPRIO HOMEM DAS CAVERNAS JA'DEVIDA IMITAR, POR SUA VEZ, OS PÁSSAROS E OS INSETOS POIS, NUMA ANTIQUÍSSIMA INSCRIÇÃO, TALVEZ VELHA DE UM MILHÃO DE ANOS, APARECEM SÍMBOLOS QUE SIGNIFICAM VOAR PARA CIMA DOS INIMIGOS E VOAR PARA CIMA DA MULHER DO AMIGO . . .

ATUALMENTE, CENTENAS DE FOGUETES BALÍSTICOS, MILHARES DE ENGENHOS TELEGUIADOS, ASSIM COMO OS MAIS SECRETOS PROTOTIPOS DE AVIÕES SEM PILOTO SÃO LANÇADOS TODOS OS DIAS, ANUNCIANDO O FIM DA AVIAÇÃO CLÁSSICA. NESSA ÉPOCA DE TRANSIÇÃO ENTRE A HÉLICE, A TURBINA, O JATO E O FOGUETE, DEVEMOS RENDER UM TRIBUTO TODO ESPECIAL AOS DENODADOS PIONEIROS DO PASSADO E DO PRESENTE, CUJOS NOMES ESTARÃO PARA SEMPRE LIGADOS AO ESPAÇO—NA GUERRA OU NA PAZ, NA REALIDADE OU NA FICÇÃO; COMO INVENTORES, COMO IDEALISTAS, COMO PILOTOS DE PROVA OU DA MALA AÉREA, COMO AEROMOÇOS OU COMO MILIONÁRIOS DO AR:

H.G. WELLS
 AMELIA EARHART
 LEONARDO DA VINCI
 MIKOYAN
 MONTGOLFIER
 VON RICHTHOFEN
 SANTOS DUMONT
 WILEY POST
 LOUIS BLÉRIOT
 BILLY MITCHELL
 GUYNEMER
 FRED SINGER
 CASEY JONES
 ADA ROEGATO
 MESSERSCHMITT
 HOWARD HUGHES
 MELLO MALUCCO
 PICARD
 ORVILLE E W. WRIGHT
 SECONDO CAMPINI
 GAGO COLOTTINO
 HERMANN OBERTH
 ELEN CURTIS
 ANESIA PINHEIRO MACHADO
 SIKORSKY
 BARACCA
 ZEPPELIN
 JULIO VERNE
 ANTHONY FOKKER
 LINDBERG
 ERNEST UDET
 RENE FONCK
 HAP ARNOLD
 FRANK LUKE
 WERNHER VON BRAUN
 SACADURA CABRAL
 JUAN DE LA CIERVA
 JAMES DOOLITTLE
 SEVERSKY
 HERMANN NOORDUNG (PODOCNIK)
 K.E. TSIOLKOVSKI
 EDDIE RICKENBACKER
 CHERANOVSKI
 GUIDO VON FIRQUET
 GUSTAVE LE ROUGE
 AIDA DE ACOSTA
 BARTOLOMEU DE GUSMÃO
 LEONID SEDOV...



MODELO DE PLANADOR,
 ANO 1909 (DO LIVRO
 FIFTY YEARS OF POPULAR MECHANICS)

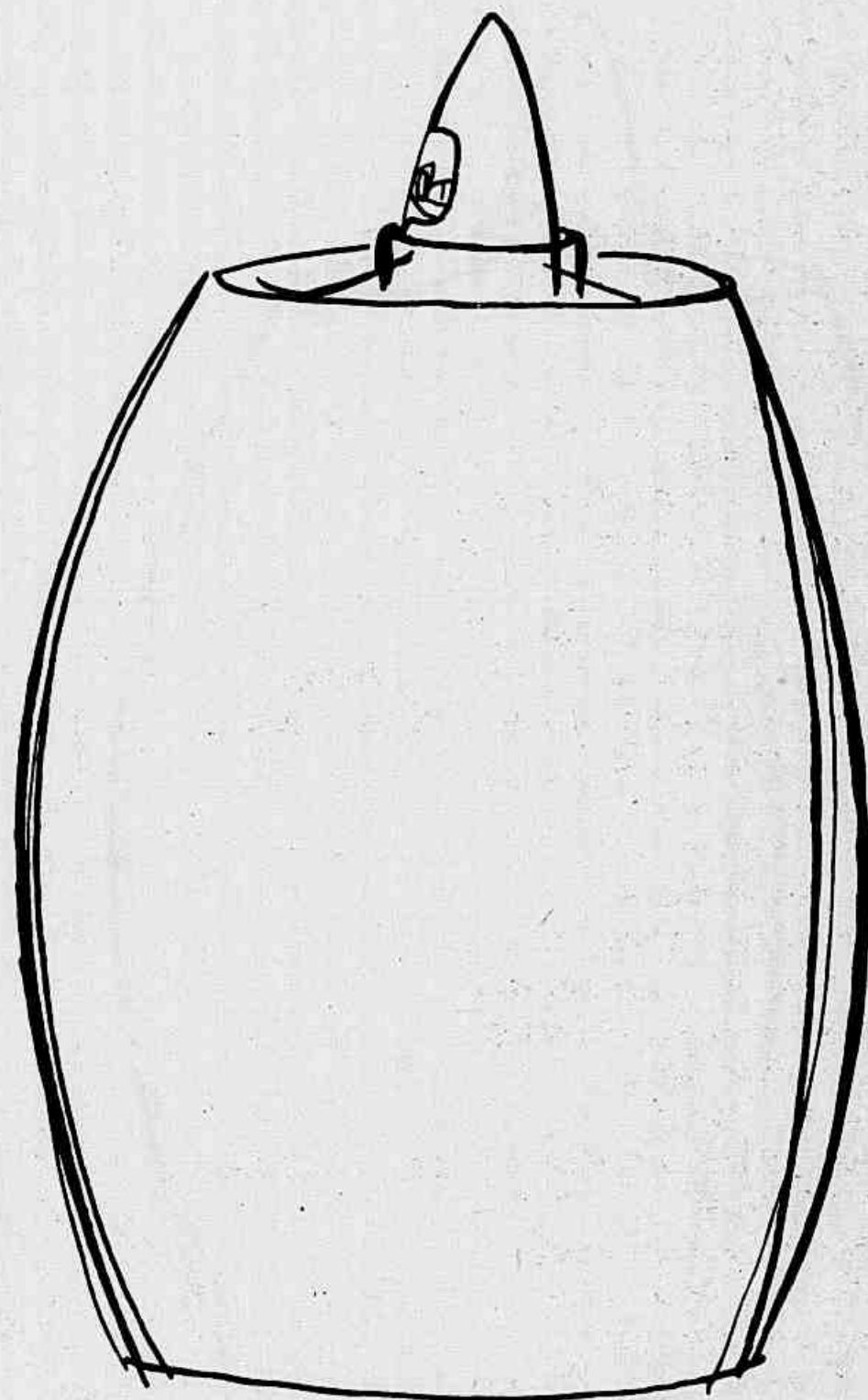
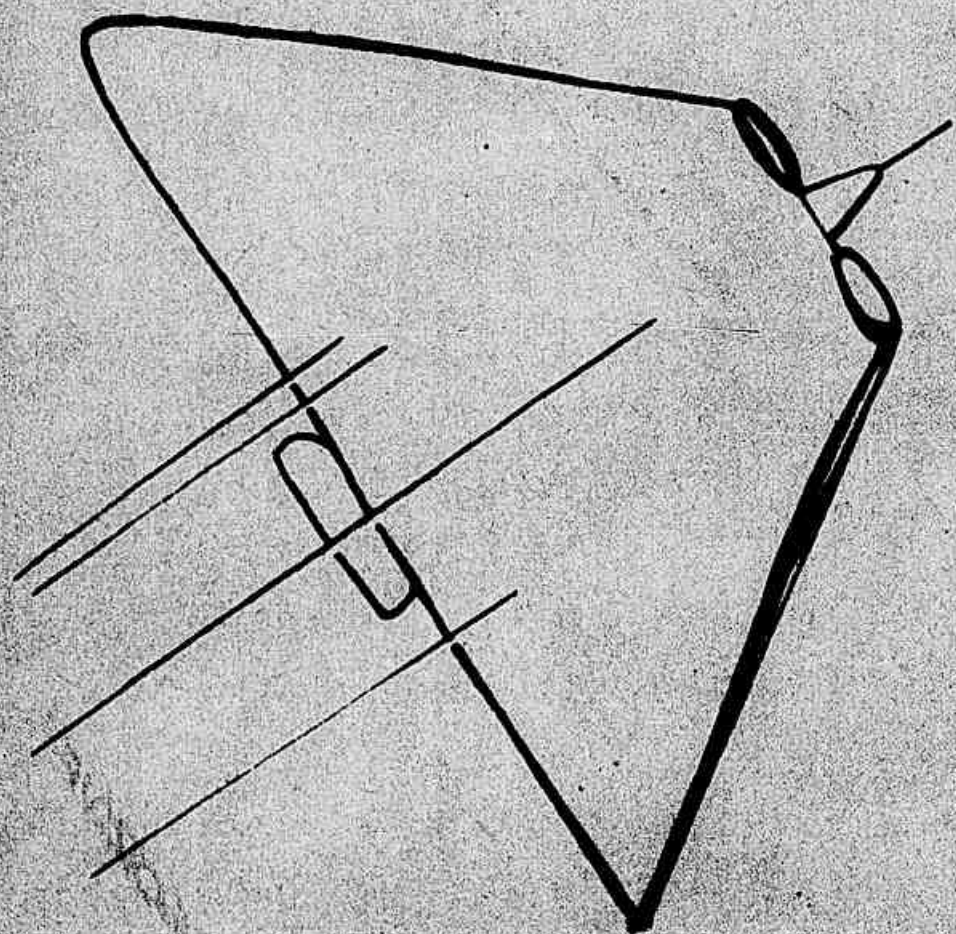
ALGUNS
 MACACOS RHESUS,
 AS CADELINHAS
 КОСЯВСК, ЛИНДА,
 МАТИШКА E LAIKA,
 FLASH GORDON
 BUCK ROGERS
 E
 JK ...



O MAIS PESADO QUE O AR E O MAIS LEVE TEM SURGIDO NAS FORMAS
MAIS DIVERSAS. QUANDO PARECIAM ESGOTADAS TÔDAS AS IDEIAS, OS DESE-
NHISTAS (DESENHISTA É UMA RAÇA DANADA) ENCONTRARAM UM CAMPO
AINDA NÃO EXPLORADO PELA AVIAÇÃO ONDE, GARANTEM, OBTERÃO
AS FORMAS MAIS ESTRAMBÓTICAS, MAIS ESTAPAFÚRDIAS
E INIMAGINÁVEIS PARA SEUS PROJETOS AERONÁUTICOS.

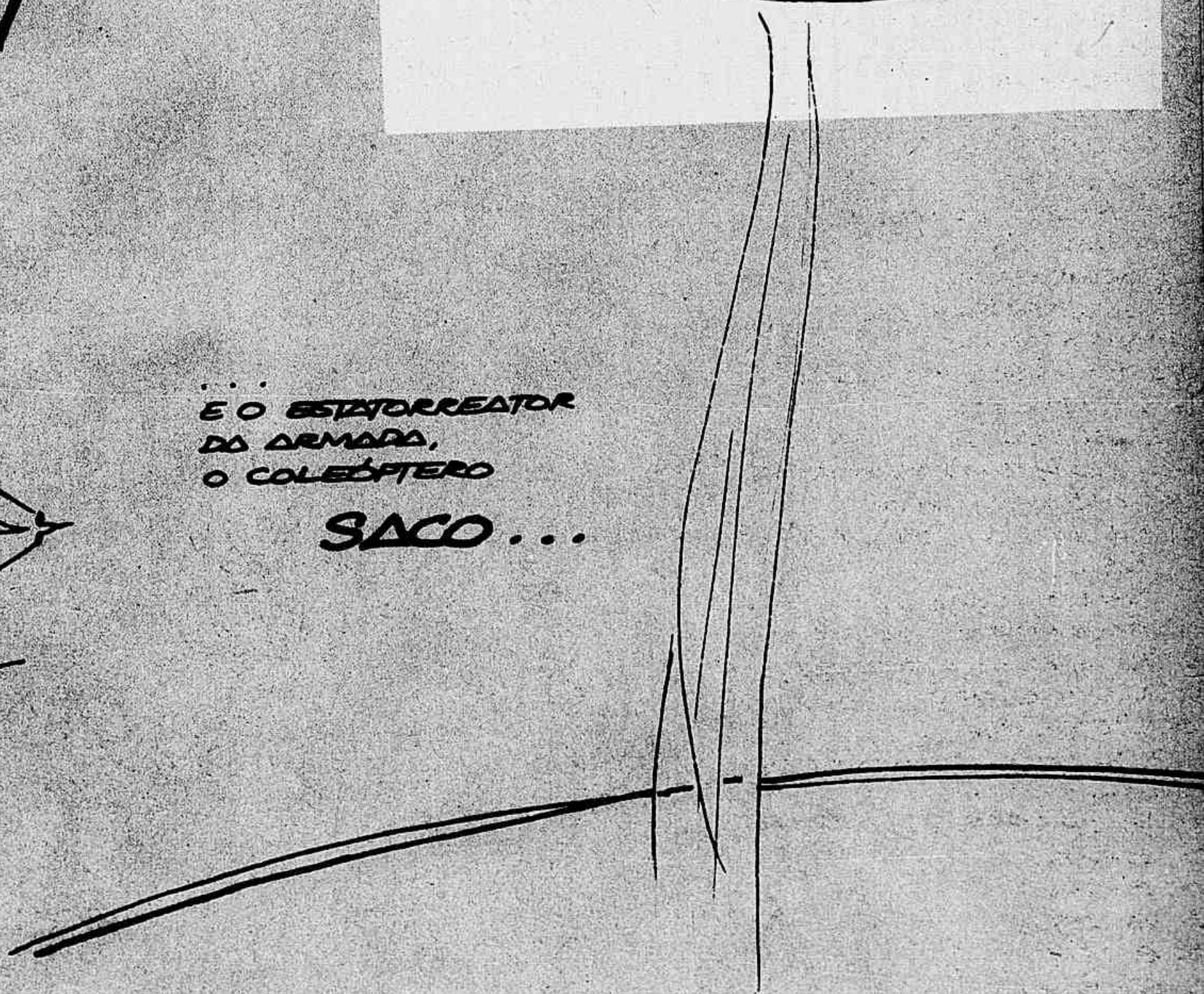
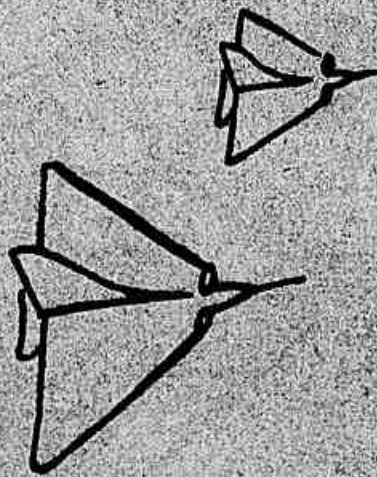
POR ISSO
FORAM LANÇADOS AGORA
O GLOSTER JAVELIN
6A-5

TRAPEZIO ...

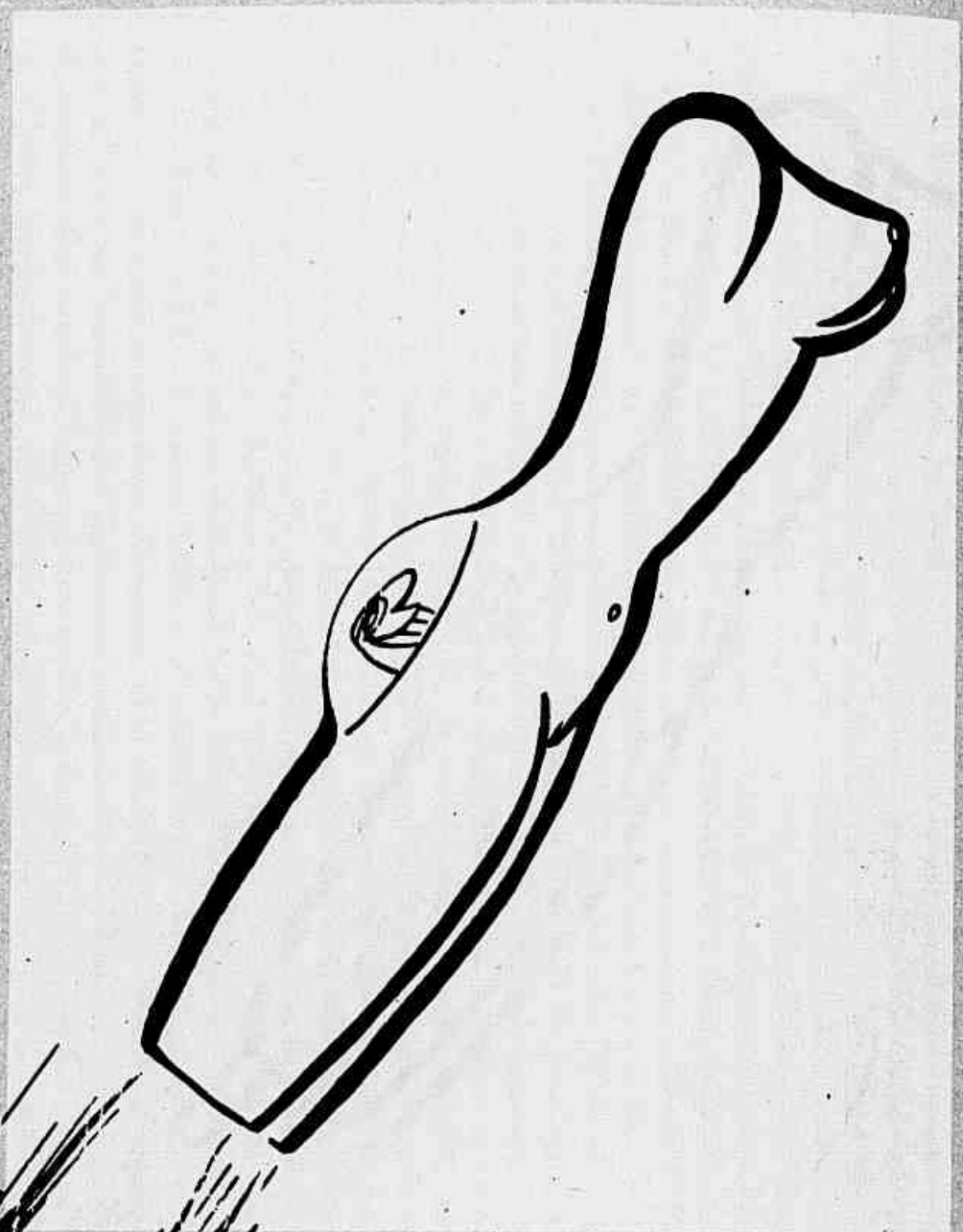


...
É O ESTABORREATOR
DA ARMADA,
O COLEÓPTERO

SACO ...



NA HISTÓRIA
 DA CONQUISTA
 DO ESPAÇO
 AERÉO
 AVIÕES
 TEM INSCRITO
 SEU NOME
 A TIRO,
 NÃO FOSSEM ELES
 MILITARES.
 O TRIPLANO
 FOKKER
 DE RICHTHOFEN,
 FAMOSO EM 1917.
 O STUKA
 JU 87
 MOLA PRINCIPAL DA
 BLITZKRIEG
 CONTRA A POLÔNIA,
 GRÉCIA, PAÍSES BAIXOS,
 ÁFRICA.
 O ZERO JAPONÊS,
 VELOZ E DE GRANDE TETO,
 FEZ MISÉRIAS DAS ALEUTAS
 E FILIPINAS.
 O P-40
 TOMAHAWK,
 TIGRE VOADOR,
 CAMPANHA DA CHINA,
 BIRMÂNIA, BURMA.
 O STORMVIK RUSSO,
 TANK-VOADOR,
 TERROR DAS
 FURCAS BLINDADAS DE HITLER
 O SPITFIRE,
 QUANDO MUITOS
 DEVERAM TANTO
 A TÃO POUCOS,
 (INGLATERRA, 1940).
 O FOCKE-WULF 190,
 VELOZ CAÇA DA
 LUFTWAFFE.
 O P-47
 THUNDERBOLT,
 DO SENTO A PUA
 DA FEB NA ITÁLIA.
 O MIG-15
 ADVERSÁRIO
 DOS SOBREVIVENTES
 AMERICANOS,
 NA GUERRA DA COREIA.
 O MUSTANG
 DE ESCOLTA.
 OS BOMBARDEIROS
 DE MERULHO:
 O CURTISS HELLDIVER,
 O SBD,
 O GRUMMAN;
 O DORNIER DO-17
 O SAVOIA-MARCHETTI 84;
 O LANCASTER,
 O STERLING,
 AS SUPER-FORTALEZAS;
 O B-17
 O B-24
 O B-25
 O B-26
 O B-29
 O B-52
 O B-BASTA!



AGORA A ÚLTIMA NOVIDADE
 EM AVIÃO DE CAÇA:
 A FRANÇA, DEPOIS DO MYSTÈRE
 E DO TRIDENT, PARA REVOLUCIONAR
 TODOS OS MÉTODOS DE COMBATE,
 LANÇARÁ O EBAUDISSEMENT.
 SEU ALCANCE E VELOCIDADE,
 SEU PODER DE FOGO (QUE DIZEM INEGAL
 O NOME E O TELEFONE DO MODELO
 NÃO FORAM REVELADOS...

É LÓGICO QUE O HOMEM NÃO IRÁ SE CONTENTAR COM A CONQUISTA DO ESPAÇO IMEDIATAMENTE SITUADO SOBRE SUA CABEÇA. ELE AGORA JÁ QUER CONQUISTAR TAMBÉM O ESPAÇO INFINITO. POR CAUSA DISSO, HÁ UM VERDADEIRO RUSH, UMA CORRIDA DESENFREADA, UMA RIVALIDADE E UMA CONCORRÊNCIA TREMENDAS ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS, PARA VER QUEM CHEGARÁ PRIMEIRO MAIS ALTO, MAIS ALTO, ELI DISSE, AINDA MAIS ALTO! CADA POTÊNCIA QUER LANÇAR NO ESPAÇO O QUE A OUTRA LANÇOU, EM DÔBRO. EXEMPLO:

800 KM

700

600

500

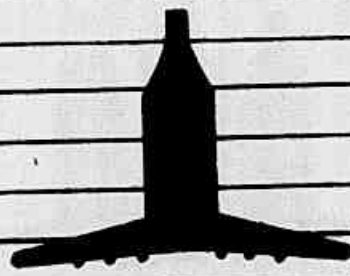
400

300

200

100

20 km



O AMERICANO
LANÇA O

X 0073592439450

(KILLER)

O RUSSO,
IMEDIATAMENTE, O

Z.K.P.

KOMMUNISTICHESKOYE

PROSVESCHENIYE

(ПЕВ)

O INGLÊS O

BIG JOHN

SCOTCH BULL

(FEROZ)

O ALEMÃO O

V 707-4

UNLIBERWINDLICH

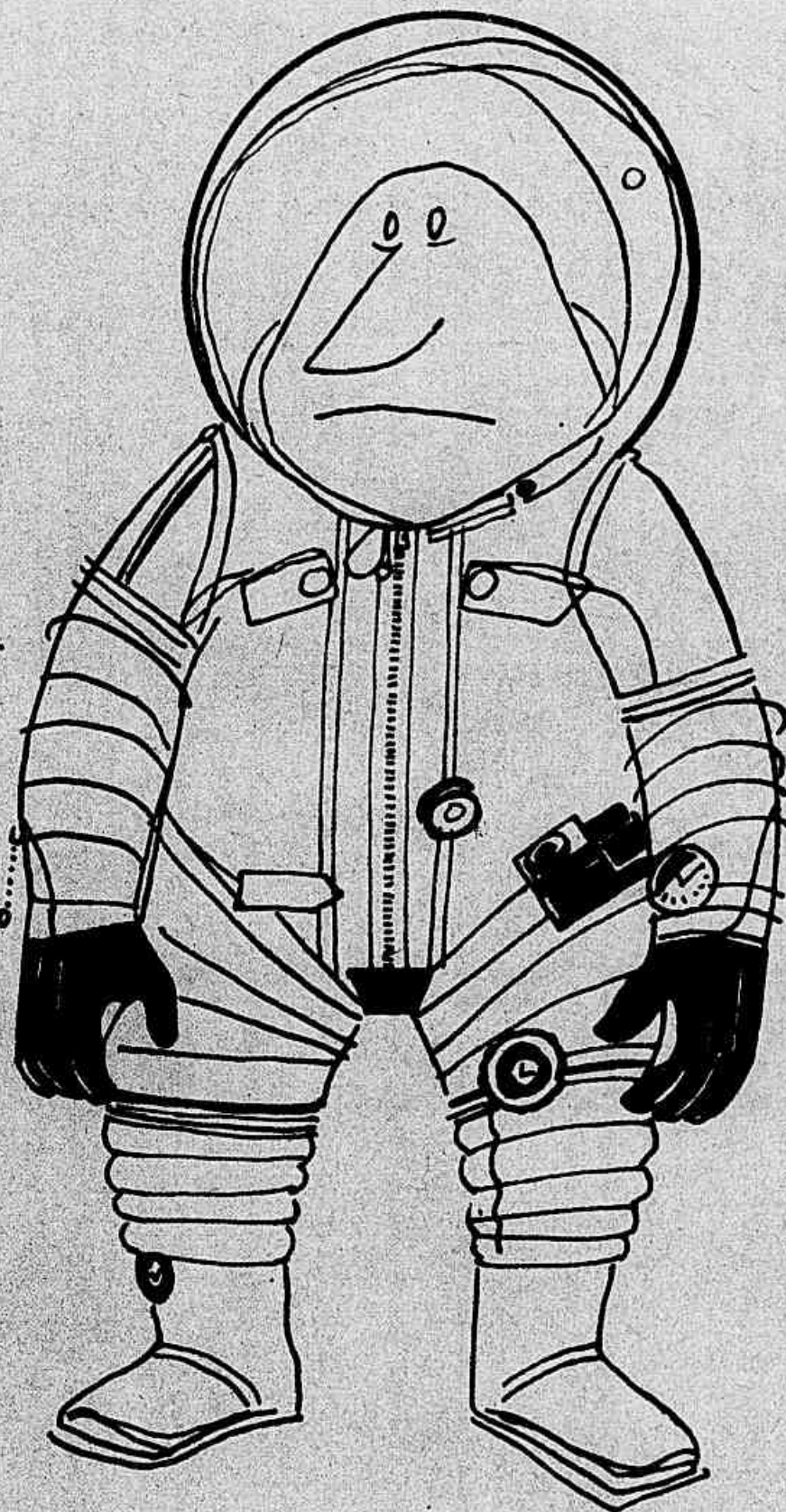
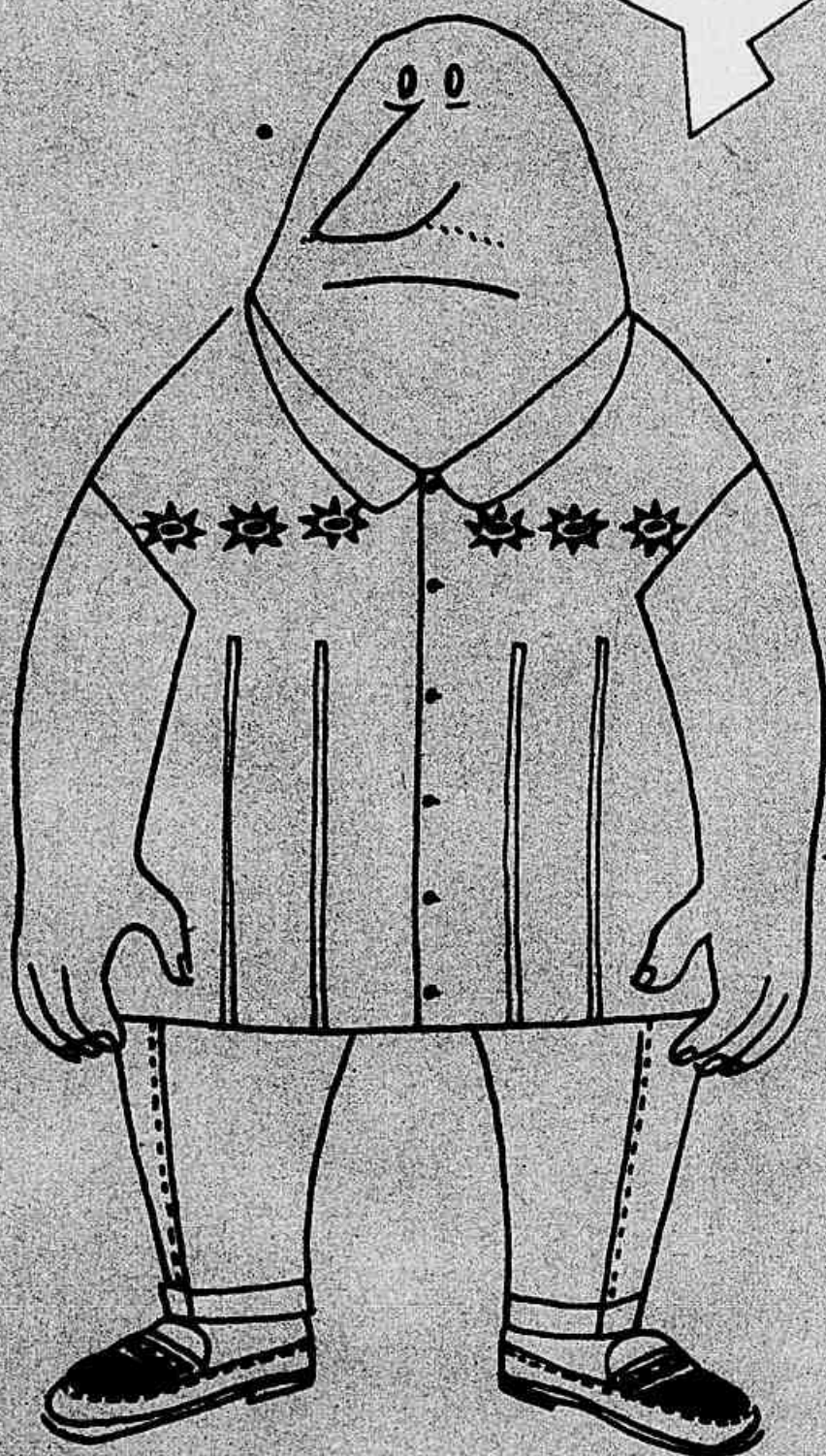
(INSUPERÁVEL)

E NÓS LANÇAMOS

O TURQUÊS

CO NA REVISTA, QUE ME OBRIGA A DIZER E' SÓ, AGORA DECOLO
SENTIR COMO O ESPAÇO TEM PREOCLIPADO O HOMEM. NO MELI CASO, O ESPL
DEPOIS DE TUDO QUE ELI DISSE, ACHO QUE QUALQUER LIM PODERA

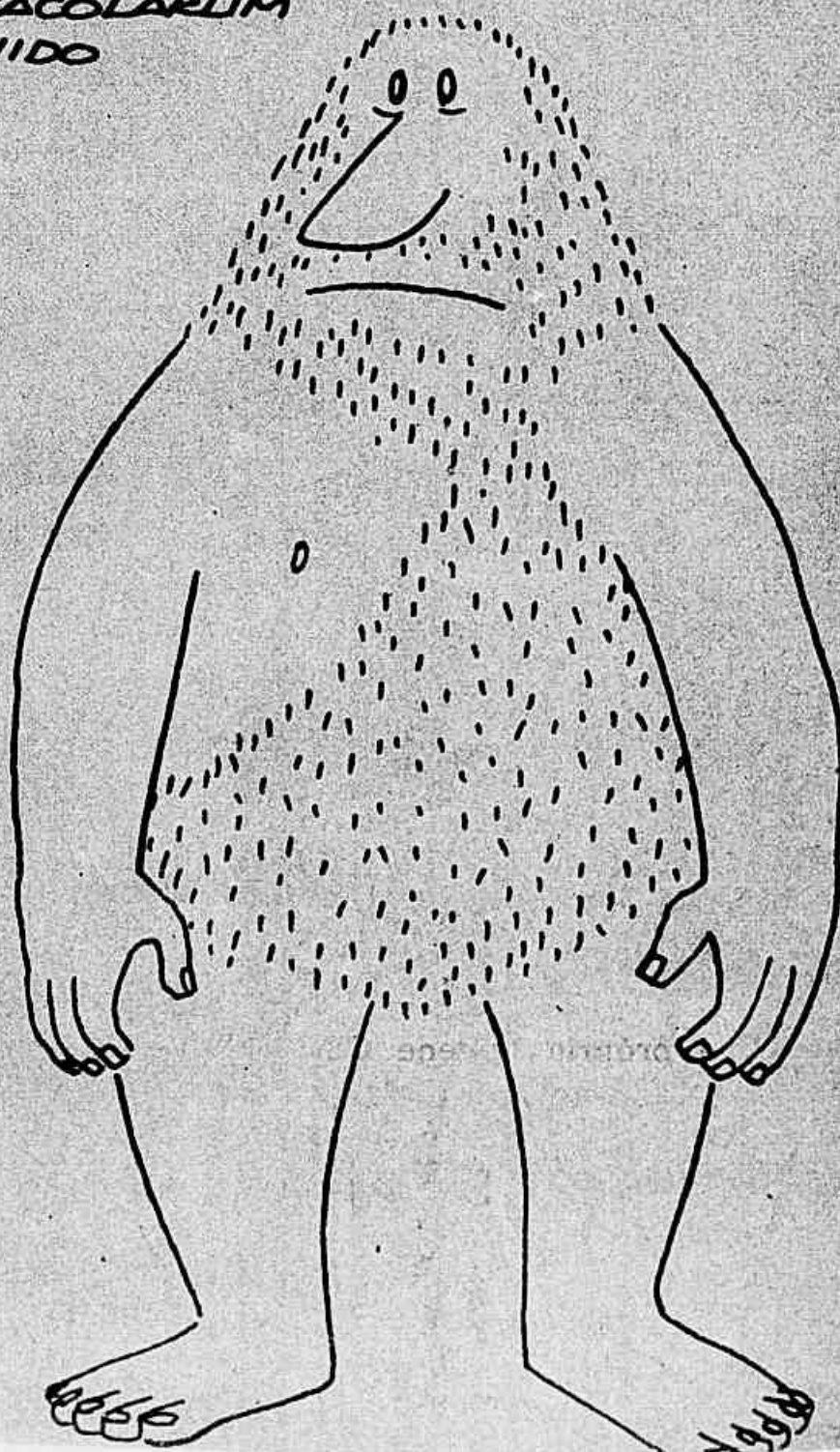
UNIVERSIS .
SAPIENS SAPIENS SAPIENS
O HOMO SAPIENS
QUASE ANGELICAL :
DIAFANO
EXTRATERRESTRE
NO SER
ÊLE SE TRANSFORMARA
POIS —



DE 1958 —
HOMO COCACOLARUM
O INDEFINIDO
E . . .

DE STEINBERG
PITHECANTHROPUS
O ESTÚPIDO

DE SEUS ANTEPASSADOS —
QUAISQUER RESQUIÇOS
VISLUMBRARÁ NÊLE
JAMÁS SE
NA ESCALA DA EVOLUÇÃO .
TERÁ ALCANÇADO O SEU ÁPICE
FLAMENGO FANÁTICO
BÍPEDE
MAMÍFERO VERTEBRADO
O BICHO-HOMEM TERRESTRE
A CONQUISTA DO ESPAÇO
QUANDO SE TORNAR REALIDADE



ESP
ERA

NÃO FOI LAMPIÃO o maior cangaceiro do Nordeste. Terá sido, possivelmente, o mais bárbaro e mais pitoresco na conformidade de uma certa legenda popular e literária. No entanto, o mais típico, esperto e audaz cangaceiro do Nordeste foi Antônio Silvino.

Não quero fazer história sobre esses dois indivíduos representativos de uma crise social em determinado período da vida nordestina. Estou, apenas, procurando esclarecer o leitor sobre o episódio que em seguida narrarei.

Lampião viveu sempre perdido nos sertões e os seus assaltos não atingiam cidades servidas por estradas de ferro e de rodagem que permitissem o transporte rápido da polícia.

Com Antônio Silvino era diferente. Ele campeava com o seu grupo por toda parte. O presidente do Estado, para visitar um amigo a vinte e quatro quilômetros da capital, fazia-se sempre acompanhar de forças policiais que o protegessem de surpresas desagradáveis, como o ataque dos cangaceiros que se acoitavam nos engenhos ou nas fazendas. Antônio Silvino era um motivo de terror para muita gente e uma fonte de renda para os "coiteiros". E tão escandalosa e alarmante foi a influência do famoso cangaceiro que o governo federal enviou tropas do Exército para o interior do Nordeste a fim de combatê-lo e destruí-lo. Esse esforço, todavia, não deu resultado. E a prisão de Antônio Silvino foi obra do acaso e da traição.

Mas não é disso que me ocupo hoje, propriamente, como se verá adiante.

A vila do Pilar fica à margem direita do rio Paraíba e a 30 quilômetros da capital do Estado. Em 1909, já era uma espécie de velho sonolento que só despertava bem para afastar das pernas nuas o bando de muriçocas famintas. Havia pessoas interessantes no Pilar, mas nada acontecia para fora das casas e da Igreja.

Nos últimos dias de julho de 1909 fazia um luar maravilhoso e eu me divertia lendo versos de Castro Alves, sem auxílio de lamparina, precisamente no sábado em que várias coisas aconteceram.

O major Augusto, tabelião da vila, já venerando, era casado com uma senhora vaidosa e moça. E, por isso tinha os seus cuidados.

Naquele sábado, às sete da noite, ele apareceu em casa do meu pai. Vinha raivoso, e vinha queixar-se do vigário — o padre Severino Ramalho, homem novo, galhardo, cantador de músicas sacras, um sucesso na vila.

— Sabe o senhor o que me acaba de fazer esse padre?

Meu pai não sabia, mas comprimia nos lábios um sorriso de quem adivinhava o acontecido.

— Pois é — continuava o major Augusto — minha mulher é zeladora do Coração de Jesus e não pára em casa. Vive na Igreja o dia todo. Eu disse a ela que tirasse licença e que havia muita moça aí para ser zeladora. Respondeu que só o padre Severino poderia dispensá-la do serviço da Igreja. Pois agora estive na casa do vigário e lhe disse que minha mulher não podia ser "zeladora", não tinha tempo para isso. Sabe o senhor qual foi a resposta? Simplesmente esta: o nome de minha mulher estava em Roma e só o Papa tinha poder para riscá-lo da Irmandade.

Minha mãe, muito religiosa, procurou acalmar o major Augusto:

— O senhor está zangado sem razão. Eu também sou zeladora do Coração de Jesus...

— Eu sei, mas a senhora tem filhos para cuidar, vive na sua casa e seu nome não está em Roma. Eu vou tomar providências ainda que tenha de escrever ao Papa...

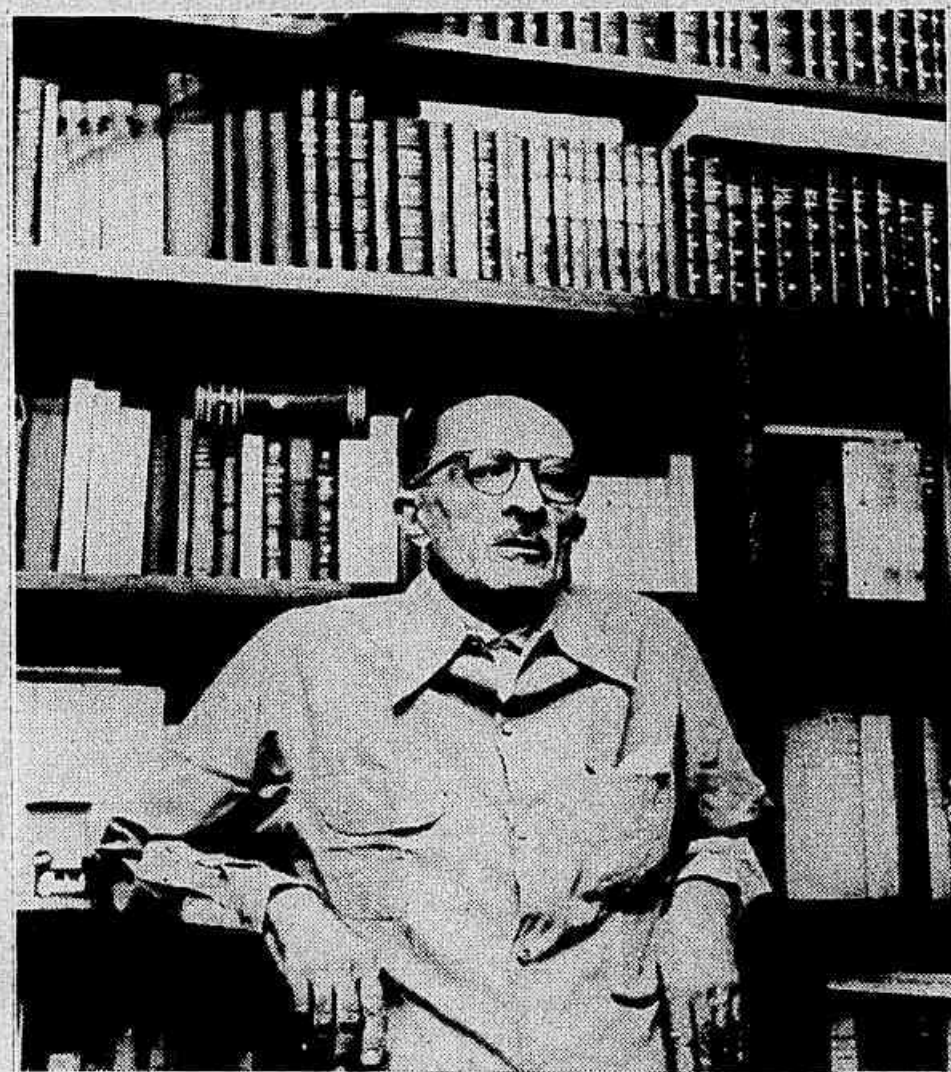
O major Augusto não chegou a terminar as suas queixas, porque Tota, o oficial de justiça, entrou pela sala a dentro numa grande agitação:

— "Seu" doutor se deu uma desgraça. Antônio Silvino está lá no comércio. Soltou os presos e prendeu a guarda. E foi agorinha mesmo para a loja do comendador Napoleão...

MEMÓRIAS

DO QUE EU VI E SENTI

ANTÔNIO SILVINO, MAIOR CANGACEIRO DO NORDESTE E SEUS "NOBRES" COITEIROS



Rafael Corrêa de Oliveira

Meu pai ficou livido. Era o juiz, a principal autoridade da comarca, e ali estava, com todos os habitantes da vila, à mercê de um grupo de salteadores.

O major Augusto saiu voando, foi à Igreja ver a mulher, levá-la para casa. E Tota, a pedido de meu pai, voltou ao comércio para saber o que estava ocorrendo.

Quinze minutos depois ele regressava com as notícias. Antônio Silvino não apanhara o comendador Napoleão porque este viajara de tarde para a capital. Mas a esposa, dona Inêsinha, estava com os cangaceiros em casa. Eles tinham tomado conta do estabelecimento comercial que ficava no andar térreo. E no sobrado, por cima, Antônio Silvino exigia da pobre senhora o segredo do cofre.

— É uma desgraça "seu" doutor, a d. Inêsinha só falta morrer.

— E ela está só? — perguntou minha mãe.

Tota respondeu que sim, que estava sôzinha, com o irmão prêso pelos cangaceiros.

Então minha mãe, que nas ocasiões difíceis era sempre a neta legítima de Antônio Borges da Fonseca, não teve dúvidas e disse: Eu vou até o sobrado ver d. Inêsinha.

Meu pai não disse uma palavra.

Eu acompanhei minha mãe até o centro comercial. Havia muita gente na rua. Os cangaceiros passavam com os rifles no braço, as cartucheiras a tiracolo. Quando chegamos na porta da escada, um cabra de gaforinha exagerada, nos disse:

— Não podem subir não, dona.

— Por quê? Eu sou a mulher do juiz e venho ver minha amiga d. Inêsinha.

O cangaceiro nos olhou, balançou a cabeça sorrindo e se afastou da porta. Subimos a escada, entramos na sala. A cena era impressionante. A esposa do comendador Napoleão, já idosa, cardíaca, respirava ansiosamente sentada num sofá.

Diante dela, o vulto enorme de Antônio Silvino, com o rifle na mão, era uma terrível e muda ameaça. Quando minha mãe entrou, ele, meio tato, perguntou:

— Quem é a senhora?

Ela respondeu, e o cangaceiro disse:

— Dei ordem para respeitar o juiz. A dona é filha do dr. Bento Viana, não é?

— Sim, é verdade. Mas que é que o senhor quer dessa pobre senhora doente e desacompanhada?

— Quero o segredo do cofre, ela não quer dar porque nunca viu o diabo sair da boca de uma garrafa.

A presença de minha mãe exerceu uma influência enorme no cangaceiro. Naturalmente ele se lembrava de meu avô, a quem, certa ocasião, na fazenda, tentara intimidar, sendo repellido com rispidez. Marchando para a porta, Antônio Silvino pára um momento e despediu-se com estas palavras: "Vou lá pra baixo distribuir fazenda e carne pra cambada. Mas se Napoleão não se mudar do Pilar, eu volto aqui e toco fogo nisso tudo".

Minha mãe conseguiu acalmar d. Inêsinha e deixou-a deitada num quarto em companhia dos empregados. Quando chegamos à rua vimos Antônio Silvino de pé com uma caixa de níqueis na mão. Eram centenas de moedas de cem, duzentos e quatrocentos réis. Ele atirava o dinheiro ao povo, gritando:

— "Lá vai milho, galinhada".

E as cento e poucas pessoas aglomeradas diante da casa do comendador Napoleão caíam sobre as moedas, numa confusão de irracionais, enquanto alguns moleques gritavam:

— Viva o capitão Antônio Silvino.

Às 11 horas da noite os cangaceiros partiram. A vila do Pilar voltou à legalidade.

Mas no dia seguinte meu pai instaurou inquérito para processar regularmente os autores do assalto.

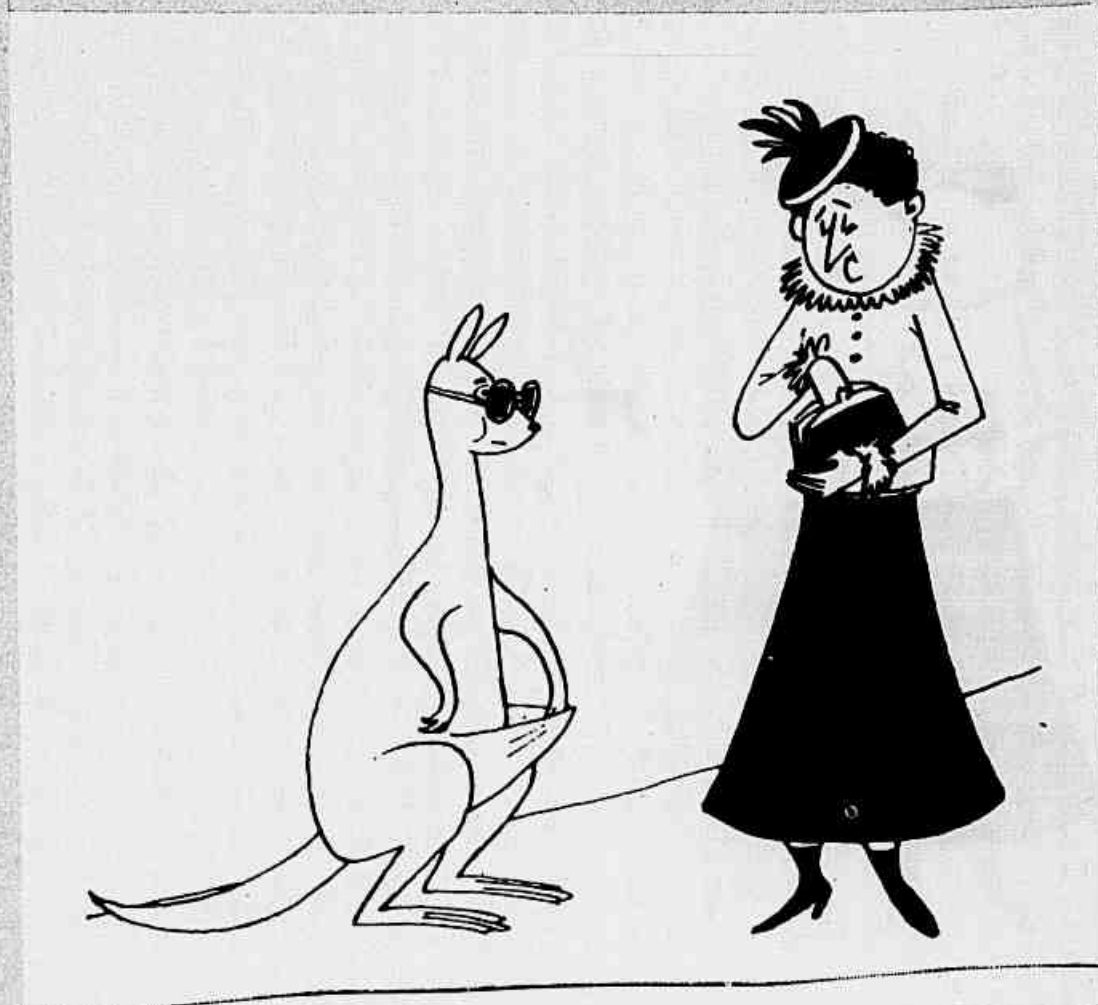
O comendador Napoleão, que era o prefeito, pediu demissão, mudou-se do Pilar, entregou a "política" aos seus adversários, senhores de engenho na Várzea do Paraíba. E meu pai, que ousara processar Antônio Silvino, também foi obrigado a sair do Pilar.

Por causa dessa história refere José Lins do Rêgo, no seu último livro, uma frase do velho Zé Paulino (aliás José Lins de Albuquerque), avô do saudoso escritor, sobre o juiz do Pilar:

— "O dr. Samuel não tem juízo. O pai é bom homem. Mas ele não tem juízo."

Anos depois Antônio Silvino, já prêso na cadeia de Recife, me revelava todo o segredo de seu assalto no Pilar, inclusive a identidade dos que guardavam o tesouro de seus roubos. E me pedia que nada dissesse, para seu benefício, acrescentando que salvara a vida de meu pai naquela noite do assalto quando os sentenciados soltos queriam vingar-se do juiz...

Linha Saco





Capitão Rangel, avança com a bola dominada, no encontro entre o III.º e o II.º Exército, jogo efetuado no campo principal da Sociedade Hípica Paulista. Em segundo plano, o juiz, major Fernando, da Força Pública de S. Paulo. No fundo, o majestoso relógio elétrico, único da América do Sul.

COMO NASCEU O "HANDICAP"

WALTER BRANDÃO

O PÓLO CONTINUAVA florescendo e muitos países adotaram-no como exercício militar, mas a sua maior difusão era nas ilhas britânicas. Assim é que o clube de Hurlingham, anteriormente um clube de tiro ao pombo, transformou-se em meca do pólo inglês, onde, aliás, foi realizado o primeiro jogo. Desde então, o moderno "chaugan" passou a ser disputado regularmente e em 1876 foi instituída a taça de Campeão, a Interregimental e o jogo anual entre as Universidades de Oxford e Cambridge, isto em

1878, logo a seguir em 1878 foi disputada a taça do Condado. Durante trinta anos, o clube de Hurlingham predominou sobre as demais instituições polísticas inglesas. Este clube, segundo fomos informados, deixou de ter campo de pólo, tanto que este ano, a temporada inglesa não será disputada em Hurlingham e sim em Cirencester, que depois da última guerra vem despertando as atenções mundiais, deve-se, é necessário que se diga, ao entusiasmo do duque de Edinburgh, amante e praticante deste esporte.

ORIGEM DO HANDICAP

Não foram os ingleses, como se julga, os idealizadores do handicap, e sim os norte-americanos, que conseguiram superar em número e qualidade o pólo britânico, vendo-se assim obrigados a classificar seus praticantes, com o propósito de equilibrar as pelejas. Foi em 1891 que os norte-americanos introduziram um sistema de classificar os jogadores de acordo com sua categoria técnica. Esta classificação consistia em

traduzir em "goals" a sua capacidade com um determinado número teto, ou seja: — 10 "goals" máximo e menos 2 "goals" no mínimo. Todavia, os ingleses, só em 1910, adotaram-no, o mesmo sucedendo com os demais países praticantes. Este sistema, denominado sistema inglês, ou de "handicap" negativo, é o sistema ideal onde o número de jogadores é reduzido como no Rio de Janeiro, já que dá possibilidades ao iniciante de enfrentar, em igualdade de condições, o jogador de maior categoria.

DOIS SISTEMAS

O mundo polístico tem hoje nova meca do pólo internacional, a Argentina (campeã do mundo), que não adota o sistema negativo e idealizou outro, onde se separam os iniciantes dos chamados craques. Assim é que os portenhos iniciam sua tabela com 10 "goals" (possuem dois astros, Carlos Menditeguy e Roberto Cavanagh), e terminam com 1 "goal". Esse sistema vem ganhando aderentes, isto porque, como frisamos em nosso primeiro artigo, o pólo é um esporte de natureza individualista: o jogador quando atinge a classe média, não se entusiasma quando tem que enfrentar um calouro.

DISTRIBUIÇÃO DE HANDICAP

A distribuição de "handicap" é organizada por uma comissão especialmente eleita para o mister. O critério adotado é o da observação, considerando o fator cavalo.

O jovem iniciante, no sistema inglês, atua no primeiro ano com menos dois "goals", na temporada seguinte, a Co-

missão se reúne para julgar as atuações e a qualidade de sua tropa, caso sejam promissoras (em muitos casos), o calouro é promovido a um "goal", e à proporção que seu jogo for progredindo tecnicamente, vai somando a seu favor os "goals" que a comissão anualmente lhe outorgar, até atingir o índice local.

PÓLO NO BRASIL

A introdução do pólo no Brasil foi o produto de uma brincadeira de alguns rapazes que, veraneando em 1923, em Petrópolis, resolveram jogar pólo. Mas vamos reproduzir as palavras do falecido dr. Alfredo Thon dos Santos. Dizia-nos o veterano astro: — Estávamos no verão de 1923-24, em Petrópolis, eu (Alfredo T. dos Santos), Raimundo Castro Maia, mr. Crosby, mr. Willar, mr. Willets, Mac Neill e outros, já cansados das diversões locais, quando tivemos a idéia de organizarmos um jogo de pólo. Todavia nem todos tinham cavalos, e aí deu-se o pitoresco da história: — alugamos todos os cavalos de alugueis disponíveis da cidade (segundo o falecido craque, desatrelavam as charretes em plena rua, para alugarem os cavalos). Como se vê, o aparecimento do pólo no Brasil, não teve nada de rígido e pensado, foi tudo espontâneo e divertido. Terminado o verão, isto em princípios de 1924, aqueles jovens pretextando reunir-se reiniciaram no clube hípico em São Cristóvão suas atividades polísticas, conseguindo até que um prefeito do Distrito Federal concedesse o campo de São Cristóvão para suas porfias.

No ano seguinte (1925), os bandeirantes Guilherme Prattes, Elias Alves de Lima, Tito Pacheco Júnior e os irmãos

Lara Campos (Luís e Alcides), iniciavam na capital paulista os primeiros jogos de pólo, tendo em 1928, com o esporte já bastante difundido, organizado uma temporada com a equipe argentina dos Los Garranchos (vieram ao Rio depois). Os portenhos enfrentaram os paulistas e perderam o primeiro jogo. Os heróis dessa jornada foram os irmãos Lemos de Toledo (um deles Nenê Junqueira) e Olímpio Souza Lima. Sendo um estado mais rico, os paulistas tiveram maior facilidade em difundir este esporte, por isso possui maiores adeptos, tendo mais de duas centenas de praticantes em todo Estado.

Os clubes foram surgindo no Rio e em São Paulo, de acordo com a necessidade do esporte. Os paulistas se orgulham da Sociedade Hípica Paulista com o seu moderno relógio elétrico e suas ótimas instalações polísticas, todavia os cariocas têm o privilégio de ter o seu Itanhangá, como o estandarte do pólo brasileiro, pois é o clube chamado "fechado", mais popular do país.

A maioria daqueles pioneiros abandonou as lides esportivas, uns por regressarem aos seus países, outros por afazeres particulares, mas um jamais abandonou os campos do Rio: Alfredo dos Santos. Tornando-se o craque absoluto no Brasil e respeitado no exterior, deixando de jogar, continuou a comparecer aos jogos no Itanhangá ou Gávea, com o mesmo entusiasmo dos seus áureos tempos. Há oito anos havia sido forçado por um acidente a abandonar o esporte. Outro jovem que continua a desafiar o tempo, é este craque do Gávea, Walter Freytmann que, com seus

O coronel Pedro Geraldo de Almeida recebe das mãos do dr. Mulanovich, presidente da Federação Peruana de Pólo, a taça "Diário Carioca", vencida pelos militares.

Didu de Souza Campos salva peonato brasileiro. Note-se





O falecido craque Alfredo Thon dos Santos, um dos introdutores do pólo no Brasil.

Nomes que a história guardou

sua cidadela, num encontro do cam-
as balizas do pólo.



sessenta anos, ainda dá lição de pólo em muito garoto de 20. Gustavo de Carvalho foi outro dinâmico e entusiasta, além de ótimo jogador, graças a quem, o pólo carioca deve a sua sobrevivência. Gustavo de Carvalho faleceu em consequência de um desastre automobilístico. Roberto Boavista, Ângelo Sertório, Plínio Carvalho, Fernando Delamare, Edgard Rocha Miranda, irmãos Davis, Leopoldo Modesto Leal, Alvaro Catão, irmãos Klabin, e Carlos Eduardo de Souza Campos, no Rio, Laert Assunção, Alfredo Sestine, os Meireles, Sílvio Toledo Piza, os Figueiras de Melo, e a outros entusiastas e abnegados, que reuniram acima de tudo as qualidades natas de craques, se deve o progresso e a existência do pólo no Brasil.

HANDICAP CARIOCA

Foi retribuindo a visita de duas equipes argentinas, que Alfredo Thon dos Santos, Egídio Aranha (Kalu) e os capitães João Franco Pontes, Mauro Ribeiro da Costa e Dutra, excursionaram à Argentina, lá atuando no estádio de Palermo, perdendo mais que vencendo. De regresso, o veterano Alfredo Thon dos Santos organizou a primeira tabela de "handicap" no Itanhangá em colaboração com os militares.

ALVORADA DOS NOVOS

Filiando-se à Federação Hípica Metropolitana, o Itanhangá e o Gávea, juntamente com uns rapazes do Jacarepaguá (um clube em formação), trouxeram em 1955, os Tortugas-Aurora, quarteto dos irmãos Zavaleta (argentinos), quando a equipe oficial do Itanhangá (Didu de Souza Campos, Miguel Faria, Daniel Klabin e Amílcar Bezi), a derrotou com dificuldade, que os demais jogadores entusiasmaram-se e agruparam-se em equipes, organizando o primeiro torneio oficial de pólo nesta capital. Deve-se em parte à tabela de "handicap" negativo elaborada pelos senhores Alfredo Thon dos Santos, Roberto Boavista, Carlos Eduardo de Souza Campos e Plínio Carvalho, além dos senhores Miguel Faria e Fernando Delamare. Foi neste ano que, apoiados decisivamente pela imprensa, surgiram Tony Mayrink Veiga, Humberto Pimentel Duarte, Plínio Carvalho Filho, príncipe D. João de Orleans e Bragança, irmãos Calmon de Brito que, juntando-se aos veteranos, fundaram as seguintes equipes: — Tigres, Gatos, Baton-Rouge (hoje Santa Matilde), Celeste Santo Antônio. O Gávea continuou com uma equipe, mas uns abnegados desportistas resolveram fundar um clube especializado e com muita força de vontade fundaram o Jacarepaguá (inaugurará seu pequeno estádio dia 31 do corrente). Buby Padilha, Jacinto Sá Lessa, Oscar Nolasco (não joga mais), Maurício Speyer, Maurício Memória, Fernando Caminha, Juca Padilha (concedeu 15 000 metros quadrados

de sua fazenda para o estádio) e mais três outros cujos nomes não nos ocorrem no momento, num total de dez, são os responsáveis por esta obra progressiva para o pólo carioca.

Na presente temporada novas fisionomias se apresentarão ao público carioca. Os jovens Manoel Tavares de Souza, Jorge Eduardo Corrêa do Lago, José Carlos Kruehl, José Carlos Ribeiro Junqueira, Ronaldo Xavier de Lima, Alexandre de Souza (Xandinho), formarão a nova geração com que o pólo contará para a sua continuidade.

COMPETIÇÕES

O Brasil, em futuro próximo, poderá se orgulhar de ter uma organização polística, isto porque, embora vagarosamente, caminha-se para a sua consumação. Vejamos: já temos um campeonato brasileiro, organizado pela Confederação Brasileira de Hipismo, nas duas Federações disputam-se os campeonatos locais, tendo a imprensa dedicado algumas colunas para sua divulgação (no Rio). A Federação Hípica Metropolitana, dirigente do pólo no Distrito Federal, oficializou um torneio patrocinado pela revista "Rio Magazine". O intercâmbio com os argentinos tem tido influência decisiva para o nosso desenvolvimento técnico, bem como com os bandeirantes e militares.

1º CAMPEONATO BRASILEIRO

O primeiro campeonato brasileiro foi uma iniciativa do "Diário Carioca", e teve como sede o Rio de Janeiro, nele competindo paulistas, cariocas, fluminenses e militares, especialmente convidados. Sagraram-se campeões os militares da Comissão de Desportes do Exército, estando incluído dentre eles aquele jovem capitão que se torneou o primeiro internacional do Brasil, o atual coronel João Franco Pontes. São campeões brasileiros os seguintes craques: — Coronel João Franco Pontes, ten. coronel Joaquim Portinho, majores Aécio Morrot, Vinícius Kruehl e Mota Lima, capitães Luna, Rangel, Ceratti e os tenentes Figueiredo e Marques.

Este ano, em São Paulo, será realizada a segunda disputa da taça "Diário Carioca".

MAIORES EQUIPES DO BRASIL

Contam os veteranos que a maior equipe que o Brasil viu jogar foi a de São Borjas, dos irmãos Vargas, todavia, depois de 1955, vimos o Celeste Santo Antônio, de Roberto Boavista, São Martinho, com os Meireles e Kielh; o Pirajussara, de Laert Assunção, e o II.º Exército, dos cunhados Pontes e Portinho. É justo lembrar-se do Gávea de 1955 e de 1957, com os Plínio Carvalho, Morrot, Gegê, Alvaro Catão e Preytman (o jovem).

A SEMANA DEIXOU TAMBÉM ESTAS LEMBRANÇAS...

DE GAULLE E A DUALIDADE DE PODERES

O DILEMA criado pela dualidade de poderes na França caminha para um rápido desfecho. A dualidade de poderes gerou-se quando a rebelião dos colonos e do Exército franceses da Argélia encontrou expressão política na França continental na voz de De Gaulle. Este, ao se declarar disponível para voltar ao poder por meios pacíficos, mas excepcionais, atendeu ao apelo da revolta argelina criando um problema constitucional, o da possibilidade de voltar ao poder sem instalar a ditadura pessoal e dissolver a Assembléia.

A reação do governo Pflimlin foi dupla. Satisfeita a condição de uma sólida maioria na Assembléia, passou a apaziguar os generais rebeldes na esperança de trazê-los ao redil de Paris, e *comprando* o tempo para as reformas constitucionais necessárias à instalação de um regime de autoridade efetiva na França — sem De Gaulle. A precariedade do regime de partidos na França, que se revelou incapaz de formular uma política para resolver o problema argelino, está na raiz da dualidade de poderes agora instalada. As reformas constitucionais preconizadas por Pflimlin visam a restabelecer essa autoridade e capacitar o governo a negociar com os rebeldes sem a arbitragem de De Gaulle.

Conseguirá o governo francês vencer com êxito essa etapa de apaziguamento? Poderá continuar a desconhecer o apelo ao poder do general De Gaulle?

A principal força de apoio da política de apaziguamento e de reformas constitucionais sem De Gaulle é o receio da guerra civil. É verdade que o pânico do primeiro momento foi afastado ao declarar o general que não iria ao poder pela força. Mas o perigo da guerra civil ain-

da não pode ser afastado como perspectiva futura. Basta que os generais e rebeldes argelinos não recuem de sua exigência de volta de De Gaulle para que se crie uma ameaça de lutas internas na França entre as direitas e esquerdas.

Mas essa hipótese ainda é remota; como remota é a possibilidade de um movimento separatista dos rebeldes argelinos. O movimento separatista contraditória a própria finalidade da revolta: encontrar uma política e um chefe para assegurar a associação da Argélia com a França, sem risco de mediação estrangeira, ou seja sem risco da internacionalização do problema.

Os problemas imediatos são: o teste que a política de apaziguamento de Pflimlin terá de passar na Assembléia; a evolução da luta entre os degaulistas e direitistas, entre os moderados e extremados nos Comitês de Salvação pública. A situação na Argélia está sob controle enquanto os generais moderados puderem conter os extremistas com a palavra de ordem *De Gaulle ao poder*. Mas essa palavra de ordem pode ficar ultrapassada. O próprio De Gaulle teme tal fato — um movimento separatista de rebelião profunda contra o governo de Paris, ao afirmar que as decisões têm de ser tomadas com rapidez porque "os espíritos evoluem rápido".

O governo em Paris está agindo rápido mas sua política de apaziguamento e reforma constitucional, visando aumento de autoridade, foi mal recebido pelas esquerdas que afirmam o governo haver pedido poderes maiores do que De Gaulle pediu. Pode-se criar uma situação imediatamente favorável ao retorno de

De Gaulle, caso as esquerdas e os radicais neguem a confiança ao governo Pflimlin quando este apresentar seu programa. Estas poderiam votar a confiança temendo o general, mas a polarização de forças de direita em torno do general tende a se intensificar, caso os rebeldes insistam com a ida de De Gaulle ao poder. No fundo, então, novamente o problema argelino voltaria a derrubar o governo, pois as direitas não obedeceriam a autoridade de um governo minado pelas esquerdas na Assembléia, e as esquerdas dificilmente poderão apoiar, por muito tempo, o programa de direita do governo para a Argélia, com o fim de agradar os rebeldes.

De Gaulle colocou-se em disponibilidade para o poder. Já o detém de fato, na medida em que conta com as forças armadas e com a Argélia.

Parece esperar que os fatos facilitem a ascensão ao poder ao tornar mais flexível a interpretação dos problemas constitucionais envolvidos na ascensão. Adota a posição de árbitro para poder receber apoio das direitas, porque ele asseguraria, com a sua autoridade, a solução francesa do problema argelino, e das esquerdas porque tem um programa político liberal para a solução do mesmo problema. O programa liberal atenderia à atmosfera de confraternização na Argélia.

O medo da guerra civil e dos comunistas favorecem a longo prazo os planos do general de chegar ao poder legal. O poder de fato implícito na sua condição de árbitro da situação ele já o tem.



Grande interesse despertaram as eleições no Clube Militar, ao qual compareceram, entre outros, o ministro Francisco de Melo, o chefe de Polícia, Amaury Kruel, e o gen. Odilo Denys, que aparecem na foto. As urnas falaram em favor da chapa amarela.

SEQUESTRADOR QUER SER PAGO PARA FALAR NA TV

O GUARDA-LIVROS Júlio Mota de Carvalho, apontado como autor do sequestro do menino Sérgio Hazlot, após confessar minuciosamente todo seu crime, resolveu voltar atrás e negá-lo perante a imprensa. Se bem que a negativa nada represente face às provas (testemunhais e técnicas) colhidas pelas autoridades do 3.º Distrito Policial, o fato causou certa sensação. Num bilhete dramático, passado clandestinamente a um repórter, Júlio confessou-se inocente, vítima de monstruosa trama. Tudo que afirmara — disse — “fôra feito sob coação”. Era “vítima de uma farsa do detetive particular Bechara Jalk” que, sob ameaças o coagira a assinar uma confissão.

A imprensa, que até então não tivera oportunidade de entrevistar Júlio, publicou suas declarações, com certa reserva, e aguardou os acontecimentos. Posteriormente, o guarda-livros contratou um advogado (Alfredo Tranjan) e continuou negando qualquer participação no sequestro. Chegou mesmo a apresentar um *alibi*, dando-o como prova de sua inocência. O *alibi* não foi confirmado, a trama do detetive não foi explicada e Júlio teve sua prisão decretada pelo Juiz da 22.ª Vara Criminal. Continua prêso.

JUIZ TITULAR CONTRA A PRISÃO PREVENTIVA

Um fato curioso ocorreu na decretação da prisão preventiva de “Julinho”. O juiz titular da 22.ª Vara Criminal, dr. Eduardo Jara, serve também na Justiça Eleitoral. E justamente no dia em que funcionou como juiz eleitoral, numa terça-feira após a apresentação de Júlio,

assumiu o seu lugar o juiz Epaminondas Pontes, ex-policia, que — conta-se — recebeu apressadamente o delegado Pires de Sá com o pedido de prisão preventiva. Nesse dia, o titular do 3.º Distrito Policial, nervoso e temendo que Júlio conseguisse uma ordem de “habeas corpus”, procurava conseguir “por todos os meios” a prisão preventiva do homem apontado como sequestrador. Afirma-se que o juiz Eduardo Jara não gostou da decretação da prisão, porque considera que o pedido devia ser examinado mais minuciosamente...

SÉRIAS CONTRADIÇÕES

Alguns órgãos da imprensa apontaram contradições no depoimento do guarda-livros. Dentre elas destacaram duas: Júlio não podia estar falando a verdade, quando disse não conhecer a família Hazlot, pois em seu primeiro telefonema para dona Célia, mãe de Serginho, fizera referências às ligações do sr. Michel Hazlot com uma firma paulista, negócio esse que era do exclusivo conhecimento de alguns amigos da família. Dissera também Júlio Mota de Carvalho que escolhera o Colégio Barilhan ao acaso, valendo-se de uma lista telefônica. Um matutino publicou, então, trecho da lista em vigor, na data em que foi o menino sequestrado, provando que na ocasião o endereço do referido educandário aparecia como sendo na Rua Hilário Gouveia, quando, na realidade, já se havia mudado para a Rua Pompeu Loureiro. Sendo assim, a lista telefônica, que ainda não mudara o endereço, não podia ter servido de guia ao sequestrador.

Por sua vez, a Polícia, embora não explicasse essas contradições e mentiras, continuava afirmando ser Júlio Mota de Carvalho o verdadeiro sequestrador. E robustecia suas provas com o reconhecimento do quitandeiro Juventino e dos motoristas que serviram o homem louro. Mais tarde viria Sebastião Carvalho da Silva, o “Catião”, com quem o sequestrador mantivera dois contatos, e o reconheceu como o homem que se dizia chamar Sebastião e que estivera em sua casa.

VAI PROCESSAR O CHEFE DE POLÍCIA

Após manter seu primeiro contato com o sequestrador, o advogado Alfredo Tranjan informou à reportagem que irá processar o general Amaury Kruel, chefe de Polícia. O motivo alegado pelo causídico é o de que seu constituinte fôra mantido em cárcere privado, sem culpa formada e sem mandado de autoridade competente, durante sete dias.

A impressão geral é que nem mesmo o advogado acredita nas negativas de Júlio e que não irá defender esta tese. As provas de que dispõe a Polícia iriam levá-lo ao ridículo. O exame grafotécnico, o reconhecimento feito pelas testemunhas que mantiveram contato com o sequestrador, o roteiro dos passos do homem louro, feito por Julio Mota de Carvalho e as minúcias de seu depoimento, levariam Alfredo Tranjan a escolher outra defesa para seu cliente.

“SOU INOCENTE”

O encontro do sequestrador com a imprensa foi dramático. Com poses estu-



Ao delegado Edgard Pires de Sá (na foto), deve-se o sucesso do encaminhamento das diligências e do processo para o esclarecimento do "caso do sequestrador". Mais, ainda: nêle, a reportagem encontrou um colaborador, que facilitou todos os trabalhos, sempre gentil e dedicado; a êle, a RS deve os elementos, que tornaram possíveis estas notas.

dadas, citando Eça de Queiroz e tentando impressionar os repórteres, Júlio Mota de Carvalho protestou inocência.

— "Nada tenho a ver com êste sequestro — disse. Estou sendo vítima de monstruosa farsa, a qual será desmascarada em Juízo. Somente perante um magistrado meu advogado poderá apresentar minha defesa. Preparem-se os jornalistas honestos para receberem a verdade como ela é".

E Júlio contou uma história complicada. Disse que sua prisão se deve a um complô organizado por um seu empregado de nome Henrique e com a participação do detetive particular Bechara. Henrique teria sido despedido sumariamente de sua firma, por furto, e desde então passou a lhe votar ódio mortal. Mancomunado com o detetive, de quem é amigo particular e futuro cunhado, armou toda a farsa, tendo Bechara ficado encarregado dos detalhes. Sob ameaças de lhe dar sumiço, o detetive teria conseguido sua confissão.

Que vantagens teria o detetive para armar tal trama? E' Júlio quem explica: ganharia fama e sua agência prosperaria. Prestaria, ao mesmo tempo, um grande serviço ao seu futuro cunhado que, por sua vez, estaria vingado do homem que o despedira por ser um ladrão. Estas alegações não convenceram nem as autoridades policiais, nem a imprensa e parece que nem mesmo ao seu advogado.

UM ALIBI INEXISTENTE

Júlio também apresentou um alibi para o dia do sequestro. Disse êle que estivera numa repartição municipal, dando baixa no registro de sua firma comercial, uma papelaria situada na Rua São Clemente. Precisamente no dia 7 de novembro assinara e datara alguns documentos. Isto comprovado viria trazer verdadeira revolução para o processo, pois eliminaria o guarda-livros do rol dos suspeitos. E' que a repartição, abrindo seu expediente às 12 horas, dava a Júlio um alibi perfeito. A essa hora o menino Serginho já fôra sequestrado e o "homem louro", referido por todas as testemunhas, encontrava-se, a partir de então, no interior de três táxis, sem tempo material para ir à dita repartição. Ocorre que o alibi não se confirmou. O processo citado por Júlio realmente existe, porém só consta sua assinatura uma vez, no requerimento de baixa, datado de 5 de outubro.

COMPLEXO DE SUPERIORIDADE

A reportagem da REVISTA DA SEMANA manteve longo contato com o coronel Danilo Cunha, diretor da Divisão de Polícia Política e Social, que ouvira o sequestrador várias vezes e que, inclusive, captou-lhe a confiança.

— Júlio Mota de Carvalho é realmente o sequestrador — disse-nos. Êste rapaz tem um acentuado complexo de superioridade. Sua valdade chega a tal ponto, que êle se deu ao luxo de não planejar todos os lances do sequestro. Idealizou fazê-lo, alegando dificuldades financeiras, mas não chegou nem mesmo a escolher sua vítima. Êle se orgulha de resolver as situações mais difíceis à medida que elas vão surgindo. Assim, fez durante todo o caso, inclusive quando resolveu levar o menino Serginho para a casa de Juventino. Seu plano inicial não abrangia a casa do quitandeiro. Julgava que receberia o sequestro em poucas horas e entregaria a criança sem ter necessidade de deixá-la aos cuidados de ninguém. E' um megalomaniaco!"

E o coronel Danilo terminou suas declarações com êsse exemplo:

— Após a apresentação de Júlio à imprensa, no Gabinete do Chefe de Polícia, no primeiro contato que mantivemos, êle me disse: "O sr. viu, coronel, como eu me sai bem? Quando entrei no gabinete do general Amaury Kruehl, não sabia que a imprensa estava lá. imediatamente dominei a todos e passei a gozar a situação". E' assim Júlio Mota de Carvalho. Julga-se dono de uma inteligência ímpar. Quando se defronta com o interlocutor, procura estudar seu nível mental e depois dominá-lo com superioridade. Sua morbidez chegou ao ponto de certa vez êle me perguntar:

— "O sr. acha, coronel, que se eu desse umas entrevistas na televisão êles me pagariam bem?"



CRISTIANO: "MASCOTE" QUE FA

O JOVEM CRISTIANO LACORTE, que preside a república dos rapazes da Rua Miguel Lemos, partiu sábado último com o selecionado brasileiro, realizando assim uma velha aspiração — tornada realidade com o apoio decisivo de seu pai, o cientista Guilherme Lacorte.

Vítima da paralisia infantil desde criança, Cristiano, cuja história toda a cidade conhece, não apresenta para um rapaz de sua idade — 2 anos — os complexos naturais para quem só pode andar numa cadeira de rodas. Sua força de vontade e seu espírito sempre alegre, fizeram com que cerca de 90 rapazes residentes na rua Miguel Lemos, (entre êles o outrora famoso Macaé, que jogou no Botafogo e proprietário do cachorrinho "Biriba") chegassem a disputar esportivamente qual o privilegiado para conduzir Cristiano em sua cadeira de rodas de casa para a rua e vice-versa.

Cristiano segue com o quadro brasileiro, mas suas despesas não serão pagas pela CBD. Tudo sairá do seu bolso. Todo o roteiro do selecionado será percorrido por Cristiano, que terá como condu-



MORREU O GALÃ

EM SANTA BARBARA, Califórnia, às primeiras horas do dia 19, morreu Ronald Colman. O ator há vários meses doente, contava 67 anos de idade. E há 35 — desde 1923, quando estreou ao lado de Lillian Gish em *The White Sister* — “A irmã branca”, — se encontrava no cinema, onde até 1950 foi ininterrupta sua atividade. Nos últimos anos fez apenas pequenos papéis em dois “all-stars films”. A volta ao mundo em 80 dias e *The story of the mankind*, ambos ainda inéditos no Rio.

Ronald Colman nasceu em Richmond, no Condado de Surrey, a 9 de fevereiro de 1891. Estudou em Littlehampton e, aos 21 anos, iniciou em Londres a carreira teatral, interrompendo-a por dois anos para servir no exército inglês durante a I Guerra Mundial, quando foi ferido e condecorado. Voltando ao palco, figurou em várias peças — *The Maharani of Arakan*, *The misleading lady*, *Demaged good*, *The little brother*, estreia na Broadway com *La Tendresse*.

A sua classe tornou-se universalmente conhecida através do cinema. Colman não precisou esperar muito pela fama. Seu segundo filme, “*Lady Windermere's fan*” — o primeiro (e lubitscheano) extraído da peça de Oscar Wilde — firmou-o entre os melhores galãs do cinema silencioso. E, ao formar apreciada dupla romântica com Vilma Banky (em filmes como *The dark angel*, *The winning of Barbara Worth*, *The magic flame*, *one night of love*, *Two lovers*), ou ao lado de outras estrêlas em



Kiki, Stella Dalas, Her sister from Paris, His supreme moment e *The rescue*, Colman já era o excelente ator que nos “talkies” se igualaria aos melhores que teve o cinema americano.

Além do mais famoso *Beau Geste*, ainda mudo, Ronald Colman viveu ainda outras aventuras no Oriente: *Clive of India*, de Richard Boleslawsky, *Under two flags* (Sob duas bandeiras), e o último *Kismet*, de William Dieterle (com Marlene Dietrich) — para não citar neste grupo um dos seus maiores êxitos, *Lost horizon* (Horizonte perdido) de Frank Capra. Foi *Bulldog Drummond* (duas vezes, *Bulldog Drummond* 1929; *Bulldog Drummond* 1934) e tam-

QUE FALTAVA A C.B.D.

tores de sua cadeira pela Europa, os jogadores Beline e Orlando, ambos com “fôlha de ponto” na rua Miguel Lemos.

O jovem Cristiano será para o nosso “scratch” a “mascote” que faltou nas outras “Copas” do Mundo. E’ o que afirmam seus companheiros da rua Miguel Lemos. Suas acomodações para assistir ao certame mundial de futebol, estão localizadas ao lado da concentração dos brasileiros, o que possibilitará um contato diário com os nossos rapazes, de quem Cristiano já é bastante conhecido.

A partida de Cristiano foi devidamente comemorada por seus companheiros. Da rua Miguel Lemos saíram diversas lotações especiais que foram ao Galeão desejar boa sorte. A Cristiano e ao selecionado de futebol. E nessa verdadeira festa, os rapazes levaram 6 bandeiras nacionais, mil bandeirinhas de papel que distribuíram com os que encontravam no Galeão, e um verdadeiro carnaval de fogos pirotécnicos, que custaram nada menos de 5 mil cruzeiros. Note-se: tudo pago pelos rapazes.

Entre as festas da semana, registre-se o batismo da nova rotativa do “Jornal do Brasil”, ao qual se seguiu um coquetel, onde a senhora condessa Pereira Carneiro foi a “hostess” perfeita. O veterano jornal carioca, ora sob a direção esclarecida de Nascimento Brito e Odillo Costa Filho, tem assim novos elementos para seguir a sua trajetória brilhante. Na foto, um flagrante da festa, quando falava o ministro Aníbal Freire.



bém foi Raffles (1930) — papéis em que não foi alcançado pelos seus sucessores. Foi ainda o homem que desbancou Monte Carlo em filme com esse título (*The man who broke Monte Carlo*) em 1935. E foi rei de "Mendigos e ladrões", o poeta François Villon em *If I were king* (Se eu fôra rei), de Frank Lloyd. Meteu-se como herói de Dickens na Revolução Francesa, em *A tale of two cities*, de Jock Conway. Foi herói puritano em *The prisoner of Zenda* (O prisioneiro de Zenda) a melhor (de John Cromwell, com Douglas Fairbanks Jr.) de todas as versões da história de Anthony Hope. E como herói de Kipling, brilhou intensamente em *The Light that failed*, de William Wellman. Entre os grandes diretores com quem trabalhou estão John Ford (*Arrowsmith: Médico e Amante*), George Stevens (*The talk of the town: E a vida continua*), Lewis Milestone (*The lucky partners: Boa sorte; My life with Caroline: Minha vida com Carolina*), Joseph L. Mankiewicz (*The late George Appley: Tenho direito ao amor*) e George Cukor (*A double life: Fatalidade*) além dos já mencionados, Lubitsch, Wellman, Capra e Lloyd. No drama ou na comédia brilhou sempre o grande ator, tendo sido uma vez premiado pela Academia (1947), ao fazer em *A double life*, o papel de um ator teatral que se identificava patologicamente com seus personagens — o que com peças de Wilde ou Tchekov não tinha maior importância, mas com "Othello", levava o ator à tragédia fora do palco também.

Muitas destas performances não serão esquecidas facilmente. E os admiradores de Ronald Colman que desde *Champagne for Caesar* (1950), voltarão a apreciar uma classe que as novas gerações não puderam imitar — até porque os grandes atores são insubstituíveis — em duas rápidas aparições, mas que ele fez, já doente, porém, de pé, em "A volta ao mundo em 80 dias" e, a última, *The story of Mankind*. Nesta, Ronald Colman interpreta o "Espírito do Homem", que aliás nunca morre.



NO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO

O MUSEU DE ARTE Moderna do Rio de Janeiro está apresentando a exposição "4 000 anos de vidro", retrospectiva do que tem sido a arte e indústria vidreira através dos séculos. A mostra está orientada no sentido de oferecer a evolução do vidro nos seus diversos aspectos, da manufatura ao vidro soprado, nos tipos de molde e traçado, no caráter artístico da ornamentação, no desenvolvimento de estilos, das peças mais luxuosas da antiguidade às nobres do século XV.

Um dos mais primitivos usos do vidro surgiu no Egito, há cerca de 4 000 anos, quando os artesãos revestiam com uma pasta vítrea, de extrema maleabilidade, variados objetos de barro. Depois, passou a ser empregado o vidro puro, especialmente em imitações de pedras preciosas, em contas e pequenos adornos. Os fenícios, herdando estes conhecimentos, inauguraram nova fase para a vidraria com os alabastros que vieram esmerar o jogo de linhas e formas de jarras até então obtido. Na Era Cristã, o processo de sopro, nascido no Império Romano, extinguiu virtualmente a manu-

fatura, ao mesmo tempo que abria novas perspectivas para a variedade de formas e efeitos plásticos. Esta revolução contribuiu para um comportamento mais prático da indústria vidreira e incrementou a produção, atraindo o interesse de outros centros como a Alexandria, a Arábia, a Pérsia, que ganharam fama pelos trabalhos em vidro esmaltado de grande riqueza decorativa. No século XV, Veneza, misturando as concepções estéticas do Renascimento com os ensinamentos técnicos do Oriente, obteria notáveis resultados com finos vidros, criando os famosos "Murano". Nos Países Baixos e na Inglaterra seiscentistas, a vidraria sofreu novas transformações com o aparecimento dos cristais que, pela sua natureza, permitiram gravações de ornatos com diamante.

O proprietário do belo conjunto de jarras, mosaicos, estatuetas, frascos, jóias desta exposição é Ernesto Wolfe, que, em apenas oito anos, conseguiu reunir, percorrendo o mundo inteiro em pesquisas, umas das mais valiosas coleções de vidro que se conhece, quer pela importância documental e



DE JANEIRO: QUATRO MIL ANOS DE VIDRO

histórica quer pelo nível artístico. Sua mostra foi levada à Suíça, esteve em São Paulo, por ocasião da IV Bienal e agora, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro se incumba de apresentá-la aos cariocas.

— “Novamente andamos a perseguir, nas artes, uma unidade estilística”, afirmou Wolfgang Pfeiffer na apresentação que escreveu para a exposição. Não é nova a preocupação que, na história dos movimentos modernos, prossegue, já se inscrevia no manifesto da “Bauhaus”. E se nos últimos tempos muito se tem falado do divórcio entre as artes e a vida, estamos convencidos de que, se divórcio há, não atingirá mais do que a este ou aquele campo particular da pintura e da escultura, onde os artistas levaram às últimas consequências as pesquisas que poderiam restabelecer as verdadeiras bases de tais meios de expressão plástica. Numa maior extensão, que vai da arquitetura aos mais simples objetos de uso diário, testemunhamos, pelo contrário, uma direta ligação entre o espírito e o estilo de nossa época.

Do material que encontrou em seu redor, serviu-se o homem no primeiro estágio de seu desenvolvimento cultural. Gradativamente aprendeu a transformá-lo em utensílios e instrumentos.

As experiências no sentido de utilizar, além da matéria-prima natural, outras produzidas artificialmente, data do princípio da fase histórica.

A primeira descoberta importante neste caminho, resultou da fusão do cobre e do estanho: o bronze. O segundo material artificial foi o vidro, que já era conhecido no quarto século antes de Cristo nas praias do Mediterrâneo, onde era produzido pela combinação de areia pura com o bicarbonato de sódio obtido com cinza de algas.

No norte da Europa, o bicarbonato foi substituído pela potassa que se consegue... etc. Já aí entramos, então, na história da evolução da produção de vidro com fins artísticos ou utilitários, evolução que a exposição ontem aberta no atêrro da Avenida Beira-Mar nos mostra.”



José Alberto Bittencourt.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

PANORAMA

A SEMANA QUE PASSOU e os dias precedentes vieram demonstrar o claro impasse em que se encontra o governo brasileiro diante da crise das exportações de café e a impossibilidade de fazer uma reforma cambial desejada pelos nossos clientes externos, ao mesmo tempo que serviram para definir a vitória (tática) do grupo nacionalista representado no Conselho de Segurança.

O RITMO DE desenvolvimento em que vinha o Brasil sofreu um choque violento, quase com ameaça de paralisção, em 1957. Este fato, da maior importância num país em que os partidos políticos não existem de fato, veio acender a luta econômica pela posse da República, de seus órgãos de comando, de suas riquezas naturais. Hoje se pode verificar, com a maior certeza, que a luta política, no sentido partidário e, mesmo pessoal, de ajuntamentos em torno de indivíduos conhecidos por suas posições tradicionais, perdeu todo o sentido. A verdadeira luta se trava no campo econômico. E como os políticos que lideram ainda, à falta de substitutos, a vida brasileira, ainda não se deram conta de todo o peso do fenômeno econômico, este não aparece com sua verdadeira força ante os olhos do público. O primeiro sinal de importância dos novos acontecimentos é a atração verdadeiramente mágica que a política do petróleo exerce sobre o povo brasileiro, de alto a baixo de suas camadas, numa nivelção verdadeiramente impressionante. O segundo sinal é a decrepitude, a senilidade política dos medalhões partidários.

OS VELHOS DIABOS da política brasileira viraram ermitões. Prestes sai da cadeia e entra a conversar com todo mundo, num perdão geral e inesperado. Plínio Salgado acha que é uma vitória da Justiça. Juraci Magalhães e a UDN perdoam Lott, proclamando que o autor do 11 e do 21 de novembrão é um homem honrado e, por causa de um erro, não deve ser castigado a vida toda. Jânio Quadros não tem coragem de sair a uma luta violenta, ao seu estilo, contra Ademar de Barros. Carvalho Pinto, seu can-

didato aos Campos Elísios, diz-nos que manterá a luta num plano de alto nível, sem insultos e ataques pessoais (RS n. 15). Ademar de Barros se mostra doce e tolerante, cheio de compreensões para os humanos defeitos e manifesta um certo horror quando lhe falamos no jôgo. Getúlio Vargas está morto, a linha "realista" domina a UDN de Norte a Sul (a UDN precisa de chegar ao Poder), os velhos pagés do PSD perdem os filtros mágicos a cada dia, João Goulart desfila de automóvel com o primeiro signatário do manifesto dos coronéis que o depuseram do Ministério do Trabalho, o PTB deixa de ser uma ameaça para constituir uma esperança aos mais intransigentes porta-vozes dos interesses conservadores externos no Brasil. É uma paz de estarrecer.

O cansaço dos velhos caciques daria realmente uma trégua ao Brasil se o problema, como já foi dito, se limitasse ao plano político. Mas a questão brasileira, neste momento, é profundamente econômica e social, agravada pela falta de comando central preciso e firme num regime político em que o presidencialismo também corresponde a um estado de espírito generalizado.

Temos, assim, no campo econômico, com profundos reflexos políticos e sociais, duas posições distintas — poderíamos chamar dois partidos distintos com real influência e força de comando, presente e futura, no país: De um lado,

José Maria Alkmim.



o Conselho de Desenvolvimento e de outro o Conselho de Segurança Nacional. O primeiro, até há pouco sólidamente apoiado pelo Itamarati, é um núcleo de economistas de primeira ordem, que se confunde com o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, grandes economistas, sem dúvida, partidários de intensa cooperação internacional nas soluções dos problemas brasileiros, sensíveis aos pontos de vista dos nossos clientes tradicionais. De outro, o Conselho de Segurança, fortaleza do nacionalismo, onde impera a figura do coronel José Alexínio Bittencourt, a mais sutil e envolvente figura dos círculos militares dominantes, um homem de rosto manso e vontade de ferro, irmão gêmeo do coronel José Alberto Bittencourt, outro pró-homem das forças ativas do novembrismo.

Quatro vitórias sucessivas obteve o grupo do Conselho de Segurança nestes últimos dias: Conseguiu impor uma política de intensificação do intercâmbio continental ao Itamarati, com imediatas consequências na exploração do petróleo boliviano; afastou o general Mário Pope de Figueiredo da presidência do Conselho Nacional do Petróleo e substituiu-o pela própria figura do coronel Alexínio Bittencourt; rechaçou o parecer dos peritos do Banco Nacional de Desenvolvimento com relação à exploração da borracha sintética (uma das faces gordas da petroquímica que o Conselho de Segurança acha que deve ser explorado pela Petrobrás); assim que o sr. Lucas Lopes voltou do Japão, obteve dele a expedição de instruções para habilitação de interessados na exploração do petróleo da Bolívia, que o Itamarati vinha pedindo há dois meses e não saíam. Como corolário de tudo, uma enérgica reafirmação do monopólio estatal do petróleo e uma referência direta, ameaçadora, à destribuição dos produtos de petróleo, o filé — verdadeiramente succulento de todo esse peixe enorme que é a indústria petrolífera, filé tão grande, tão gostoso, macio, apetecível e nutritivo, que vale mais do que todo o conjunto do chamado monopólio estatal da Petrobrás...

São essas as forças que se defrontam nos rios subterrâneos da vida brasileira, ditando os padrões dos quais a fala dos artistas políticos é apenas a exteriori-

zação. Vamos ver a quem pertence o próximo "round". Tudo depende do resultado das eleições do Clube Militar, onde as duas convicções se entestam segundo o vice-presidente da chapa amarela, general Oromar Osório. Ou da concessão, imediata, de um empréstimo externo de 300 milhões de dólares, que fortaleceria extraordinariamente os grupos mais conservadores e permitiria ao governo brasileiro, mediante condições, tirar o pé do atoleiro do café.

MAS O PROBLEMA do café não tem solução à vista. Dificilmente, terá solução a prazo. Caímos em verdadeira armadilha, organizada menos pelos nossos concorrentes do que pela nossa incúria e displicência. Fizemos acôrdo quando devíamos fazer guerra de preços; estabelecemos a alta quando só tínhamos condições para forçar a baixa de preços; continuamos a produzir o pior quando os outros passaram a produzir o melhor; continuamos a plantar mais quando devíamos restringir o plantio; vendemos, hoje, mais caro o nosso produto inferior do que o até então mais caro produto superior de nossos concorrentes.



Carlos Lacerda.

Os nossos estoques crescem como o produto daquele moinho de sal que Satanás entregou ao homem ambicioso e, depois de cobrir-lhe a casa, a cidade, o país, teve de ser atirado ao fundo do mar. Estamos nos afogando num mar de café e continuamos plantando, com uma determinação zoológica, incoercível. Temos de rogar pragas aos céus. Temos de implorar geadas sobre os cafêzais como imploramos chuvas sobre o Nordeste.

Falharam as medidas governamentais para baixar a cotação do dólar livre, termômetro notório da situação. O governo tem receio de fazer uma reforma cambial, pois a identifica com os interesses de alguns de seus mais rancorosos inimigos. Teme o governo atender aos baixistas. Teme que com a baixa do café o governo vá ao chão.

Só existem duas soluções visíveis: o empréstimo externo ou inundar o mercado mundial com o café brasileiro abundante a baixo preço. Mas para esta última hipótese era preciso que o espírito de Macunaima, o herói sem nenhum caráter, não pairasse sobre os céus brasileiros de 1958.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

- ◆ No corre-corre do fim de semana que precedeu a assinatura do decreto suspendendo as nomeações no governo federal e autarquias até 3 de outubro, o presidente Kubitschek voou para Brasília e o sr. Vítor Nunes Leal teve de sumir do Palácio do Catete, para escapar à turba dos pedintes de emprego. Refugiou-se na Fundação Getúlio Vargas, mas foi descoberto e teve de esconder-se em local seguro.
- ◆ Com a vitória da chapa amarela nas eleições do Clube Militar aumenta de significação a declaração do general Oromar Osório: compreende que haja partidos políticos não nacionalistas; mas soldado que ganha dinheiro da Pátria tem obrigação de ser nacionalista.
- ◆ Lombard, comentarista britânico, mostra que a relação do cruzeiro para a libra era de 180 em 1957; em 1958, chegou a 380. (É pela cotação da libra que se pode aferir o verdadeiro estado de decadência da moeda brasileira).
- ◆ Quem vai substituir o sr. Jurandir Pires Ferreira na presidência do IBGE é o sr. Moacir Malheiros da Silva, atual vice-presidente e técnico que jamais meteu a mão na combuca da política.
- ◆ A resposta do general Lott ao requerimento de informações da Câmara dos Deputados é a primeira atitude verdadeiramente irritada que lhe surpreendo desde quando, em 28 de agosto de 1955, ainda ministro da Guerra do governo Café Filho, me concedeu uma entrevista de seis horas em sua residência para dizer que deveria ser dada posse ao eleito e sufocaria qualquer tentativa de subversão da ordem.
- ◆ A Ala Velha conseguiu, enfim, impor-se à Ala Moça do PSD, substituindo por elementos seus os líderes e vice-líderes na Câmara.
- ◆ O sr. Carlos Lacerda voltou inesperadamente da Europa e acha que não vale a pena fazer força para derrubar o atual governo, que se desacreditou rapidamente. Diz o líder udenista que não tem a menor inveja do futuro dos senhores Juscelino Kubitschek e Teixeira Lott.

DOS JORNAIS

- ◆ "Primeira resposta do general Lott era de "fechar o Congresso". Mesa da Câmara conseguiu mudar. Demorada gestão secreta demoveu o general". ("Jornal do Brasil").
- ◆ "Novas denúncias contra Negrão: a PDF autoriza vender bens imóveis da Light reversíveis ao Patrimônio Municipal! Vereadores apertam o cerco ao governador da cidade. Ofícios da Fiban confirmam o escândalo denunciado pela sra. Lígia Lessa Bastos. Prefeito banca o ingênuo e afirma que os concessionários de carris não têm lucros". — Ib Teixeira — "Última Hora".
- ◆ "O discurso do presidente foi apenas um aglomerado de palavras. Enquanto proceder como está procedendo, suas palavras não podem ser levadas a sério. Há uma lei moral a cumprir: é a que manda que um homem cumpra a sua palavra, que um governo não sonegue direitos nem recue de compromissos externos, não torne farrapos de papel documentos que implicam irresponsabilidade perante o exterior". — ("Correio da Manhã").

QUEM VAI CAIR DO TRAPÉZIO...

é o sr. Jurandir Pires Ferreira, acusado em sucessivas denúncias pela imprensa de malbaratar o patrimônio do IBGE, órgão técnico federativo que interessa à União, aos Estados e aos Municípios e está convertido em escritório de transação eleitoral.



fo
es
ap
no
m
se
ti
de
so
ch
m
u
d
g
e
f
s
r
P
C
E
s
L

o encontro



com chuck

O ENCONTRO com Diahann Carroll foi no plural: vários. Confesso que não esperava muito dela como cantora, mas, após a estréia, fui obrigado a escrever nos "Gatos Pardos" que ela se aproximava do microfone como Brigitte Bardot se aproximaria do jovem noivo de sua tia solteirona... crendo que vocês podem bem imaginar como seria isto. Pessoalmente, Diahann também é assim: chega de mansinho, fala macio e olha muito. Quem prestar atenção ouvirá uma maquininha dando voltas dentro da cabeça dela... examinando a situação! Quando, finalmente, analisa todos e tudo psicologicamente (como Brigitte faria com o tal noivo da tia), ela abre sua voz (falada ou cantada) numa torrente cintilante de sentimentos e expressão. E, então, eu, ou você, ou ainda o tal noivo da solteirona, somos obrigados a dizer: "Nunca pensamos que sob esta menina houvesse tanta mulher..."

ANTES DA ESTRÉIA tínhamos apenas estatísticas: 22 anos de idade... casada... quatro anos de palco: Ciro's, Mocambo, Eden Rock, Waldorf-Astoria, Olympia de Paris, etc... Musical: "House of Flowers", com Pearl Bayley e Josephine Premice... Cinema: "Carmen Jones" e em breve "Porgy and Bess"... Televisão: programas de Ed Sullivan, Steve Allen e Jack Paar... e um catatal de críticas que eram o sonho de seu agente de publicidade.

SONHOS... ela já os teve e ainda tem. "Meu primeiro sonho foi ser patinadora. Imagine que ganhei uma bolsa para o "Metropolitan Opera House" e não a aceitei porque não queria cantar... só patinar. Um sonho realizado: popularidade. Meus pais eram modestos e, eu, uma menina sem maior importância. Minhas colegas de infância na maioria tinham algo para se gabar... e agora quando me encontram eu sinto uma certa surpresa... e até respeito... da parte delas. Para o futuro ainda há muitos sonhos: filhos, por exemplo... quero muitos. Nos palcos ainda há muito a fazer. Quando terminar a filmagem de "Porgy and Bess", com Sammy Davis Júnior, vou passar alguns meses estudando arte dramática, dança... e mais canto".

SÓBRE a vida... ela tem muito a dizer: "Todos deveriam enfrentá-la, para

início de conversa. Amar um pouco, trabalhar um pouco, sofrer um pouco... por menos que seja. A minha vida é perfeita, ou pelo menos luto para isto. Meu marido é Monte Kay, empresário. Sua última apresentação foi na semana passada em Nova Iorque, patrocinando um concerto do "Modern Jazz Quartet" no "Town Hall". Acredito em divórcio, porém... mas não como uma espécie de "seguro contra maus casamentos". Apenas acho uma tragédia que duas pessoas que não se entendam, tenham que viver juntas... após terem tentado tudo para salvar o casamento. Não gosto de dar conselhos a ninguém. Somos todos tão diferentes... imagine se Elvis Presley, no começo da carreira, tivesse me pedido conselho... eu teria dito a ele que voltasse para seu caminhão e tomasse juízo..."

HISTÓRIAS para contar... algumas! "Meu casamento, por exemplo. Quando fui trabalhar em "House of Flowers", o diretor de elenco chama-se Monte Kay. Não gostou muito de mim como cantora. Por ele eu não teria assinado contrato. Mas em poucas semanas queria que eu assinasse outro tipo de contrato... na Pretoria! Eu assinei... Aliás, outra

coisa engraçada aconteceu em "House of Flowers". Antes dos testes para a formação do elenco eu já havia sondado a possibilidade, e Harold Arlen, autor de "Stormy Weather" e daquele musical disse que eu era muito jovem... precisava viver mais um pouco. Fui para a Califórnia filmar "Carmen Jones" e esqueci de "House of Flowers". De repente recebi um chamado para tentar o papel... e eu tinha acabado de cortar o cabelo quase como um homem, porque na filmagem ele havia ficado um pouco estragado. Em todo caso fui cantar... e acabei chorando porque sabia que tinha cantado bem, mas que seria recusada por causa do cabelo. Quase morri quando Truman Capote, autor do enredo, veio me abraçar dizendo que gostava não só da voz como do cabelo... que era exatamente como ele imaginava o personagem... e tive que continuar cortando o cabelo assim até o final da temporada...

SÓBRE o Rio de Janeiro... opiniões: "Acho as montanhas parecidas com as de Hollywood. O Rio me faz lembrar de Beverly Hills. O que mais admiro é a elegância das mulheres, todas usando luvas e chapéus, o que considero muito próprio. Certas coisas me fazem pensar



em lugares distantes, como o "Sacha's", por exemplo, que me faz lembrar do "Jimmy's" de Paris. A coisa mais engraçada que me aconteceu no Rio foi o fato de ter recebido flores de alguém que se assinava Máriozinho de Oliveira. Dez minutos depois um homem me telefonou e disse que era da polícia, encarregado da segurança dos hóspedes do Copacabana-Palace, e que sabia que Máriozinho havia me enviado flores. Fiquei assustadíssima... o tal policial estava telefonando para me avisar que Máriozinho era um "gangster". Só depois fiquei sabendo que a turma dele gostava destas brincadeiras..."

MANIAS... todos as tem. As de Diahann: "Nunca entro numa sala em que vou cantar antes do momento da apresentação. Não só por superstição, mas também porque o considero fora da ética profissional de um artista. Outra mania que eu tenho é a de vocalizar antes da apresentação cantando esta frase: "She sweetly skies" (Ela docemente esquia). Eu faço isto porque acho a frase boa para esquentar a voz, mas um psicanalista talvez dissesse que era um recalque vindo do velho sonho de querer ser uma patinadora. Mais uma mania: a de reparar na maneira com que as pessoas olham para as outras. Cheguei à conclusão de que nos lugares de clima tropical todos olham fixamente, encarando curiosamente aos estranhos. Nos climas frios os olhares são mais discretos..."

FINALMENTE, gostos... não se discutem! Os de Diahann, no setor artístico, são indiscutíveis: "Gosto de Frank Sinatra, muito acima de qualquer outro cantor. No setor feminino: Lena Horne, Judy Garland, Ella Fitzgerald e Sarah Vaughan. Como ator favorito tenho Marlon Brando e minhas cinema-trizes prediletas são Anna Magnani e



Katherine Hepburn". Do ponto de vista culinário, Diahann gosta da comida americana... um fato que eu pessoalmente acho muito discutível, mas, enfim, a moça nasceu lá e já deve estar acostumada. "Em matéria de roupas, creio que seria aprovada na maior parte dos lugares do mundo... acompanho bastante a moda européia."

DIAHANN e eu temos ainda muitos encontros... alguns, talvez, bem no futuro. Até lá aconselho (eu não tenho o menor constrangimento em dar conselhos...) que ela continue estudando para ser ainda melhor artista... que ela não mude de idéia a respeito de seus sonhos e sua filosofia da vida... que ela goste de outra culinária além da americana (afinal, um artista não pode ir muito longe com dor de estômago)... e que ela preste mais atenção nos olhares das pessoas até nos países frios... se forem masculinos todos estarão encarando francamente... mas, mesmo!

"Jornada de um longo dia para dentro da noite"

DRAMA VERDADEIRAMENTE pujante essa "Jornada" de O'Neill, obra que foi escrita como um imperativo de sua condição de homem, mas que a precaução e o receio lhe fizeram expressar que não fôsse encenada durante a sua vida. Compreende-se bem esse receio! A família de O'Neill marcou profundamente a sua existência e o artista, que deixou uma extensa bagagem literária, desrecalcou-se em parte, transportando o drama dos O'Neill para uma peça. Seria doloroso demais para ele saber das reações do público com relação à "Jornada", que o autor sentiu na pele de forma bastante cruel.

A obra que o Teatro Cacilda Becker encena no Dulcina é impressionante! Quatro personagens extremamente infelizes vivem com os nervos tensos à espera de que algo terrível aconteça. Há ligeiríssimos momentos de esperança, no princípio, que logo se tornam pesadelos para as quatro pessoas, embora haja uma luta titânica para que a realidade não venha à tona. "Mary", absolutamente vencida, lança meios covardes para disfarçar sua condição de viciada, sabendo que nada disso adiantará. Está disposta a tudo, desde que não lhe falte a droga necessária. O velho "Tyrone", ator de sucesso e que conseguiu dinheiro, é vítima da avareza. Por economia, não solucionou os problemas dos seus responsabilizados e, a toda hora, seu gravíssimo erro é apontado. Se não fôsse tão avarento, as coisas não teriam aquele rumo.

"James", o filho mais velho, é um desiludido pelo fracasso em todas as empresas; desencadeou-se na bebida, fugindo à realidade e vivendo em constante choque com todos. Sua dedicação ao irmão mais novo, com a amizade que a ele une, procura transformar em qualidades negativas, exclusivamente por não acreditar que ainda haja bom sentimento no seu amargor. O diálogo em que tenta convencer "Edmund" é pungente.

"Edmund", o próprio Eugene O'Neill, além de ser participante daquela situação geral, contribui para aumentar a desesperança em todos. É tuberculoso e, naquela época, essa moléstia era quase fatal.

Em torno desse negro quadro, O'Neill construiu uma belíssima obra teatral; sente-se que tudo se passa no interior (nervos e cérebro) com uma preocupação extrema de se expandir cuidadosamente. É nessa observação que a direção de Ziembinski mais merece os louvores, pois realizou um trabalho bastante difícil, resultando perfeito.

Os atores estiveram esplêndidos. Impossível apontar falhas na composição de "James Tyrone" por Ziembinski. Cacilda deu uma lição de arte em "Mary Carven"; num excesso de observação poderíamos reparar-lhe o tom de voz viciado que algumas vezes deixou escapar. O papel de "Jamie" só poderia

personagem que viveu em "O Santo e a Porca" ainda lhe deixou algumas marcas na voz.

Kléber Macedo foi a criada Kathleen, que pode parecer um pouco exagerada, mas compreendemos a sua interferência para salientar o desmazêlo e a decadência daquela família. Acreditamos que aquele seja o tom exato que o autor imaginou.

Temos a lamentar, apenas, que um texto tão importante como o de "Long day's journey into night" tenha recebido uma tradução descuidada de Helena Pessoa e Gert Mayer. Observamos alguns erros e algumas impropriedades.

Sabemos que houve grandes cortes na obra, que tiveram bom resultado na realização do espetáculo, mas mesmo assim uma divisão em três atos seria de melhor efeito. O segundo ato, pela sua exagerada extensão, chega a cansar o espectador.

A participação de Gianni Ratto, nos cenários e figurinos, contribuiu para que a "Jornada" seja um grande acontecimento teatral nessa versão brasileira.

INTERNACIONAIS

O CÉLEBRE "Tabou", onde outrora aplaudiam Juliette Gréco e Anne-Marie Cazalis, no tempo em que Sartre escrevia "Les Chemins de la Liberté" sobre uma mesa do café Flore, tornou-se agora o "Théâtre Poétique de Paris". O espetáculo começa às 21 horas e só termina às 2 da madrugada, sem entreatos prolongados. Os primeiros números são de danças variadas, monólogos humorísticos de grandes escritores, etc. À meia-noite e meia a peça "Protée", de Paul Claudel, é interpretada de forma bastante curiosa: o principal ator usa roupa colonial e uma das atrizes contracenava em roupa de banho!

EDUARDO DE Filippo voltou à Itália depois de ter assistido em Moscou a 200.^a representação de sua "Filomena Marturano". Aqui no Rio, Jaime Costa foi o criador dessa peça, em 1949, com Heloísa Helena no principal papel.



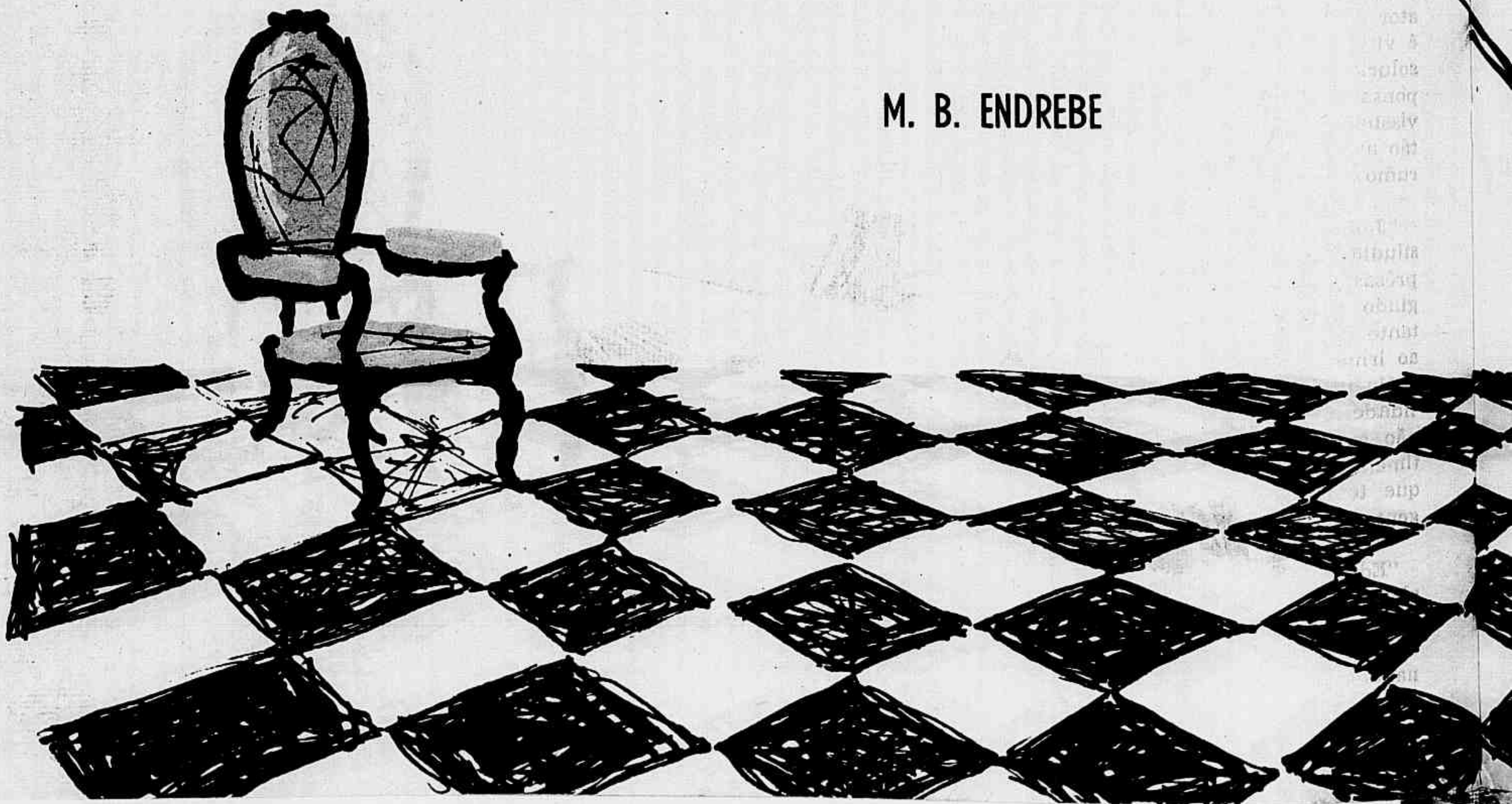
ser bem interpretado por um excelente ator, tal a difícil estrutura. E Freddy Kleeman comprovou essa excelência, dosando com sobriedade e arte as fortes cenas. Sem dúvida foi esse o seu maior papel até hoje.

A Walmor Chagas coube o "Edmund", com magnífico trabalho; só não atingiu a perfeição por não inflexionar com justiça alguns diálogos. Sente-se que o

DO ARAYADO O MISTÉRIO

SEGUNDO UMA TÁTICA que consistia em não impor sua presença, mas torná-la desejada, Georges Meller havia cortêsmente declinado, quando de sua instalação, o oferecimento feito por Estelle, para que tomasse suas refeições em Arayado. Mas, por outra parte, não desejava o escritor ir duas vezes por dia a um albergue de Lescar; assim, pôs-se à procura de alguém que lhe cuidasse da casa e lhe preparasse as refeições.

M. B. ENDREBE





Não podia haver nenhuma má intenção num jovem

Lydia Moreau era uma mulher em pleno desabrochar dos trinta anos, que vivera bastante tempo em Paris. Durante a ocupação, dirigira um dêsse bares americanos, como surgiam então em todos os lugares, para facilitar as transações do mercado-negro. Mas, após a euforia da volta à liberdade, adviera a crise, e o proprietário do bar liquidara o negócio. Agarrara-se Lydia ainda algum tempo à capital, alimentando a secreta esperança de que sua beleza a tiraria de apuros, através de um bom casamento. Infelizmente, tais coisas são bem mais raras do que o julgam comumente as leitoras de romances sentimentais; a expectativa de Lydia revelara-se vã e, por fim, deu-se ela por muito feliz quando uma velha parenta ofereceu-lhe casa e comida em paga de cuidados prestados.

Chegando à casa da tia, sentiu Lydia que ali ficaria acorrentada até uma idade em que seria obrigada a resignar-se a morrer solteirona. Por isto, quando foi informada, pelo rumor público de Lescar, que o inquilino do Arayado procurava uma governanta sabendo cozinhar, não hesitou um só instante a ir apresentar-se, depois de ter escolhido em seu bem provido guarda-roupa, um costume elegante, apesar de sua extrema simplicidade. Logo ao primeiro olhar que lhe lançou o escritor, compreendeu mlle. Moreau que fagara o peixe, tendo ficado combinado que ela entraria em função no dia seguinte.

Muito satisfeita, Lydia regressou para informar a tia. Estava a ambiciosa moça bem resolvida a usar de todos os artifícios para que o verão não terminasse sem que o rico celibatário lhe tivesse pôsto uma aliança no dedo...

Lydia Moreau tinha a cabeça sólida e o cérebro lúcido. A vida em Paris lhe ensinara, entre outras coisas, a conservar-se perfeitamente senhora de seus sentimentos. Desde o início, vira qual a tática a empregar com um homem como Meller; tática que consistia em nada lhe conceder, quando outras julgariam de mais política fazê-lo... Assim, Lydia conseguiu transtornar completamente o escritor.

Mas, uma vez atingido êsse resultado, e quando se julgou segura de seu poderio sobre Georges, sentiu ela uma das mais amargas decepções de sua vida. Com efeito, Georges Meller estava realmente apaixonado por ela; entretanto, não era mais o homem rico que ainda parecia ser... E, cúmulo da ironia, tal como Lydia, êle procurava dinheiro, para isso lançando suas vistas sobre a rica viúva do Arayado.

Depois de muitas lágrimas derramadas e soluços sufocados no travesseiro, Lydia retomou o sangue frio. Em vez de deixar-se abater definitivamente por êsse novo golpe da sorte, modificou imediatamente seus planos, e fez causa comum com Meller, subordinando sua vitória à do escritor. Graças a uma influência oculta que irradiava, pelo canal da criadagem, até Estelle Vernon, dedicou-se habilmente a facilitar o triunfo dos planos de Meller, tratando especialmente de neutralizar os focos de resistência que tinham por nome Anne ou Isabelle.

Tão paciente maquiavelismo acabou por alcançar pleno sucesso.

Meller tornou-se o senhor de Arayado, e coisa fácil lhe foi, então, a dar a Lydia importante papel na casa. Repugnava-se Estelle em ocupar-se de assuntos domésticos, pretendendo que, desde a partida de Isabelle, isso lhe era motivo diário de dores de cabeça. Por isto, foi a primeira a louvar a atividade e a eficiência da moça, que vinha libertá-la daquelas preocupações. E sempre, por causa de sua natural indolência, abandonava Estelle ao marido, de bom grado, a direção de sua fortuna.

Georges não procurou de modo algum desviar o dinheiro da espôsa; bastava-lhe aproveitar-se do mesmo. Razão pela qual a união do casal ficava ao abrigo das tormentas que sacodem os pares apaixonados. Estelle satisfazia-se com as demonstrações públicas de afeição que lhe testemunhava o

marido, e êste, agora ao abrigo da necessidade, podia continuar a manter seus antigos hábitos, ao mesmo tempo que encontrava, junto a Lydia Moreau, o ardor necessário aos seus sentidos.

Dois anos depois do novo casamento, Estelle caiu doente. Era uma simples bronquite, mas não se curou perfeitamente dela e, devido à fragilidade de sua constituição, uma recaída foi-lhe fatal.

A doença de Estelle dera a oportunidade para aumentar a importância assumida por Lydia no Arayado, e, algumas semanas após a morte de mme. Vernon, a ambiciosa jovem, que tinha sabido conservar seu domínio sobre Meller, triunfava, tomando posse do quarto de paredes azuis e móveis de limoeiro...

Estelle tinha vivido e morrido na ignorância daquelas relações do marido, e, portanto, feliz. Mas seus filhos, e particularmente Nane, hipersensível, alimentavam crescente queixa contra mlle. Moreau, cuja preponderante e nociva influência bem cedo haviam percebido. Isabelle, que se desesperava por não poder estar presente, enviava à irmã longas cartas repletas de avisos, conselhos e recriminações, a propósito da "outra"...

A morte de Estelle fôra seguida de perto pela da irmã mais moça de Georges, viúva com uma filhinha. Apesar de seu profundo egoísmo, não fugira o escritor aos deveres que lhe impunham os laços de sangue e recolhera Claire Brémond no Arayado, tratando-a da mesma maneira e mantendo-a na mesma posição das enteadas.

Os Delancy — Isabelle, sobretudo — que tinham feito o possível para impedir o casamento de Estelle com o escritor, acabaram por desfazer suas prevenções, pelo menos em parte. Meller, porém, era de uma raça em que bom sangue não podia mentir muito tempo; e o fato de ter beirado a miséria na mesma fase em que seus cabelos se prateavam, tornara-o prudente e não pródigo. Tinha-se finalmente lembrado dos bons ensinamentos paternos e quando, pela morte de Estelle, os três quartos da fortuna foram partilhados entre Isabelle, Nicolas e Anne — ficando Meller como tutor dos dois últimos — puderam os Delancy apreciar os frutos da hábil diretriz do padraço. Desde então, começaram a imaginar, com agrado, o que herdariam pela morte de Georges, passando a considerá-lo sob novo prisma, onde havia mesmo, um pouco de simpatia.

Em compensação, Lydia Moreau permanecia a ave negra de Isabelle. Instigada pela irmã, tudo fizera mlle. Delancy para que Meller afastasse a "outra". Mas Lydia sabia defender-se: evitava os choques e preferia calar-se cada vez que a situação ameaçava tornar-se mais tensa. O tempo que assim ia ganhando, era transformado por mlle. Moreau em proveito próprio, e o céu não tardou em obscurecer-se de novo para os Delancy. Com efeito, tinham sabido por Nane que Meller parecia ter a intenção de regularizar a situação com Lydia, desposando-a logo que houvesse decorrido o tempo impôsto pela conveniência social.

Isabelle tinha fechado os olhos sobre a entronização de Lydia tomando posse do quarto azul; mas logo que o reinado oficioso da governanta ameaçou tornar-se oficial, pôs-se em pé de guerra. Realmente, o testamento de Estelle previa que se seu marido lhe sobrevivesse e morresse sem posteridade direta, tudo quanto lhe restava voltaria aos Vernon.

Por paradoxal que isto possa parecer, a redação de um testamento é considerada, geralmente, simples formalidade, como se fôsse a morte uma eventualidade vaga e longínqua. Tal fôra o caso da indolente Estelle, que se apressara em fazer o seu, com receio de uma dor de cabeça. A falta de precisão do documento fazia com que, caso Meller se tornasse a casar e tivesse um filho, os Vernon veriam o resto da fortuna passar-lhe sob o nariz.

capaz de riso tão franco...

Assim, mme. Delancy, pretextando encontrar-se em estado de gravidez, resolvera instalar-se por tempo ilimitado em Arayado, onde seu marido vinha ter com ela nos fins-de-semana, a fim de poder seguir de perto a marcha da situação.

Nane, porém, via a coisa por outro ângulo; e era porque conservava pela mãe a maravilhada admiração de sua infância, que acabava de gritar seu ódio à silhueta um instante surgida no balcão do primeiro andar.

Era um sábado de agosto e um assassinato ia ser cometido antes que terminasse o dia, mas nem a vítima, nem o assassino, ninguém sabia de nada.

CLAIRE HAVIA terminado o sorvete, sem dar por isto, enquanto seu olhar procurava seguir o vestido branco entre as pessoas que se afastavam rumo à praça Clemenceau. Pareceu-lhe tratar-se de Lydia Moreau, embora nem uma só vez ela se tivesse voltado.

Como Roland tomasse a garrafa para encher o copo, Claire decidiu-se a fazer-lhe a pergunta que a atormentava:

— Achas que ela nos viu?

O rapaz estendeu-lhe gentilmente o copo cheio e, por sua vez, indagou:

— Em primeiro lugar, estás bem certa de que seja ela? Com a reverberação e toda esta gente que passa...

Claire pousou o copo que esvaziara de um trago:

— Estou certa, sim! Só a vi no momento em que subia a calçada e ela passou depressa, mas reconheci o vestido branco com as aplicações de couro vermelho, que ela usava no almoço. Mandou-o vir de Paris e não existem dois iguais em Pau. Ela nos viu, não?

Roland acariciou docemente a mão pousada sobre o mármore do bar:

— Não. Creio mesmo poder afirmar-te o contrário. C olhar dessa mulher de vestido branco pousou sobre nós, mas de relance.

O riso de Roland fez luzir seus dentes quadrados, úmidos e brancos. Era um riso um pouco infantil, de criatura sadia, aos olhos da qual a vida é ainda rica demais em promessas para que se possa afligir muito tempo por uma contrariedade:

— Meu Deus, minha querida, não vejo realmente porque tanto te inquietas! Mlle. Moreau, segundo me disseste, tem mais o que fazer do que preocupar-se contigo!

E como Claire não respondesse:

— Aliás estou convencido de que ela nem nos viu.

Claire abanou a cabeça, fazendo girar o copo entre os dedos:

— Tu não imaginas quanto é ela esperta! Pode muito bem nos ter visto, e fingir o contrário. Começo a conhecê-la...

De novo, o riso de Roland tentou comunicar sua despreocupação a Claire:

— Vamos, vamos! Acabarei por acreditar que dramatizas por prazer! E se ela nos viu, que mal há nisto? Quem te pudesse ouvir, julgaria que estamos ultrajando publicamente os costumes! Não é proibido saborear um sorvete na terrasse do "Continental", sobretudo com semelhante calor?

Claire empurrou o copo com leve impaciência:

— Não, por certo — concordou. — Não há mal nenhum nisto. Mas tudo depende da pessoa com quem se trata e da maneira pela qual lhe podemos apresentar as coisas. Ainda uma vez, conheço Lydia e também conheço meu tio.

Era difícil a Claire fazer Roland partilhar dos seus receios, porque, embora o amasse — ou talvez mesmo por essa razão — não lhe confiava tudo. Quando êle a interrogava acerca do que se passava em Arayado, só obtinha dela uma versão expurgada, porque Claire desejava que Roland conservasse sua bela despreocupação.

Mlle. Brémont tinha a impressão de conhecer Roland desde sempre. No entanto, quando refletia sobre isto, lem-

brava-se de que não fazia mais de três meses que o havia encontrado, por uma luminosa manhã de primavera, em que ela fôra, em busca de muguet, a um pequeno bosque vizinho da propriedade. Claire havia apenas colhido algumas flores quando encontrou o rapaz. Estava êle igualmente na colheita de muguet mas já trazia na mão um grande ramo.

Iam cumprimentar-se simplesmente, como se faz no campo, mesmo entre desconhecidos. Mas o olhar de Claire, indo de sua parca colheita ao ramo do rapaz, traduzia tal consternação que Roland não pudera deixar de sorrir. Depois, num gesto decidido, dividiu em dois o seu ramalhete, oferecendo à Claire, galantemente a parte maior.

A jovem teve um segundo de hesitação:

— Oh! mas... — balbuciou ela — dizem que isto traz felicidade...

Roland rira francamente e foi então que, pela primeira vez, Claire teve a revelação de seus dentes magníficos. E refletiu que não podia haver nenhuma má intenção num jovem capaz de riso tão franco, tão luminoso!

E mlle. Brémont ouviu-o replicar:

— Por certo! É por isto que os ofereço. A mim, já trouxe felicidade, pois a encontrei!

Claire pensou, então, que não podia fazer menos do que permitir que o rapaz a acompanhasse até a estrada.

Alguns instantes mais tarde, ela não ignorava mais nada acerca de Roland. Era êle representante de uma agência de compra e venda de imóveis; iniciava-se no negócio, mas esperava atingir, em breve, uma boa situação. Com a riqueza de uma experiência dolorosamente conquistada, Claire sorria um pouco ante tão ingênua confiança no futuro, embora a considerasse reconfortante, depois de sair do Arayado, onde tudo era cálculo e dissimulação.

— Eu — disse ela alongando o braço — moro ali atrás, na grande casa que você deve ter visto ao vir para cá.

Roland contentou-se em emitir um pequeno assobio admirativo.

Claire corou, e foi logo acrescentando, numa brusca necessidade de franqueza que talvez já fôsse devida à radiosa influência do jovem:

— Oh! mas não é realmente o meu lar; sou órfã e meu tio recolheu-me...

O rosto de Roland iluminou-se:

— Prefiro que seja assim! — exclamou com evidente sinceridade. — De outro modo, nunca poderia tornar a vê-la...

Desde aquela data, cada vez que Roland voltava a Pau, Claire e êle esforçavam-se por passar juntos o maior tempo possível, conversando à meia-voz sentados num banco de passeio dos Pirineus, e fazendo projetos de futuro, assim como todos os namorados do mundo.

Roland lançava-se à conquista de castelos de Espanha e coisa alguma parecia poder resistir ao seu ardor. Com o amor de Claire, êle sentia-se capaz de grandes projetos:

— Quando estivermos casados, querida, pedirei ao patrão quinze por cento de comissão em vez de dez. Êle não poderá recusar-me, pois sou eu que arranjo mais ordens e farei ainda melhor, verás! Agora, com a venda de imóveis por apartamentos, há um imenso terreno a explorar, apresentando possibilidades incalculáveis.

— Por que não nos casamos logo? — indagava muita vez o jovem Parlier.

— Bem sabes que anseio por ser tua mulher, mas já te disse que é preciso esperar a minha maioridade. Meu tio não permitiria, por certo, o nosso casamento, porque tem, imagino, outros projetos para mim. Por que enfrentá-lo, inútilmente? Maior, serei livre de agir como entender, e coisa alguma poderá impedir-me que case logo contigo. E depois — concluía ela invariavelmente — são apenas alguns meses de paciência... Passarão depressa! (Continua)

TRUNFOS PARA SEU ENCANTO



Laurence criou este modelo de tricô, em duas peças: agasalha e realça as linhas da silhueta feminina. Casaquinho e saia côr-de-ouro, mangas três-quartos e grandes botões de fantasia.



Laurence apresenta "Fauvisme", vestido de "soirée", cetim rosa, de linha trapézio e balão mesclada.



"Charleston", vestido de "soirée" em couro fino de cordeiro dourado, com franjas, modelo Dix-Sept.



A ESTÉTICA deve ocupar, na vida das mulheres, um lugar tão grande quanto a moda. Para que esteja a par do que se usa em Paris, indicamos as preferências dos institutos de beleza e dos especialistas respectivos.

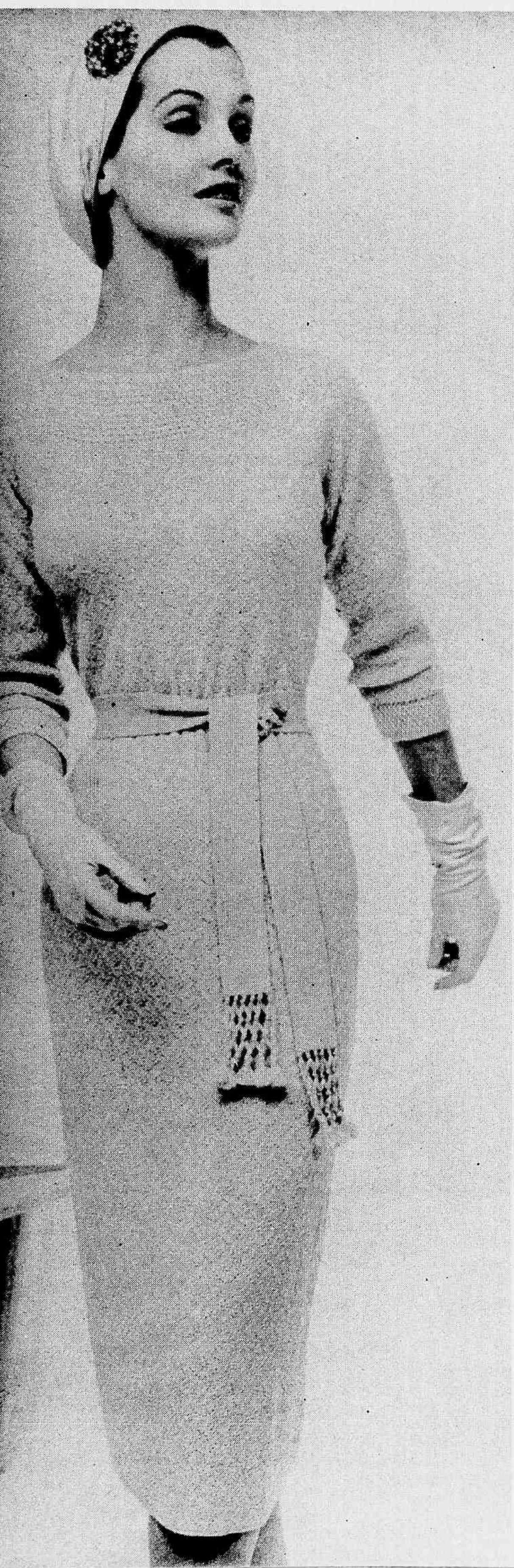
MAQUILAGEM ULTRA-RAPIDO

Um creme de base fluido, muito apreciado, que simplifica o problema da maquilagem: pode-se usar sem creme de base e sem pó-de-arroz. Fabricado em muitos coloridos, unifica-se instantaneamente e amacia a epiderme.

PARA SECAR NA MESMA HORA

Um instituto de beleza utiliza, em seus salões, um produto incolor que, vaporizado sobre as unhas, faz secar imediatamente o verniz.

Célia apresentá um modelo Dix-Sept denominado "La Butte Montmartre", em lã escocesa verde e azul, gola de couro "glacé" e saia na última moda.



Trunfos para seu encanto



"French-cancan", vestido "habillé" em crepe da China, saia balão e "Rue des Saules", para coquetel, em "moiré" branco, de original efeito na frente da saia, modelo Dix-Sept.

PELE E MAOS MACIAS

Vários especialistas recomendam uma máscara-creme, fácil de utilizar, que convém a tôdas as naturezas de peles e torna rijos os músculos, unifica a pele e dá brilho à cútis. Se o frio, a água calcária ou os serviços domésticos tornam vermelhas e ressecadas suas mãos, pode empregar um creme com base de essência de limão natural e produtos alimentícios não gordurosos. Suas mãos se tornarão novamente brancas.

EVITANDO SINAIS DE CANSAÇO

Um tratamento, chamado "neocolisação", para lutar contra o enrugamento do pescoço, com auxílio de massagens e de um creme nutritivo.

CÚTIS TRANSPARENTE

Nos institutos de beleza estão fazendo grande uso de um creme de base de pele fluido, muito leve, feito em três coloridos suaves: êle espalha-se facilmente e aveluda a epiderme.

Para meia-estação: inteiramente de tricô, criação de Rita Jacobs, gola e punhos de malhas horizontais; faixa de tricô.

A BORRACHA NÃO É NOSSA...



Do mesmo modo que a extração do látex, o trabalho de separação dos tipos é feito de maneira rudimentar.

A AMAZÔNIA, tantas vezes decantada como "Inferno Verde" e "futuro celeiro do mundo", vem, paradoxalmente, desde 1912, atravessando a grande crise de produção de sua mais importante fonte de riqueza — a borracha. E isso devemos à imprevidência dos sucessivos governos e proprietários de seringais.

Até aquele ano, ou seja, de 1909 até princípios de 1912, os transatlânticos da "Boot-Line" e outras empresas de navegação inglesas e americanas atracavam nos portos de Belém e Manaus, para despejar sua carga preciosa — champanha, jóias, perfumes — pois o alto preço da borracha permitia que os seringueiros usufruíssem todos os prazeres desejados, tendo, para isso, crédito ilimitado nas chamadas "casas aviadoras".

Os cabarés das duas cidades regorgitavam de mulheres trazidas especialmente da Europa, com a finalidade de explorar o seringueiro inexperiente, que, depois de completamente "depenado", recorria aos patrões, os "aviadores"... Enchia, então, suas embarcações de mercadorias, rumando novamente para a selva, de onde voltava meses depois, com seus batelões abarrotados das preciosas "pélas" de borracha.

Naquela época, foi consumida mais champanha e venderam-se mais jóias no Pará e no Amazonas, do que em todos os demais Estados do país.

O FURTO DE SEMENTES

Enquanto, dessa maneira, se desfaziam fortunas, os navios estrangeiros continuavam a trazer polacas e francesas, caríssimos artigos de joalheria, bebidas custosas voltando aos seus respectivos países entulhados de sementes da nossa preciosa seringueira, apesar da existência de lei que proibia rigorosamente a exportação do produto.

Com essas sementes, levadas pelo estrangeiro com a connivência de seringueiros ignorantes e de autoridades inescrupulosas, formaram-se no exterior, com toda a técnica necessária, os grandes seringais que viriam a disputar com o Brasil os mercados consumidores.

Finalmente, em fins de 1912, abateu-se sobre a Amazônia e o Brasil a crise da borracha. Cinquenta por cento das grandes firmas que se dedicavam à sua produção faliram; vinte por cento requereram concordata preventiva. A borracha, que chegara a ser cotada a 17 mil réis, teve o seu preço reduzido até 600 réis por quilo.

Em consequência desse tremendo desastre econômico e financeiro, a quase totalidade dos proprietários de seringais abandonou suas terras.

TEIMOSIA LUSITANA...

No entanto, naquela mesma época, um cidadão português, antigo comerciante de Manaus e também vítima da grande crise — pois foi um dos que requereram concordata preventiva — mas cheio de fé no futuro da Amazônia e na reabilitação da borracha, fez uma pequena plantação de seringueira (o "Seringal Miri"), instalou um pequeno jornal quinzenal ("A Seringueira") e passou a aconselhar, através do periódico, que se plantasse em cada seringal um mínimo de dez "estradas" de seringueiras, ou seja mil árvores, insistindo para que os proprietários de terras não abandonassem suas plantações, porque a borracha voltaria a ter o seu valor real.

Esse homem, a quem todos hoje reconhecem como um verdadeiro profeta da recuperação amazônica — embora tivesse sido qualificado, na época, de maluco e visionário — foi o saudoso comendador José Cláudio Mesquita. Sua resistência aos reveses, e sua teimosia, bem própria da estirpe lusitana, foi justificada e recompensada, quando a borracha voltou a ser necessária, ao estourar a última guerra.

A «BATALHA DA BORRACHA»

De fato, com a perda dos seus modernos e preciosos seringais, os americanos e ingleses ficaram em situação de desespero. Recorre-se, então, ao Brasil; recorre-se à Amazônia.

Recorre-se, não: impõe-se, desordenadamente, a famosa "Batalha da Borracha", sem permissão de crítica de quem quer que seja, motivo pelo qual Aristóфанes Antony, um dos mais dinâmicos jornalistas da Planície e diretor de "A Tarde", de Manaus, divergindo das medidas adotadas, através de um dos seus vibrantes artigos naquele vespertino, teve sua liberdade cerceada, ao mesmo tempo que era visado com a pecha de "comunista".

Organizada a "Batalha da Borracha", instalou-se no Brasil a "Rubber-Reserve". Criou-se o "Banco da Borracha", com capitais de quarenta por cento para o governo americano, cinquenta e cinco para o governo brasileiro e cinco por cento popular. E os pobres nordestinos foram mobilizados e levados, sem nenhum preparo e assistência suficiente, para a selva amazônica, a fim de extrair a "goma" tão necessária às indústrias e aos exércitos das nações aliadas.

O poder do dólar abarrotou a Amazônia, descontroladamente, de farinha de trigo, feijão, leite e tudo que necessário fosse para o "conforto" do "soldado da borracha". Emissários compradores seguem para o Ceará e sul do país, onde adquirem todo o estoque de rédes (cinquenta mil). Compram também igual quantidade de pares de alpercatas e dezenas de milhares de outras coisas, muitas inteiramente inúteis. Importam-se bilhões de tijelinhos para a colheita do "látex"; tijelinhos que foram abandonadas por não se adaptarem aos nossos seringais...

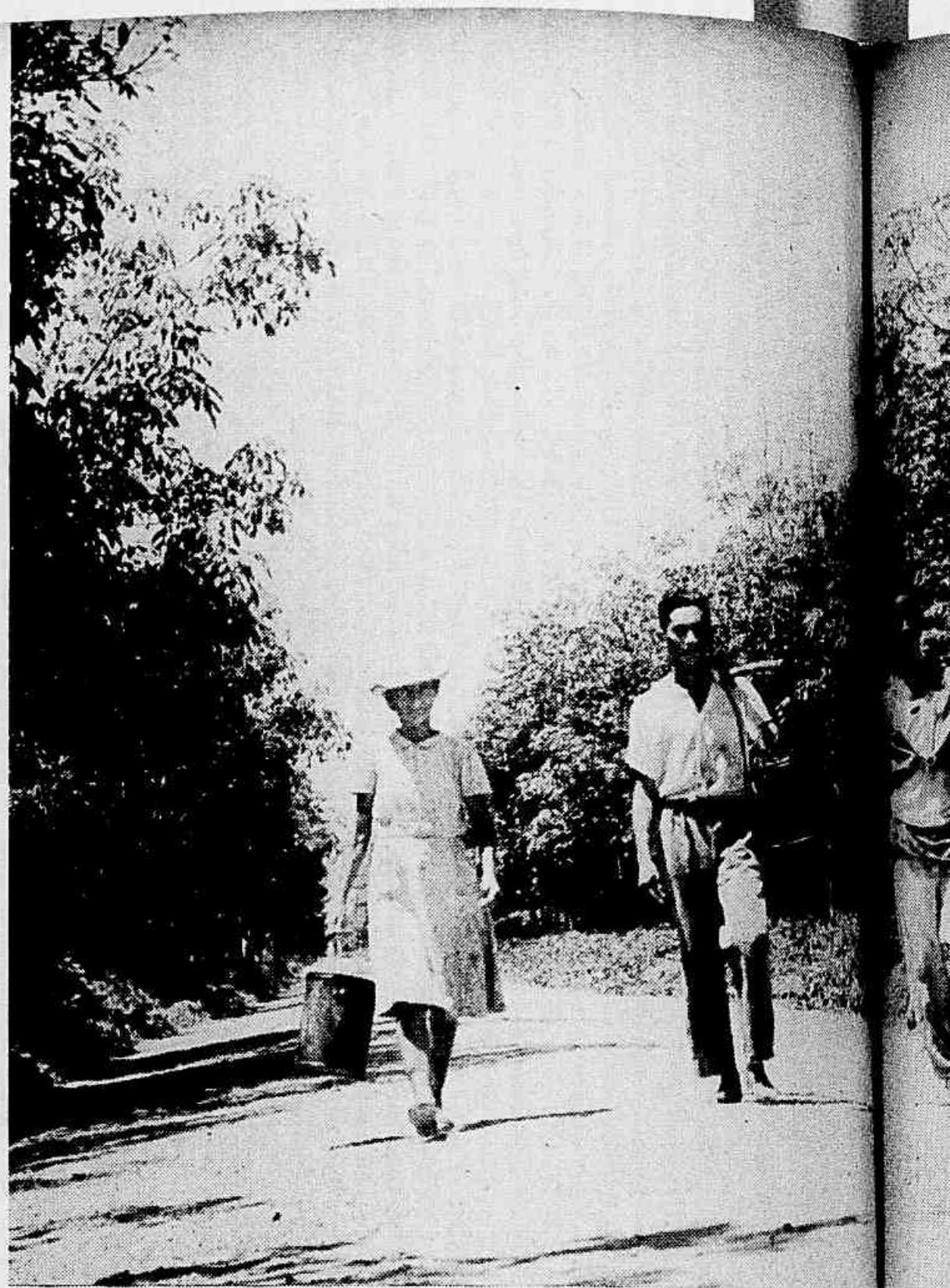
As condições climáticas da Amazônia não permitem a conservação de estoques de determinadas mercadorias. Em consequência, lançam-se aos rios dezenas de milhares de sacas de farinha de trigo, feijão, xarque, para alegria da peixarada...

Os "Catalinas" voam de Belém e Manaus para a América do Norte, lotados de "pélas" da borracha salvadora.

MORTANDADE E MISÉRIA

Terminada a guerra, processa-se a desmobilização. Cinquenta por cento dos nordestinos que formavam o "Exército da Borracha" sucumbem na selva inóspita e os restantes, quase aniquilados pelo impaludismo e outras moléstias, imploram que seja cumprido o que lhes fora prometido: regresso aos seus lares. Os órgãos oficiais federais que os haviam arrancado do Nordeste, sob falazes promessas, não os atendem; e as ruas de Manaus, Belém e outras cidades principais da Amazônia enchem-se de indigentes.

O americano ganhara a guerra; e com isso, recuperara



Como no passado, voltam os seringueiros a trilhar as estradas

os seus seringais, desinteressando-se das coisas da Amazônia e desfazendo-se de sua quota no Banco da Borracha. Fecha-se a "Rubber Reserve". A "Ford" presenteia os seus seringais de Bel-Terra e Fordlândia.

RECUPERAÇÃO

Mas floresce a indústria da borracha no Brasil, com a instalação de inúmeras fábricas de artefatos que requerem tal matéria-prima, em vários pontos do país, principalmente em São Paulo.

Amplia-se o Banco de Crédito da Amazônia, para melhor atender às necessidades nacionais. Vem a "fome" de borracha, provocada pela evolução da indústria borracheira. Aumenta-se o preço da matéria-prima. O Banco cria e depois amplia o seu quadro de agrônomos, a fim de proporcionar assistência técnica aos proprietários de seringais, possibilitando-lhes o plantio das seringueiras por processo científico.

A maioria dos seringalistas, porém, prefere continuar com os métodos antiquados, extraindo o "látex" nas "estradas" da mata virgem, talvez por achar — sem dúvida erroneamente — que isso era menos dispendioso e, portanto, mais "econômico". Daí, um dos motivos da insuficiência da produção em face das exigências crescentes do mercado consumidor.

Tivessem todos seguido os conselhos do saudoso comendador Mesquita e estaria hoje a Amazônia usufruindo melhores resultados de sua mais importante fonte de produção. Não estaríamos, atualmente, na situação humilhante de ser obrigados a gastar — como gastamos — nossas divisas, importando borracha estrangeira para atender ao suprimento de matéria-prima exigido pelas fábricas do país.

QUE FAZER?

Injustamente, ataca-se o Banco de Crédito da Amazônia pela escassez da borracha que ora se verifica no Brasil. En-



abertas na mata, em busca do látex.

tretanto, o referido estabelecimento bancário, além da assistência técnica oferecida aos produtores e que já mencionamos, tem feito tudo o que lhe é possível para que a matéria-prima em foco não falte à indústria do ramo. Seus funcionários trabalham exaustivamente, em horas extraordinárias, e fazem constantes viagens entre o Rio de Janeiro, Santos e São Paulo, procurando desembaraçar prontamente os carregamentos de borracha destinados à indústria. Mas nem tudo depende do Banco, pois devem ser atendidas exigências da Alfândega, da Cia. Docas, etc., não estando também na alçada daquela organização de crédito evitar as mazelas do nosso sistema de transporte, como, por exemplo, o atraso que se verificou com uma composição de quinze vagões da Estrada de Ferro Santos — Jundiá, a qual saiu de Santos num sábado, à noite, com 340 toneladas de borracha e chegou a São Paulo somente na terça-feira imediata, à noite, depois de intensa atividade do Banco para localizá-la.

No que diz respeito à produção de borracha nacional, cabe aos proprietários de seringais incrementar a plantação racional, seguindo a orientação dos técnicos do Banco em apêço, conseguindo assim, em breve, quantidade de borracha suficiente para atender às necessidades da indústria, sem o desperdício de divisas atual. Façam como o cel. Janary Nunes, quando capitão e governador do Território do Amapá, que levou a efeito a plantação de um milhão, depois cinco e hoje mais de dez milhões de pés de seringueiras naquela unidade federativa.

O problema da borracha nacional pode ser resolvido, sem demora, bastando para isso que aos esforços dos governos estaduais do Amazonas, do Pará e Territórios Federais, e à boa-vontade e apoio do Governo Federal, assim como ao trabalho profícuo e incessante do Banco de Crédito da Amazônia, se junte a indispensável cooperação dos nossos seringueiros, que, em última análise, tudo terão a ganhar e nada a perder com a libertação econômica do Brasil — libertação que depende, em grande parte, da auto-suficiência na produção de matéria-prima para sua indústria.

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00 — NAS BANCAS DE JORNAIS

APRENDA

A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiado volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»

Nº
NOME Nº
RUA
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

ANTI INFECTUOSA I.B.M.

VACCINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. nº 731 13-3-1923



AS AEROMOÇAS DORMEM

TÂNIA É ALTA E BONITA. Nasceu em Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina. Seus pais são alemães. Desde criança, adorava viajar. Por isso, um dos seus divertimentos prediletos era passear de casa para o centro da cidade, em Jaraguá. Hoje ela faz parte de uma frota de brotos que atende pelo simples nome de "aeromoça". É a história do seu diário de bordo, tirado das 24 horas de sua vida, que ela nos conta, deixando de lado — é claro — o que existe de mais sigiloso. Muito embora ela tenha confessado que sua vida "não tem segredos". É uma moça comum que passa o tempo cuidando dos seus passageiros. Mas vejamos o que ela nos tem a dizer...

NEM TUDO SÃO FLORES NA PRIMEIRA VIAGEM

"Meu nome é Tânia e, apesar de filha de alemães, não enfrentei os horrores da guerra, porque nasci no Brasil. Sempre desejei estar ao lado daquelas moças bonitas que nos aviões estão sempre sorrindo e tranqüilas, ora servindo um café, ora um almoço. Minha vontade de ser aeromoça fez que meus pais não se opusessem em minhas pretensões. Hoje, sou uma delas, servindo como comissária efetiva dos "Convair" da "Real". Minha primeira viagem foi "São



M DE OLHOS ABERTOS

Paulo — Maringá". Confesso: o nervosismo tomou conta de mim. Tremia mais do que os passageiros. Quando subi as escadinhas e entrei no "mais pesado que o ar", disse para mim mesma: "Agora não há remédio, o jeito é enfrentar a parada. Por incrível que pareça, não tinha medo. Mas enjoei! Quando atingimos a metade do caminho, fiquei mais calma e tudo se normalizou. Agora, explico porque não tive medo. Viajava no avião um garotinho de uns 3 anos. Passou o tempo todo andando de uma ponta à outra. Pensei: como ter medo, eu que sou adulta, se nem o mais forte dos balanços preocupa esta criança? Daí em diante, era só adquirir experiência..."

DORMINDO ACORDADA

"Há dois anos e meio sirvo na "Real". Ganho relativamente bem. O bastante para sobreviver. A vida de uma aeromoça é pontilhada de "espinhos". Mas não dou importância, porque adoro viajar. Para começar, dormimos de olhos abertos. Mesmo quando não estamos viajando, porque, no dia da folga, às vezes somos obrigadas a interromper o sono de madrugada para atender ao chamado da Companhia, que convoca a primeira que atende o telefone, quando uma das moças adoece e não pode comparecer. Lembro-me que um dia cheguei em casa à noitinha, depois de uma viagem

Para a aeromoça, domingo pode ser dia de tr



a Porto Alegre. Jantei e não tive ânimo para sair. Fui dormir. De repente, o telefone tilintou. Era da companhia. Uma colega faltou ao trabalho e precisavam de mim. Era uma viagem a Buenos Aires. Foram mais 24 horas de trabalho. É bem verdade que na capital portenha pude descansar para a viagem de retôrno, mas já imaginaram a minha situação nesse dia? Sentia-me tão cansada como um passageiro da linha D. Pedro — Nova Iguaçu, na Central do Brasil, na hora do "rush". Situações como essa acontecem freqüentemente. Mas no meu "diário" há um registro feliz a respeito dessas viagens: a lembrança das emoções porque passamos e vivemos."

VOANDO O BRASIL

"Faço vôos para o norte e sul do país. Fortaleza, Recife, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Belo Horizonte e São Paulo (local de minha base) e Rio de Janeiro. Não faço distinção entre uma cidade e outra. Porque meu prazer é viajar. E basta entrar num avião para me sentir bem. Não costumo fazer diferença entre passageiros. Somente quando viajam crianças a vigilância tem que ser redobrada. Quando a viagem é noturna e faz frio, é preciso estar bem atenta para servir cobertores aos passageiros. Porque eles (os passageiros) em sua maioria, são



acanhados e têm medo de pedir alguma coisa à aeromoça. Pois saibam que estamos sempre às suas ordens, prontas para atender a qualquer pedido, seja de um café, um refrigerante, um sanduíche ou um travesseiro. Até mesmo comprimidos para quem tem dor de cabeça. Ali estamos para isso mesmo."

O PERIGO NÃO ASSUSTA

"Para ser uma boa aeromoça, é preciso antes de mais nada, ser calma. Principalmente nos momentos de perigo. Já participei de sete "mono motor" (pouso de um motor só). Os passageiros nem tiveram conhecimento do fato. Nosso comandante era um homem hábil no manejo do aparelho e por isso não houve problema. Geralmente todos os comandantes são bons. Mesmo porque, conhecem bem a profissão e sabem a responsabilidade que lhes pesa sobre o ombro. Nunca enfrentei uma "pane". Mas posso garantir que se algum dia o avião em que viajar sofrer um acidente, saberei ser calma e precisa para tomar qualquer providência e tranquilizar os passageiros. Na vida de uma aeromoça, quando no ar, não existe dia ruim. Muito embora, às vezes o tempo queira ser "amigo da onça", mudando repentinamente. Mesmo assim, confiamos no nosso comandante e pilotos."



A ESPERA DO CASAMENTO

"Nunca encontrei passageiros inconvenientes. Mas há colegas que já passaram maus momentos. Há, também, o tipo de passageiros "D. Juan". Ainda não conheci nenhum. Existem os discretos, que procuram marcar encontros para passeios na cidade em que vão saltar. Também não os conheço. Outros procuram conversar e saber de nossa vida, para passar o tempo. Costumo tratá-los com respeito, proporcionando-lhes o máximo de conforto. É o nosso dever. Muitos perguntam se uma aeromoça deve casar. Acho que

sim. Por que não? Eu ainda não me casei porque não encontrei meu **príncipe encantado**. Mas, mais cedo ou mais tarde, isso acontecerá, porque chega uma certa idade em que não podemos viajar mais. E, quando isso acontece, é preciso que estejamos prontas para assumir o comando de um lar, como boas donas-de-casa. Quanto a mim não haverá esse problema. Saberei ser uma boa dona-de-casa, com alguns filhos para cuidar e proporcionar momentos de alegria. Nãoensem que já estou atingindo a idade de uma balzaquiana. Até que sou bem jovem. Significa apenas a minha maneira de pensar. Acredito que não esteja errada."

UM DIA DE TRABALHO

"Nosso primeiro contato, ao começar um dia de trabalho, é com o setor de operações da companhia. É para ver a escala e assinar o ponto. Antes do vôo há tempo para um bate-papo com alguns colegas. Quando os passageiros entram no avião, já estamos lá dentro, prontas para seguir viagem. Daí em diante, é cuidar de todos e atender às ordens do comandante. Quando há pernoite (vôos que nos obrigam dormir na última cidade em que o avião pousa) nos sobra um tempinho para dar umas voltinhas pela cidade e conhecer o lugar. Se a viagem é longa, o cansaço é maior e em consequência temos vontade de dormir mais cedo. Porque, geralmente, levantamos vôo logo na manhã seguinte. Não temos o problema de despertar cedo. O hábito já nos acostumou a isso."

ESTUDAR PARA VIAJAR MAIS

Tânia ainda não fala inglês. Mas seu "diário" registra este detalhe: "Estou estudando com afinco a língua inglesa para poder fazer viagens internacionais. Quero conhecer os EE.UU. E isso acontecerá brevemente. Sou boa aluna e não encontro dificuldade para aprender o inglês. Nas horas em que não estou voando abro o livro para estudar. Assim encontro, também, uma distração."

O DOMINGO NÃO EXISTE

"Para uma aeromoça não existe o domingo. O descanso pode ser em qualquer dia da semana. Já me acostumei a trabalhar aos domingos. Quando não estou de serviço sinto até falta da Companhia. Por isso, esteja ou não trabalhando, sempre apareço no aeroporto para saber as novidades. Gosto





INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Réde Interna)

São Paulo — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"



LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00 — NAS BANCAS DE JORNAIS

'Mil' lhe oferece:

Ferramentas
OFICINAS
AMADORES
ESTOJOS SOCKETES
CATRACAS ESTRIAS

Só na Mil

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

AS AEROMOÇAS...

muito das minhas colegas e elas de mim. As viagens que fazemos são sempre nossos assuntos prediletos. Quando uma sofre um acidente qualquer, sofremos mais do que ela. E torcemos para o seu pronto restabelecimento, desejando que fôssemos um médico milagroso para curá-la imediatamente. É raro o dia que não temos assunto para conversar. Porque num aeroporto tudo é motivo de palestra. Quando temos reivindicações a fazer na Companhia, nos reunimos nas horas de folga. E assim correm os nossos dias, até que deixamos de trabalhar. Aí só aparecemos no aeroporto como passageiras. Mas, pelo menos comigo, isso não acontecerá tão cedo. Espero durar mais alguns anos como aeromoça. Até que ocorra o casamento."

EMOÇÕES

"Confesso que a maior emoção que senti como aeromoça foi na minha primeira viagem. Ser comissária sempre foi meu sonho. E ao vê-lo tornar realidade fiquei nervosa. Talvez seja por isso que enjoei nesse dia. Quando há um passageiro importante a bordo — podem estar certos — nosso sistema de trabalho não se modifica. Trato a todos com distinção e igualdade. A não ser que seja uma viagem especial, em avião fretado por uma só pessoa. Mesmo assim o tratamento não se modifica, porque não há necessidade de mostrar que somos mais do que a aparência indica. Acima de tudo é preciso fazer ver, apenas, que a Companhia presta um bom serviço a bordo. E a consciência do dever cumprido nos basta. No ar, fazemos de conta que estamos trabalhando em terra, procurando dar essa mesma impressão aos passageiros. Assim, os nervosos se acalmam e as coisas correm melhor.

Certa feita, um passageiro insistiu em dizer que estávamos em "pane". Porque um temporal atravessou a nossa frente. Disse-lhe que tivesse calma porque não havia nada. Tudo estava correndo bem no aparelho. Fiz ver-lhe que podia ter confiança em mim, porque se alguma coisa acontecesse eu também estaria correndo perigo. Ele se acalmou e pouco depois o temporal passou. A viagem correu normal e tranqüila, até o pouso.

Quando um passageiro se sente mal, cercamos-lhe de todo o cuidado e o tranqüilizamos o máximo possível. Quando há um médico a bordo, o problema está resolvido. Porque é sempre uma palavra autorizada. E isso desfaz qualquer má impressão do passageiro doente. Há detalhes mínimos que preocupam os passageiros de primeira viagem. Qualquer balanço, por exemplo, é motivo para perguntar à comissária se vai demorar muito a chegar ao destino. Compreendemos, mas não deixamos transparecer que ele está nervoso. Fazemos de conta que tem uma larga experiência em viagens dessa natureza e que no avião ele está tão seguro como em sua própria casa."

UM NATAL LONGÍNQUO

"Nesses dois anos e meio que trabalho como comissária, houve um Natal que passei fora de casa. Foi logo no primeiro ano. No dia 24 de dezembro tive uma viagem para Recife. E quando se vai a Pernambuco, o pernoite é sempre obrigatório. É bem verdade que vivo sôzinha, em São Paulo, longe de meus pais. Mas um Natal trabalhando não deixa de entristecer. O problema foi resolvido com algumas castanhas que a tripulação de bordo comprou para comemorarmos a festa."

"E é assim a nossa vida. Ser comissária é agradável e ao mesmo tempo emocionante. Para quem deseja viver dessa forma, não há emprêgo melhor. Por isso vou continuar por mais alguns anos..."



Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

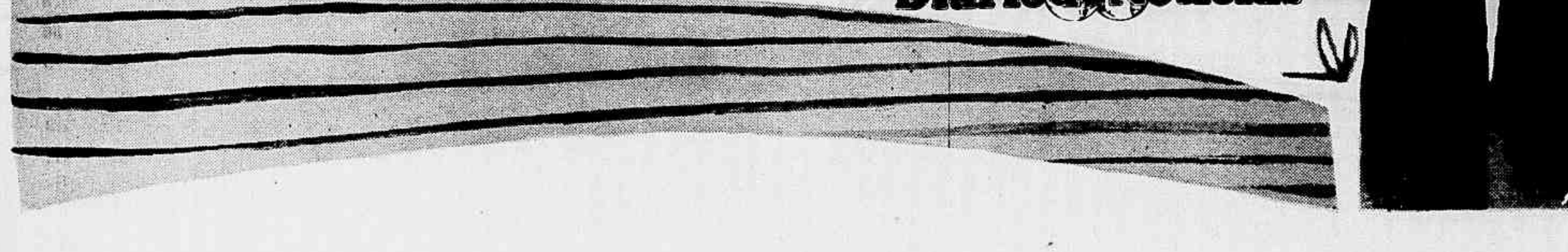
Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

Os melhores cronistas. Colaboradores selecionados.

assim é o novo mundo ilustrado

Organização do

Diário de Notícias



A MORTE TRAZ A VIDA

Lausimar Laus Gomes



ELE VOLTAVA naquele dia do cruzeiro que fizera no "Saldanha". Sem saber, procurei-a justamente naquela hora imprópria, quando teriam muito de conversar, naturalmente, depois de tão prolongada ausência. Mas como não sabia de nada, não me senti muito constrangida. Ao sair do elevador, antes de ver o rosto moreno de Cândida, saído de um penteado à 1800, negro cabelo, cujo negrume e brilho faziam passar despercebido o antiquado da moda, escapava do apartamento um rumor próprio de casa feliz. Notas da "Sonata ao Luar", misturadas a acentos mornos de voz máscula. Quis voltar, mas pensei no Orestes, o filho mais velho do general, do apartamento da esquerda. Devia ser lá. Só quando toquei a campainha e veio o silêncio, foi que compreendi. Sentia-me agora, fiscalizada pelo olho-mágico, para depois aparecer Cândida, sempre a mesma, sempre o costumeiro aspecto, só meio amargurada com o meu aparecimento, coisa que se podia perceber através de seus gestos um tanto forçados. Mas não era nada. Procurei ser natural: cabeça para lá, cabeça para cá, beijo de mulher em mulher, mas cumprimento francês, que beijo mesmo, e soltei a fala:

— Já sei, é o Permino!
— É...
— Desculpe. Se soubesse...
— Qual, que bobagem. Você é de casa... entre. Quero mostrar-lhe...
— Já sei. Muitos presentes. A Europa está cheia de coisas lindas. A França, madame Schiaparelli, Dior, jóias, etc...
— Nada disso. Você sabe que o Permino é ciumentíssimo. Ele jamais traria coisas dessas. Sabe o que me trouxe? Um carro.
— Um carro?
— Que maravilha, afinal, um carro é coisa muito grande! Melhor que...
— É, mas eu não vou guiar, é claro. Ele não me deixaria. E o medo de me perder? Não sossegaria nunca! Medo de desastre, de acidente, de não sei mais o quê. É um amor o Permino... trouxe geladeira, batedeira, pirex, torradeira, aspirador de pó, olhe:
E eu ia vendo a eletricidade que invadia a casa de Cândida. Nisso o grito do Permino saiu do banheiro:
— Cândida, minha flor, traz aquilo.
— Espere, Lúcia, espere. Vou atendê-lo. (Falou com afobação).
Fiquei na poltrona perto do piano, enquanto minha cabeça fazia filme dos

dois. Que inveja. Tão felizes... Homem encantador, o Permino. Dizer que anda mundo inteiro, e só Cândida o prende. Gosta que ela seja diferente. O cabelo... igualzinho ao de vovó Maria Angélica no retrato do tempo do Império... as unhas brancas, cortadinhas. E aquela palidez sem rouge nem baton, aquele vestido colado ao pescoço... Tudo é ciúme, como diz ela. Ciúme e cuidados. A gente vê mesmo como ele a adora. É sempre: minha flor, minha deusa, minha flor outra vez. No Natal passado, que coisa de impressionar! Ela tem é devoção por ele mesmo, credo. Enquanto todos festejavam, com iguarias e música, a noite de festa, ela trancou-se para rezar por ele, que estava ausente. Não quis ouvir "Noite Feliz", não deixou que nem uma só castanha entrasse em casa, nem mesmo as que lhe mandara a senhora do general, já cozidinhas, prontas. Nada: Castanhas! Pois se nem queijo entrou em casa durante a ausência do Permino, só porque ele adora queijo... Esses dois, não sei mesmo se haverá igual... ah!... casar assim é o ideal...

Permino chegava inopinadamente na sala, como rajada forte, atirando vidraças para trás. Sua voz, sua masculi-



nidade, sua vibração, tiraram-me daquelas considerações sobre os dois.

— Bon jour, mademoiselle.

— Olhe, Cândida, não trouxe Schiaparelli, mas...

— Qual nada! Cândida é linda. É flor e flor tem de ser como desabrocha. Você já viu essas flores que os floristas põem na anilina, para colorir? Que profanação da natureza! Que absurdo!... Assim é Cândida. Ela não pode ser profanada. Seus cabelos longos, sua feição natural, sua simplicidade é tudo o que me apaixona. Ando mundo inteiro, e só ela absorve o mundo, desde a China até o Arroio Chuí...

— Isso é que é marido! Já estive apreciando a sua eletricidade...

— Ah! mas o que trouxe de mais importante você ainda não viu. Venha ver depois, quando chegar.

— Já sei. O carro..

— Nada disso. O carro sabe, trouxe para Cândida, para que passeie um pouco. A Tijuca, o Joá... sempre me encantaram... mas o relógio é que é o maior!!

— Relógio?

— Sim. Um relógio que vai do chão ao teto. Um relógio inglês, daqueles que serviram para esconderijo dos cé-

lebres ladrões ingleses, como Rafles, o destemido.

— Mas, para que relógio tão grande? E o apartamento chega?

— Há de chegar, há de chegar. A gente faz umas arrumações aí e... isso é para mostrar como adoro o antigo. Não suporto modernices. Londres, que mundo! Que gente conservadora! Não suporto inovações pueris, principalmente em mulher. Mulher interessante é a mulher do século passado: tímida, recatada, sóbria, coberta. Essa sim. Eis a minha devoção por Cândida. Ela se fez à maneira de que eu aprecio, e acabou-se mulher para mim. Só ela. Cândida foi um presente dos céus para um marujo, cansado das lutas do mar.

A conversa ia desde a beleza natural de Cândida, até Paris: Ele, no pôrto, nem desembarcava. Preferia a leitura de Madame Bovary no original.

Cândida, sentada, como lâmpada inútil durante o dia, ouvia e acariciava com a avidez do olhar, as palavras preciosas de Permino. Nem uma palavra, nem um gesto. Apenas um retrato da moda de outros tempos, contrastando com toda a frota elétrica com que Permino enchera a casa. Ele se dirigia a mim, tomando

de encantos por Flaubert, por Daude e injuriando Sand. Do Romantismo até o Realismo, ele passou por épocas e sonhos e desfraldou a bandeira de reação contra o modernismo, em todos os setores. O telefone chamou baixinho, como telefones de mesa de quarto de doente. Num ti-lin-tim medroso. Cândida tinha colocado algo na campainha para amortecer o som, poupando os nervos de Permino. Correu atônita para atender. Ele ficou olhando em direção... Era para ele mesmo. Os passos se encontraram no corredor. Cândida voltava a acender os olhos e as palavras, como se a ausência de Permino levasse toda a luz do ambiente e ela então, procurava substituí-lo. Perguntei assustada:

— E a empregada?

— Psiu... mandei embora hoje. Ele não gosta de criada. Só come feito por mim. Viu os Pirexes? Pois é. Agora vou preparar-me para os risotos, as tortas... os almoços de domingo com a comadre Vina. Sempre que ele está em casa, reunimo-nos todos os domingos. Mas só come feito por mim. Coitado, também já basta quando está viajando. Quando chega faço só o que ele quer...

— Muito bem, muito bem. Vou embora. Afinal, vocês ainda nem puderam conversar tudo. Ele chegou hoje...

— Qual Ele vai continuar com o tal do Flaubert, enquanto faço os quitutes.

— Então você recomende-me a ele, sim? Até outra vista.

Outra vez o cumprimento francês da moda brasileira, e chego ao elevador.

NEM TINHA FEITO um ano, quando me encontro, na cidade, com Cândida, toda de preto, magra e lívida como um resto de cera. Era a primeira vez que a via depois de minha mudança para Copacabana. A Tijuca ficava longe; o trabalho absorvente, tinha sido difícil. Foi a desculpa da ausência. Não podia calcular a razão daquele aspecto tão macegado e sofrido. Que teria acontecido? Minha cabeça não atinava com coisa alguma, até que me disse:

— Estava viúva.

Num segundo calculei a desgraça para aquele amor, aquele carinho, a perda daquele homem que era uma autêntica imagem do marido amoroso. Ela não tinha enlouquecido? Ou morrido? Seria possível?

— Mas, como foi? Você não morreu? (Isso escapara-me quase abruptamente, como uma certeza, uma certeza de que, quem perde um Permino não pode mais achar a vida). E continuei, depois, quase atônita.

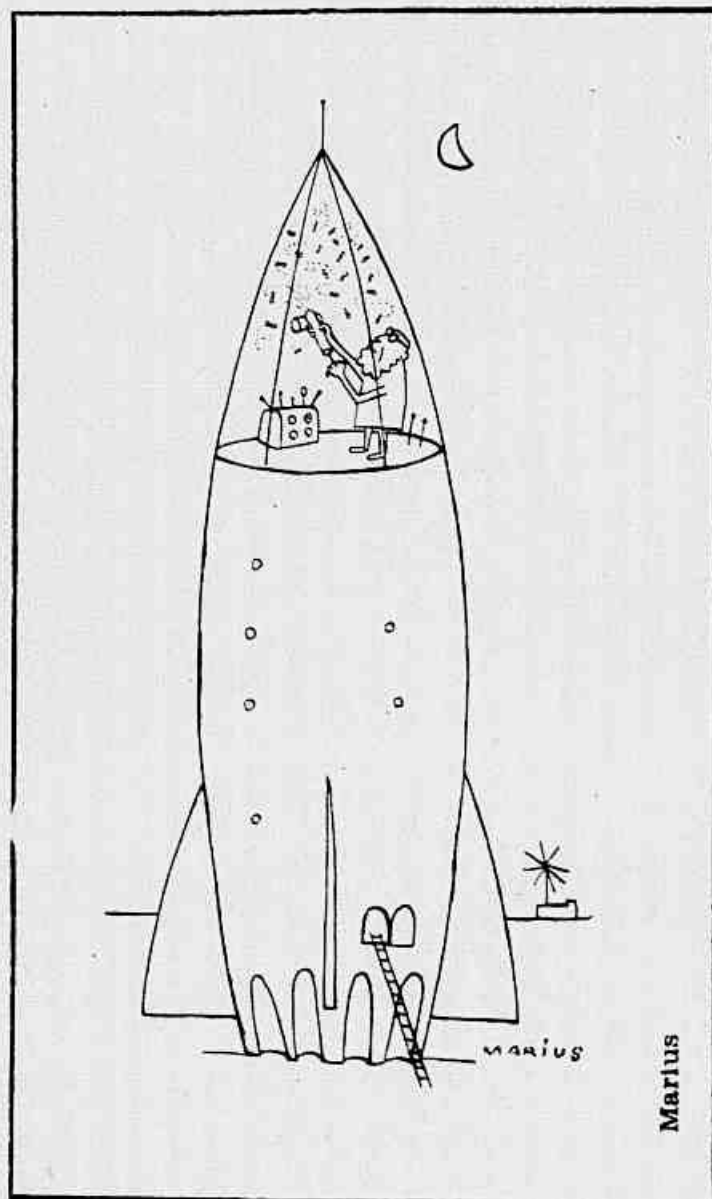
— Mos, como foi isso, Cândida?

— Congestão. Congestão cerebral. E embalançava a cabeça afirmativamente. Uma congestão cerebral. Um domingo, depois do almoço, ele e a comadre Vina saíram de carro. Foi levá-la a casa e quando voltou, à noite já passava mal.

Não. Não era possível. Será que ali a minha frente estava a Cândida do Permino, falando aquilo? Não era possível. Parecia meio serena até, diante daquela tragédia, contando tudo... Isso na esquina de Ouvidor com Gonçalves Dias. Uma cotovelada, mais outra, dos que passavam apressados, e fomos parar na Bol, para conversar melhor.

A CADEIRA arranhou o chão, ela sentou-se de costas para a moça gorda que prestava atenção à nossa chegada, e continuou enquanto o sorvete de pistache e goiaba misturava-se num líquido antipático, até virar cor de indefinível tom. E contou, num suspiro meio enigmático, quase indecifrável, a história da ida da comadre com o Permino, dois minutos depois do lauto almoço, que ela docemente preparara nos pirexes estrangeiros. À noite voltou doente. Chamaram o médico. Pediu para ficar só com o dr. Agnaldo. Depois da conferência secreta dos dois, ela não pôde saber. Apenas que era grave. Quase enlouqueceu. Passou os dois dias que se seguiram à cabeceira, como lâmpada, apenas. Não podia falar. Ele chamou

pela comadre e o afilhadinho. Vieram. A comadre chorou como desatinada. A tarde ele se foi. Ela não viu mais nada. Ficou em coma. Não comeu durante dez dias, não dormiu, não deu cor de si. O médico à cabeceira. Não queria viver mais. Sem o Permino não. Trouxeram-lhe leite, assim que pôde achar-se. Não queria. Insistiram. Não queria. A morte sim. Só a morte. O Permino foi, por que ela ia ficar? O dr. Agnaldo em desespero. Coma. Primeiro falava manso, carinhoso, mas depois perdeu a paciência. Berrava, vociferava. Abria-lhe a boca à força. Qual! Tudo em vão. Um mês e ela definhava. Não queria sôro. A enfermeira espetava e ela desespertava. Um inferno. A mãe, os parentes, todo o mundo chorando. Veio o psiquiatra, o padre, veio o bispo. Tudo inútil.



No dia seguinte o dr. Agnaldo foi confessar-se. Voltou correndo para junto dela.

— Dona Cândida, prepare-se para uma surpresa.

Ela nem ouvia. Olhos fixos no retrato entre os dedos magros, era só Permino que continuava a existir para ela. Só. Cabeça virada para a esquerda, os braços repousando sobre os travesseiros. E o dr. Agnaldo:

— Dona Cândida, não queria dizer-lhe, mas a senhora sabe de como sou católico. Está me ouvindo, está? O padre disse que para salvar uma vida não seria pecado quebrar o silêncio de uma confissão secreta, de alguém às portas da morte. É que não posso mais vê-la morrendo assim, sem razão.

Os olhos de Cândida, até agora quase sempre fechados, abriram-se um pouco (foi como uma campainha na cabeça de Cândida) aquilo era até sacrilégio.

— Pois sabe por que morreu seu marido? Por uma mulher!

— Uma mulher? (A voz de Cândida saiu como um pio de pássaro ferido entre ramos. Tênuo quebrado, lúgubre).

— Sim, senhora. Lembra-se de depois do almoço daquele domingo, a saída inopinada dos dois?

— Saída, comadre Vina, almoço... (repetia as palavras inúmeras vezes, com voz quase imperceptível).

O som surdo da queda do retrato no chão quebrou aquele silencioso recordar.

— Sim, isso mesmo — continuava o dr. Agnaldo — e depois, à noite, quando fui chamado, aquela conferência, sôzinho comigo, não se lembra? Pois é. É ela.

O lustre do teto descia e subia em seus olhos, havia ondulações nas paredes, e nem as lágrimas vinham. Todas já se tinham ido com a morte dele. Não choraria mais.

Pediu auxílio, com um gesto, ao dr. Agnaldo. Sentou-se recostada aos travesseiros. Era como se aquela desgraça viesse tonificá-la, levantá-la. Estava atônita, mas queria, inexplicavelmente, viver agora. Tomou leite e a injeção de sôro. Sentia algo distante, diminuído em sua vida como balão que sobe indefinidamente. Custaram a vir as forças. Aquêle era o primeiro dia que saía de casa. E parando de vez em quando, para descansar a voz ainda fraca, tolhida pela debilidade, contava:

— E depois, o melhor você não sabe. Quando fui pagar a visita de pêsames à senhora do almirante (afinal de contas, essas amargas verdades encobri aos estranhos), você não sabe o choque que tive. A senhora do almirante, muito amável mostrou-me, para recordar aquela figura esplêndida de saúde e de força do Permino, os retratos de durante o Natal, a bordo em Paris. Uma festa louca. A mesa, o Permino (Deus o perdoe) quase agarrado a uma francesa de cabelo à la homem. Noutro retrato, dançando feliz com um "tomara que caia". Ele, ele que detestava mulher decotada!

— Nossa!... E você, coitada, nem castanhas, hem?

— Nem castanhas? Nem nada. Você sabe, muitos dias não comi, recolhida em sua saudade.

A moça gorda, em frente, pagou a conta e esbarrou ao passar, em nossa mesa, tirando Cândida daquela recordação teimosa.

— Chi... quatro horas. Levantou-se às pressas.

— Você tem médico? Perguntei.

— Não, cabeleireiro.

Enquanto fiquei pagando a conta, via-a ainda, em passos meio incertos, num esforço de andar depressa, entre as mesas, com aquele cabelo, em seus últimos instantes, tão de vovó Maria Angélica, antes de se quebrar para sempre o silêncio daquela vida perdida no tempo, como lâmpada das horas mortas de sonho mentiroso e iconoclasta.

— FIM —



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE...



DE QUANDO EM QUANDO, a Light se descuida e corta a luz de alguns figurões que se descuidaram no pagamento das respectivas contas. Outro dia, foi um deputado que ficou às escuras durante um jantar puxado a "black-tie", levando grande gôzo quando os convidados descobriram as razões do inesperado "black-out". Mais um dos distraídos no assunto, que estrilou feio e forte, foi o Magnífico Reitor, Pedro Calmon, que também se descobriu sem luz, por descuido da famulagem encarregada de pagar-lhe as contas. Pedrinho protestou, ameaçando não mais segurar a estudantada na próxima greve de bondes, mas Dona Light se desculpou, alegando que seus barnabés conhecem o time do Mengo de cor mas não sabiam quem era Pedro Calmon...

* * *

PRIMEIRO, FOI uma balzaquiana, Depois, a vedeta Norma Tamar. Agora, a jovem Maria Sônia Soares de Araújo. Diz-se que, qualquer dia, o s. Nelito de Almeida ainda surge de namorico com alguma garôta do Sion...

* * *

A PROPÓSITO de namôro, estranha-se o amor violento do "play-boy" Sérgio Peixoto de Castro Palhares com a glamorosa Wania Junqueira. Os dois brigam e brigam, mas não desistem. Seguem na valentia e na teimosia.

* * *

VERANEANDO, NA Europa, o banqueiro Abelardo Acetta. Tempo quente, por tempo quente, o Biau prefere o de lá, que é mais ameno e mais tranqüilo.

* * *

ESTOU SEGURAMENTE informada de que o preço do voto, em Minas, subiu na esteira do dólar. No câmbio livre, cada votinho está cotado a cem cruzeiros. Se os srs. Santiago Dantas e Moreira Sales entrarem mesmo no mercado, teremos ágio bem mais nutrido na bolsa eleitoral.

* * *

VIAJOU A sra. Vera Butler, sobrinha da sra. Naná Wynans ("hostess" número um aposentada).

* * *

DUAS SENHORAS da sociedade foram convidadas a retirar-se do "Scotch",

em uma dessas noites, "porque mulher sem acompanhante não pode freqüentar aquele bar". As senhoras pretendiam tomar um "cognac" e conversar sobre o filme que acabavam de assistir. Saíram justamente indignadas, depois de indagar ao garção se "excêntricos sem acompanhantes podiam freqüentar aquele bar", pois algumas figurinhas difíceis do gênero trocavam confidências em mesas discretas da casa.



Já, entre nós, a senhora dona Maria Luíza Belmarço Rocheta, a nova embaixatriz de Portugal no Brasil. Sua Excelência tem sangue brasileiro, descendente que é da família Navarro de Andrade, radicada em São Paulo. Gosta de cães, tendo vários, principalmente "Farrusca", que a acompanha há doze anos. Prefere o azul, "Fleur de Rocaille", violetas. Não é adepta da "linha saco", mas não pôde evitá-la.

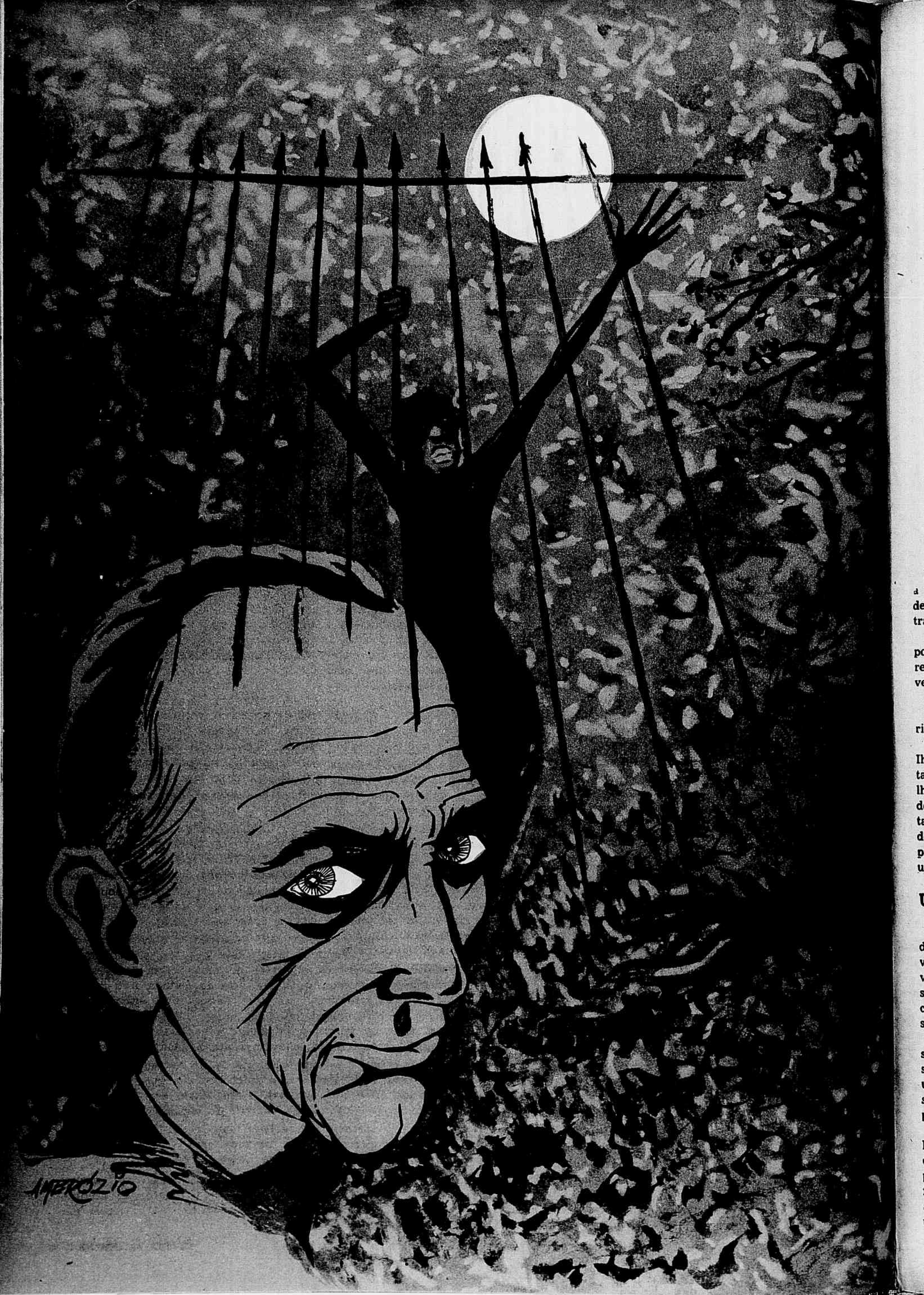
Bem-vinda seja, senhora embaixatriz.

* * *

CONSELHO A um certo nobre de ocasião, que anda ensaiando um exame vestibular no Jockey e no Country: devagar com o andor, querido; em matéria de bola preta, é melhor você comprar um título de sócio proprietário de clube carnavalesco. Sai mais barato e não dá decepção.

* * *

RONCOS ILUSTRES na estréia de "Jornada de um longo dia para dentro da noite". Em sociedade, tudo se sabe, tudo se ouve...



a
de
tra
po
re
ve

ri

It
ta
lh
de
ta
de
pr
un

U

d
v
v
s
c
s

s
s
u
s
F

l
c
F
f
a
u

NOVO DOUTOR JECKYLL EM LONDRES

Professor Lhermitte

EM LONDRES, um homem originário das Índias, com a idade de 42 anos, e sofrendo de um estranho fenômeno de desdobramento de personalidade, apresentou aos psiquiatras um problema inesperado.

Transportando ao plano da realidade e modificando um pouco a célebre história de "O dr. Jeckyll e o sr. Hyde", aparece, de dia, sob os traços de um homem normal, mas, uma vez que cai a noite, comporta-se como um macaco!

Nos dias futuros, a narco-análise decidirá da sua sorte.

Na França, os psiquiatras traduziram pela palavra "histeria" o que pensam do estado do Tarzan noturno londrino.

"O seu comportamento" — disse o ilustre professor Jean Lhermitte, membro da Academia de Medicina — "é o resultado de fenômenos complexos histéricos. Os casos, semelhantes ao seu, de desdobramento da personalidade, são, evidentemente, bastante raros. Ocorreu-nos, porém, termos tratado, quer pelo eletrochoque, quer por terapêuticas diversas, de homens que, depois de uma existência diurna equilibrada, procediam, durante a noite, como cães lobos e agiam como um animal, de cuja mímica se revestiam".

UM TERRÍVEL PESADELO

"O paciente que examinaram em Londres tem consciência das anomalias que revela durante a noite? É pouco provável. Ele age, verdadeiramente, a exemplo daqueles que viveriam um pesadelo. A hipnose dirá, sem dúvida, se a sua conduta está condicionada a certas reminiscências de cenas das quais tenha sido testemunha em sua infância ou sua mocidade.

Mas, desde o momento presente, pode-se afirmar que não se trata do fenômeno, igualmente muito estranho, a que se chama de emancipação da imagem corporal: bruscamente, um paciente que parece bem despertado e na plenitude dos seus sentidos vê aparecer diante dos próprios olhos a sua própria imagem.

Na verdade, parece-lhe que o desdobramento da personalidade física está aí, diante dele e o sentimento de realidade que se impõe ao seu espírito é tão vivo que o alucinado pensa que pode tocar nessa imagem ilusória, que lhe pode falar. Em certos pacientes, a ilusão é tão forte que estendem a mão para esse personagem que se lhes assemelha como um irmão ou querem tocar-lhe nos ombros.

Em muitas obras, figura a relação do que aconteceu a Goethe quando o poeta abandonou Frederique Brion: enquanto cavalgava, assaltado por pensamentos tristes, Goethe, de repente, teve a visão de um cavaleiro que parecia vir ao seu encontro, revestido de um traje escuro. Coisa estranha; esse estranho era ele próprio! Sacudindo a cabeça para dissipar essa ilusão, Goethe via logo eclipsar-se a imagem.

TAINÉ E MAUPASSANT

Hippolyte Taine, também, no final de um sonho, percebeu a sua própria imagem sentada em frente a uma mesa e revestida de um roupão caseiro listrado de preto e branco; quando esse duplex voltou-se para o original, desapareceu a imagem.

Guy de Maupassant, certo dia, estando em sua mesa de trabalho num gabinete silencioso, de onde qualquer pessoa estranha estava excluída, crê ouvir abrir-se a porta; vira-se, angustiado: qual não é a sua surpresa ao ver entrar o seu próprio duplex que vem sentar-se em frente a ele, e lhe dita, ao que parece, tudo aquilo que tinha que escrever. Quando terminou o trecho, apagou-se a visão.

"Tive ocasião de observar" — declarou o professor Jean Lhermitte — "diversos fatos desse gênero, um dos quais, muito recentemente. Trata-se de uma jovem que experimentava o sentimento de que, estando deitada, não mais se achava em seu corpo: por cima desse último encontrava-se o seu duplex, figurado por uma massa confusa que ela quase via, mas que sentia distintamente e na qual o seu espírito, a sua consciência se achavam transportados".

O dr. Targowia conta a história de um homem que revivia, em suas crises nervosas, o interrogatório que lhe haviam feito sofrer os SS Nazistas. Num outro, era um episódio particularmente atroz dos campos de deportação.

A narco-análise e as análises mais incitantes se permitem relacionar esses estados nervosos com a sua verdadeira causa, não permitem, sempre, infelizmente, curá-los.

Tão somente um isolamento completo pode permitir apagar, progressivamente, essa enfermidade da recordação dolorosa com o complemento de certas terapêuticas que parecem particularmente eficazes.

FIGURAS E FATOS

EU, HEIN, GIDE...

MENINO PARA VIAJAR — Procu-
ro com cerca de 12 anos, bem educa-
do, saudável e de boa apresentação,
para acompanhar escritor em viagens
e villegiaturas. Dá-se todo o confor-
to e assistência paterna integral.
Cartas com detalhes ao dr. DUPONT,
Hotel Imperador, Av. 15 de Novem-
bre 71, Petrópolis, E. do Rio.

27340 50

MECANICO DE HIDRAMATICO —
Precisa-se de profissional competen-
te Visconde de Silva, 2, Botafogo.

2057-50

CO
tas
Mu
po-
n.º
OPE
M—
rador
Diário
para

MINEIROS NOS STATES

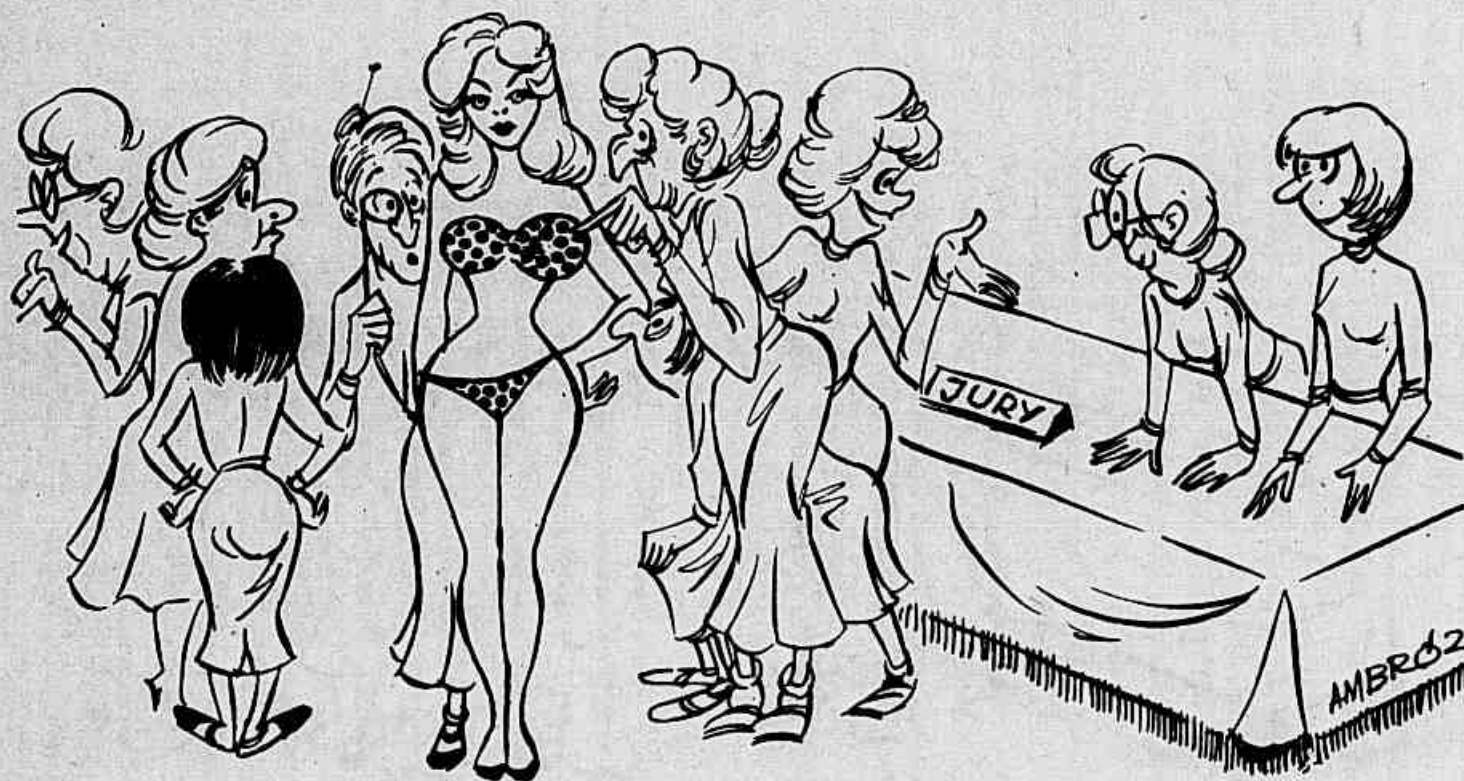
O "rush" mineiro aos emprêgos pú-
blicos já ultrapassou as fronteiras do
Brasil. Esgotadas as vagas na Capital
Federal, a mineirada se faz às estranhas,
pelo ar e pelo mar, atrás dos gordos
dólares que defendam um pé de meia
para o futuro incerto. Justiça, entre-
tanto, lhes seja feita: os mineiros par-
tem tristonhos, quase como exilados. E
dá pena ver esta gente simples e boa,
perdiça na agressividade do concreto
novaioquinês. Porque mineiro, mesmo
no Rio, é peixe vivo fora de água fria,
tapiando o desajuste no convívio dos
ingredientes que lhe são tão caros e
indispensáveis: conversinha fiada, queijo
de Minas, jabuticaba, tutu com lingüiça,
futraca política, couve e goiabada, queijo

de Minas, queijo de Minas e mais queijo
de Minas, é claro.

Mineiro em Nova Iorque não se dá
bem. Sonha com bravos pés de couve
verdeando no Central Park e jabutica-
beiras carregando na Broadway. Despeja
em qualquer brasileiro o seu muro de
lamentações. Um dêles, na ladainha, che-
gou a comover um recém-chegado com
esta queixa sentida: nem o PR daqui
é como o PR de lá! E nas noites frias,
Manhattan envolta em bruma, escuta
agora os ais sentidos de velhas modi-
nhas diamantinenses, canto da saudade
dos mineiros em desgraça. (Ah, quão
pesado é o tributo da vitória!...)

Eis, porém, que um caso diferente se
anuncia, com a notícia da próxima de-
signação do deputado Fernandinho para
a agência do Lóide Brasileiro em Nova
Orleans. Fernandinho dono e herói da
guerrinha de Mantena, seria afastado
para garantir a paz contratada entre
Minas e Espírito Santo. Já imaginaram
o risco que tal designação representa
para os States? Sem falar uma só pa-
lavra de inglês, isolado, nostálgico, cha-
teado, Fernandinho é capaz de querer
matar saudades dos seus tempos de va-
lente de fronteira e provocar um chari-
vari de conseqüências imprevisíveis.
Qualquer dia, acordam o atribulado Ike
para avisar que a Louisiana invadiu o
Texas ou o Mississippi.

TÉCNICA E TRADIÇÃO



O progresso da indústria especializada
em artefatos de borracha trouxe proble-
mas sérios e inesperados para a cons-
ciência dos jurados, que servem em tri-
bunais de beleza plástica. Aquilo que
antigamente um olhar guloso aferia,

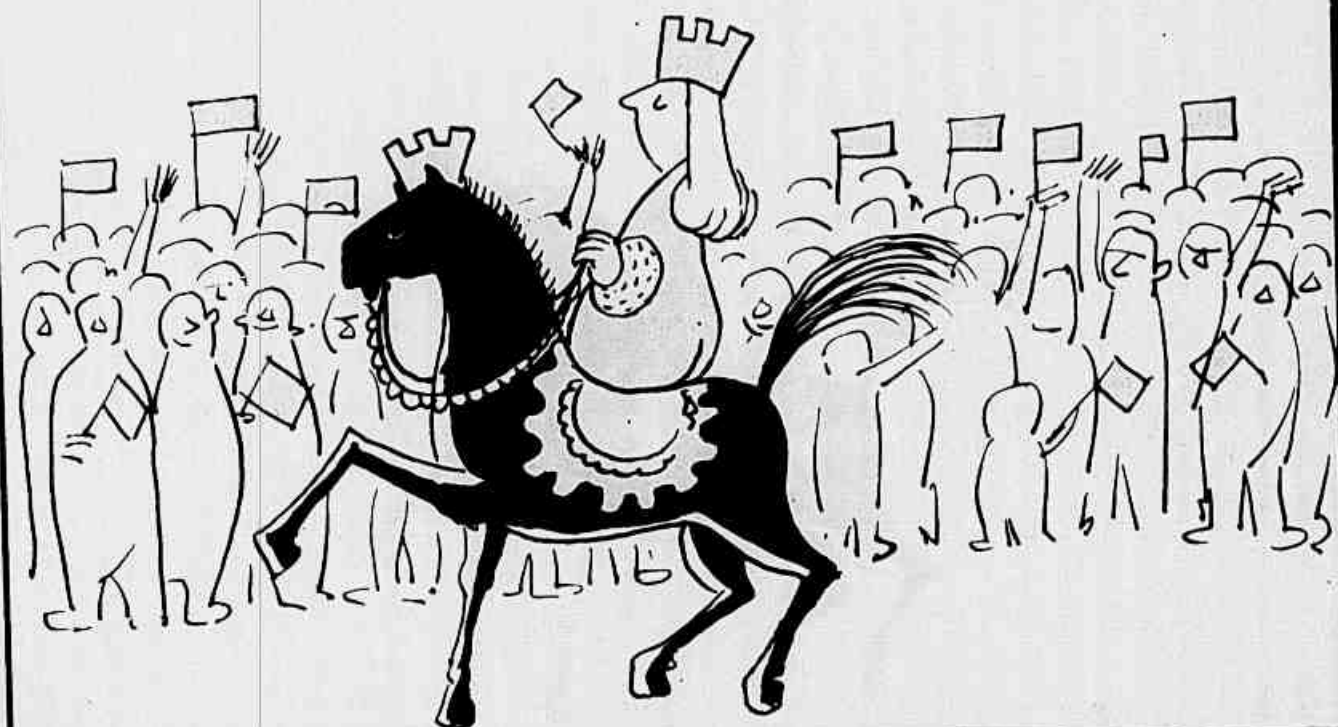
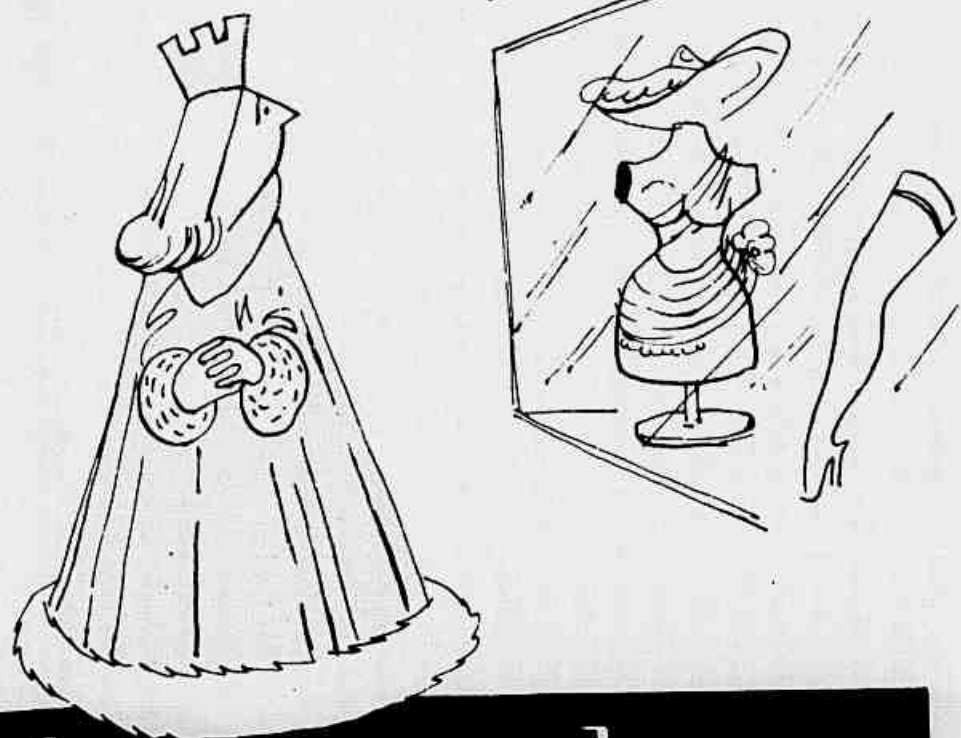
comparava e decidia, sem maiores difi-
culdades, converteu-se em fonte de dú-
vidas, possibilidade de erro. O espectro
de São Tomé baixou, sombrio, povoando
de incertezas o julgar outrora tão ameno.
A marcha da técnica impunha novos

cuidados: era preciso ver — ver de ver-
dade e de pertinho — a fim de crer
em curvas e contornos insinuados, sob
pena de incidir numa lamentável ilusão
de ótica e carregar para o resto da vida
um remorso incômodo.

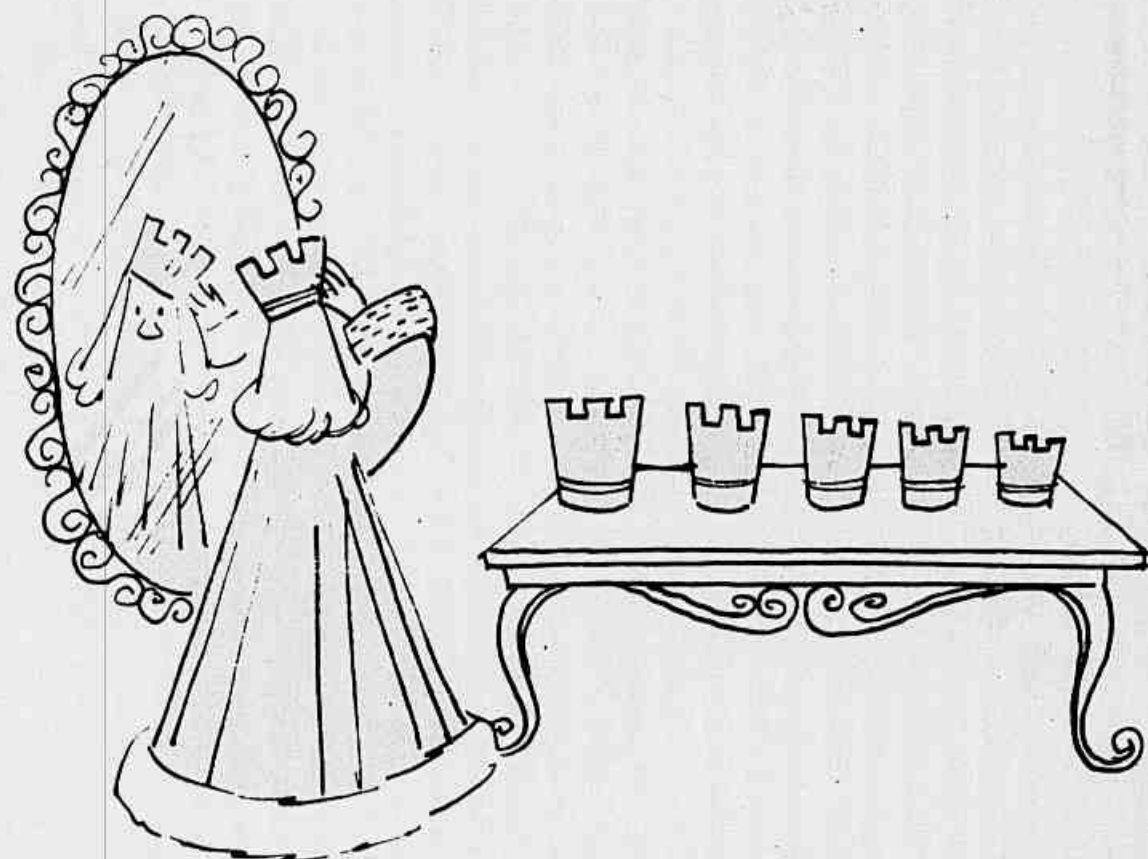
Louve-se, portanto, as providências
oficializadas pelo corpo de jurados, que
escolheu a candidata britânica ao título
de Miss Universo. Os trajes de banho
usados na competição foram severa e
minuciosamente examinados, garantindo
que, nada além dos atributos físicos, im-
pressionaria a sensibilidade do júri. Ma-
trons incorruptíveis funcionaram nos
vestiários como fiscais. E num ambiente
de tranqüilidade, segurança, a louríssima
Geraldine, de 19 anos, mostrou-se a
melhor entre as melhores.

Está intacta a tradição da indústria
inglesa e a consciência dos ilustres ju-
rados. Geraldine como todo produto que
as ilhas exportam, é perfeita. Sem de-
feitos ou contrafações que provoquem
devolução do material e abalo no pres-
tígio da manufatura britânica...

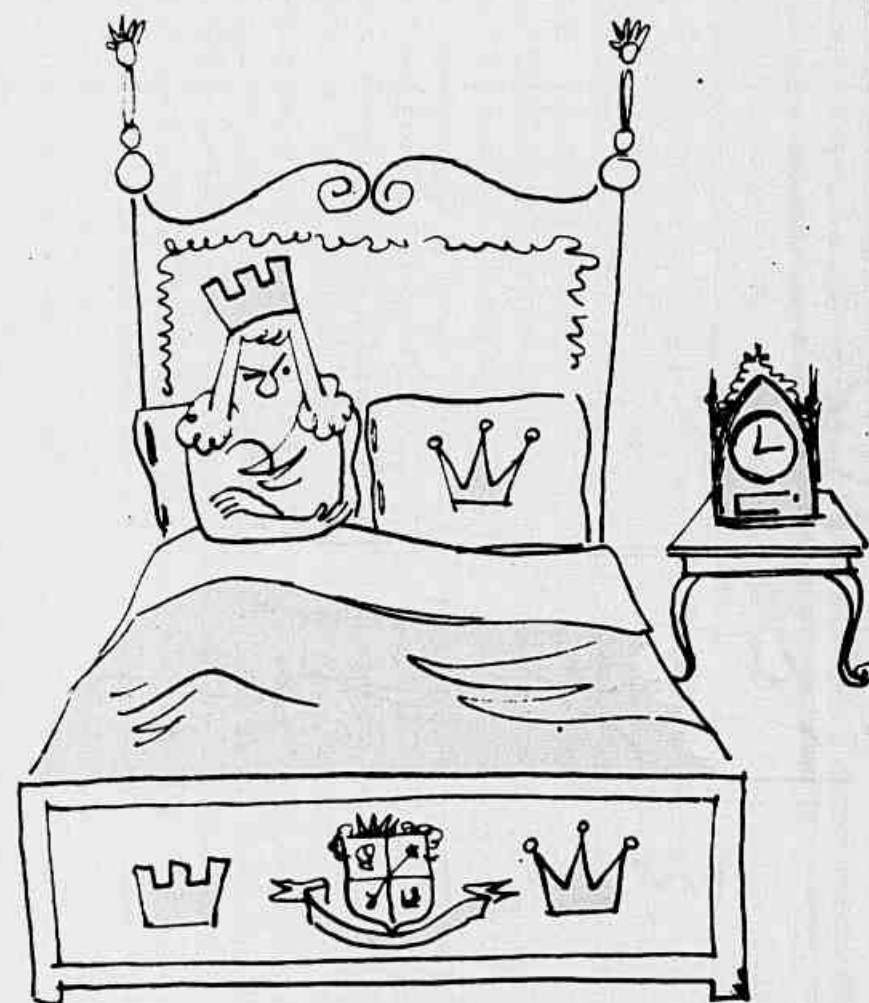
MODAS



a Rainha



AM
PRO
210





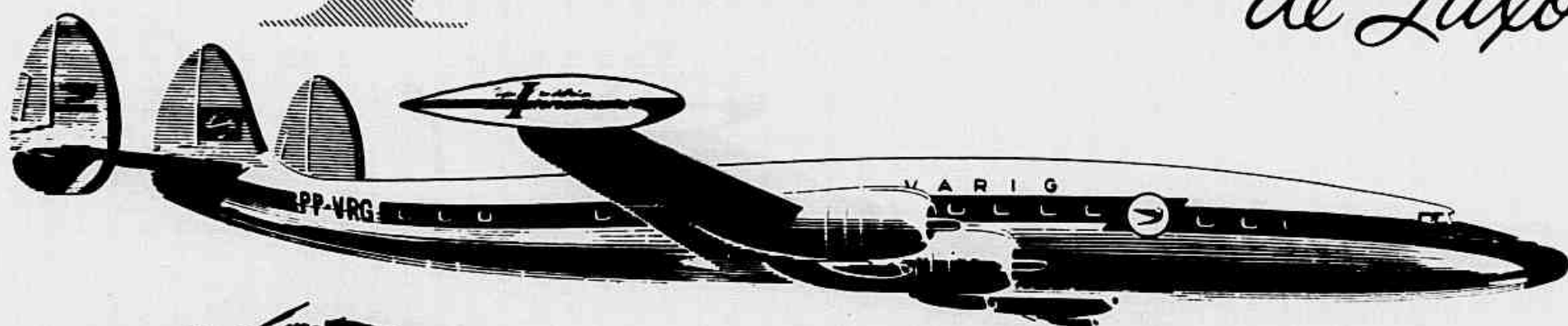
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super *Intercontinental* de Luxo Constellation



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas «sleeperettes» e um esmerado tratamento a bordo.

- * Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.